

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ –
UNIOESTE**

COLEGIADO DE PEDAGOGIA

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO/ CAMPUS
DE CASCAVEL**

**CO-PROMOÇÃO: FACULTAD DE PERIODISMO Y
COMUNICACIÓN SOCIAL DE LA UNIVERSIDAD NACIONAL DE
LA PLATA – ARGENTINA**



Caderno de Resumos

**II Congresso Internacional de
Estudos do Rock**

04 a 06 de junho de 2015

**Cascavel – Paraná
BRASIL**

Organização

Colegiado de Pedagogia e Mestrado em Educação/ Campus de Cascavel
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Co-Promoção

Facultad de Periodismo y Comunicación Social
Universidad Nacional de La Plata – Argentina

Apoio:

Colegiado de Pedagogia/ Campus de Francisco Beltrão
Colegiado de Letras/ Campus de Cascavel
Programa de Pós-Graduação em Letras/Campus de Cascavel
Programa de Pós-Graduação em História/ Campus de Rondon

Coordenação Geral

Alexandre Felipe Fiuza
Antonio Marcio Ataide

Comissão Organizadora

Adriana Fiuza
Alessandra Santi
Alexandre Ferrari
Ana Karine Braggio
Arthur Dapieve
Geni Rosa Duarte
Giovani Pinheiro
Guilherme Bryan
Rodrigo Merheb
Sergio Pujol
Silvana Schmitt
Silvana Vailões
Stanis David Lacowicz
Vanderlize Simone Dalgalo

Comitê Científico

Adalberto Paranhos (UFU)
Álvaro Luiz Hattner (UNESP/ São José do Rio Preto)
Emmanuel Nicolás Kahan (UNLP – Argentina)
Ernesto Bohoslavsky (UNGS – Argentina)
Esteban Rodríguez (UNLP – Argentina)

Carlos Vallina (UNLP – Argentina)
Ivan Marcelo Gomes (UFES)
José Adriano Fenerick (UNESP/ Franca)
Luiz Antonio Mousinho (UFPB)
Luis Augusto Schmidt Totti (UNESP/ São José do Rio Preto)
Ravel Giordano de Lima Faria Paz (UEG)
Sergio Pujol (UNLP-Argentina)
Silvio Demetrio (UEL)
Teresa Cascudo (Universidad de la Rioja – Espanha)
Xavier Valiño (Universidad de Santiago de Compostela – Espanha)

Palestrantes

Aline do Carmo Rochedo (Doutoranda em História - UFRRJ)
Ernesto Lázaro Bohoslavsky (UNGS-Argentina)
Flavio Hugo Venturini (O Terço)
Francisco Sérgio de Souza Medeiros (Sérgio Magrão – O Terço e 14-Bis)
Frederico Lemos Pereira (Fred Barley - O Terço)
Gérson Werlang (Universidade de Passo Fundo, Faculdade de Artes e Comunicação)
Jorge Alberto Falcón (Coordenador da Licenciatura em Música da PUC-PR)
Jorge Otávio Pinto Pouey de Oliveira (Frank Jorge – ex-Cascavelettes, coordenador e fundador do Curso de Músicos e Produtores de Rock)
Lucio Carnicer (Pesquisador, radialista e professor de música – Argentina)
Miguel José Cantilo (Músico argentino – Duo Pedro y Pablo)
Guilherme Bryan (Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, FEBASP)
Roberto Takaharu Oka (Produtor O Terço)
Rodrigo Merheb (Pesquisador, jornalista e autor do livro "O Som da Revolução")
Sérgio de Melo Hinds (O Terço)
Xavier Valiño (Jornalista – Espanha)

Músicos participantes

Banda oficial do Congresso

Giovani Pinheiro
Felipe Labastia
André Duarte
Nilo do Canto
Laércio Losso Lisboa

Billy Montana & Os Voadores

Mateus Miotto
Alonso Von Mühlen
João de França
Cezar Manica
Hector Vallejos

Black Mountain Side

André Duarte

Felipe Labastia
Danyel Duarte
Reginaldo Agostini
Fagner Menegasso

Fulminantes

Victor Salles
Luiz Thomann
Kristopher Venzke Nogueira

Artista Plástico – Exposição Músicas Ilustradas II

Rafael Hoffmann

Criação da arte do Congresso

Rafael Hoffmann

Arte do material gráfico e do cenário do Congresso:

Ana Karine Braggio
Rafael Hoffmann

Homenagem póstuma:

Luis Moreno (*in memoriam*) – ex-baterista da banda O Terço.

OBS: A Comissão Organizadora não responde pelos erros que por ventura existam nos resumos, nem se responsabiliza pelo conteúdo dos mesmos. Toda e qualquer responsabilidade legal recai sobre os autores, inclusive no que tange ao direito autoral.

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas - UNIOESTE – Divisão de Coordenação de Bibliotecas

Congresso Internacional de Estudos do Rock, 2.: 2015: Cascavel, PR.
C749c Caderno de resumos do II Congresso Internacional de Estudos do Rock. / Coordenação de Alexandre Fiuza; Antonio Marcio Ataide; Stanis David Lacowicz. — Cascavel, PR: UNIOESTE, 2015.

Disponível: www.congressodorock.com.br

Promoção: Colegiado de Pedagogia, Programa De Pós-Graduação Em Educação/ Campus De Cascavel.

Co-Promoção: Facultad De Periodismo Y Comunicación Social De La Universidad Nacional De La Plata – Argentina

1. Rock – Paraná. I. Universidade Estadual do Oeste do Paraná. II. Título.

CDD 20.ed. 781.66

Sandra Regina Mendonca CRB – 9/1090

II Congresso Internacional de Estudos do Rock

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	6
SIMPÓSIO TEMÁTICO HISTÓRIAS DO ROCK.....	7
SIMPÓSIO TEMÁTICO POÉTICAS DO ROCK.....	26
SIMPÓSIO TEMÁTICO ROCK E CINEMA.....	38
SIMPÓSIO TEMÁTICO ROCK E COMPORTAMENTO.....	45
SIMPÓSIO TEMÁTICO ROCK E CONTRACULTURA.....	75
SIMPÓSIO TEMÁTICO ROCK E EDUCAÇÃO.....	95
SIMPÓSIO TEMÁTICO ROCK E OUTRAS ARTES.....	114

Apresentação

A importância do rock na formação cultural e política das mais variadas camadas sociais e dos mais diversos povos não vem sendo considerada por eventos acadêmicos. Afinal, trata-se de um profícuo campo de análise para as ciências humanas e sociais, como bem expressam os inúmeros estudos realizados nas áreas da História, Artes, Música, Letras, Sociologia, Antropologia, Educação, entre outras. Alguns congressos, por sua vez, vêm dedicando alguns de seus simpósios temáticos a esse assunto, mas entendemos a importância de construir um espaço em que o rock seja o tema central de um encontro acadêmico e científico.

A escolha do rock como tema para um congresso no Brasil advém, dentre outros motivos, da observância da bela iniciativa de pesquisadores portugueses quando da realização do Congresso Poéticas do Rock em Portugal: Perspectivas críticas de uma literatura menor, realizado na Universidade de Lisboa e organizado pelo Centro de Estudos de Teatro da mesma instituição, entre 06 e 08 de abril de 2009.

Motiva-nos ainda o amplo quadro de possibilidades de divulgação de pesquisas nem sempre reunidas e discutidas em fóruns comuns. O rock não se resume a um gênero musical, uma vez que passou por uma série de mutações internas, trata-se de um fenômeno que vem influenciando o comportamento social, as criações literárias e estéticas, a moda, o mercado, o comportamento, a formação de grupos culturais, entre outros campos. Portanto, embora a indiscutida relevância do gênero musical, o fenômeno rock ampliou sobremaneira sua área de influência, traduzindo-se num campo fértil de investigação para as diferentes áreas do conhecimento. Não bastasse sua relevância acadêmica, este evento também se destaca pela proposta de divulgação cultural, pois entende que a Universidade deve estimular as manifestações artísticas, sem perder do horizonte, contudo, as amplas possibilidades de investigação acadêmica inerentes ao fenômeno.

O evento conta com sessões de apresentação de comunicações orais e orais-musicais (permitindo que os pesquisadores possam apresentar canções intercalando com uma exposição oral), bem como conta com espetáculos musicais, palestras e palestras-musicais, o que inclusive é facilitado pela presença de uma banda de apoio do evento, com a participação de músicos de referência do Oeste do Paraná.

Nesta segunda edição do Congresso decidimos homenagear a banda O Terço, cujo álbum *Criaturas da noite* completa em 2015 quarenta anos de seu lançamento; verdadeira pedra basilar do rock progressivo brasileiro, é referência obrigatória para músicos e ouvintes.

O Congresso reúne renomados pesquisadores de diversos países, bem como mesas redondas, workshops e sessões de conversa com músicos de diferentes nacionalidades. Por sua vez, os simpósios temáticos denotam a rica diversidade de temáticas, demonstrando a relevância social, cultural e acadêmica dos trabalhos aqui reunidos, e refletindo a riqueza deste gênero musical e suas múltiplas interfaces.

Alexandre Fiuza
Antonio Marcio Ataide
Stanis David Lacowicz
(Organizadores do Caderno)

Simpósio temático Histórias do Rock

Trabalhos que abordam o processo de criação de letras, gêneses de discos, a formação de grupos, eventos importantes na trajetória artística dos protagonistas desse gênero musical, as mesclagens do gênero com outras tendências musicais.

Costa do Marfim: a repaginação da banda Cachorro Grande

Caroline Govari Nunes (UNISINOS)
carolgnunes@terra.com.br

RESUMO: Este artigo tem o intuito de fazer um panorama da cena musical de Porto Alegre e do rock gaúcho produzido nos anos 2000, focando na transformação da banda Cachorro Grande, desde o primeiro disco até o lançamento do mais recente, intitulado *Costa do Marfim* (2014). Tentando descobrir de que forma a cena musical apresenta meios diferenciados para refletir os circuitos que abordam as práticas culturais e dinâmicas identitárias nos espaços urbanos contemporâneos, e como a música age nestes enquadramentos e processos de identificação cultural, nos propomos a explorar de que forma a identidade da Cachorro Grande foi afetada por diferentes matrizes culturais. Trabalhamos no *Costa do Marfim* com o possível diálogo entre matrizes culturais de Porto Alegre e Manchester, já que o disco – e o show – apresentam questões que nos levam a identificar essa hibridização cultural. Além disso, pensamos tais tópicos dentro de um contexto de indústria cultural, e encontramos detalhes sobre como as indústrias culturais são organizadas em Hesmondhalgh (2012), o qual analisa a estrutura destas indústrias, o tipo de trabalho envolvido e o papel dos gestores criativos e intermediários culturais. Em síntese, nos propomos a investigar de que forma a identidade de uma banda de rock pode ser repaginada ao dialogar com matrizes de outras cenas musicais. Para isso, utilizamos uma metodologia ancorada na etnografia – vamos a campo, isto é, o show de lançamento do disco – e apoiamos-nos em autores como, por exemplo, Brennan-Horley et al (2013), Sara Cohen (2012), Will Straw (2013), Michael Goddard (2014), entre outros, para discorrer sobre o assunto.

Palavras-chave: Cachorro Grande; cenas musicais; identidade cultural.

A lenda e o legado de Syd Barrett, do Pink Floyd

Fábio Dobashi Furuzato (UEMS)
fabiodf71@yahoo.com.br

Leonardo Davine Dantas (UNICAMP)
leodavine@gmail.com

RESUMO: Syd Barrett (Roger Keith Barrett, 1946-2006) foi o lendário primeiro líder, guitarrista e principal vocalista do Pink Floyd, que teve a carreira musical precocemente interrompida pelo consumo excessivo de LSD. A droga lhe causou danos irreversíveis ao cérebro, inviabilizando suas participações com o grupo em apresentações ao vivo e programas de TV. Sendo o autor da maioria das canções do Pink Floyd na fase inicial, o papel de Syd era de tal forma central para a banda que os demais companheiros tentaram mantê-lo como colaborador, substituindo-o, nos shows, pelo guitarrista David Gilmour. Mas essa forma de colaboração também se revelou inviável e então ele foi definitivamente afastado e substituído por Gilmour, enquanto o baixista Roger Waters assumiu a liderança, passando a assinar a maior parte das composições do grupo. Embora só tenha participado integralmente do primeiro álbum, *The piper at the gates of*

dawn (1967), e parcialmente do segundo, *A saucerful of secrets* (1968), a influência de Syd é essencial para a trajetória do Pink Floyd e para o rock de um modo geral. Foi ele quem deu início ao experimentalismo psicodélico, definindo o diferencial dessa banda, que, a princípio, era apenas mais uma dentre as várias que se propunham a tocar blues, no cenário londrino de fins dos anos 60. E a transformação de Syd, um jovem extremamente carismático e talentoso, em um alienado, também marcou profundamente os demais membros da banda, que se inspiraram no episódio para a criação de muitos de seus trabalhos, como se percebe em álbuns como *The dark side of the moon* (1973), *Wish you were here* (1975) e *The wall* (1979). O presente trabalho se propõe a contar um pouco da história de Syd Barrett, analisando parte do seu legado, através do exame de algumas de suas composições.

PALAVRAS-CHAVE: Syd Barrett; Pink Floyd; rock psicodélico.

“Não provoque! Ela toca rock”: De Nora Ney a Cássia Eller, a Mulher na História do Rock Brasileiro

Aline do Carmo Rochedo (doutoranda - UFRRJ)
alinerochedo@outlook.com

RESUMO: No processo de consolidação do “rock na roll”, ainda que o talento das mulheres tivesse a mesma qualidade atribuída apenas aos homens, dificilmente, salvo algumas exceções, elas alcançaram o mesmo “*status*” que seus companheiros de profissão. Predominava a atuação de cantores e compositores, que acentuavam o domínio da figura do homem na esfera artística. O rock é um gênero musical que exige bom desempenho musicista, em especial aos que tocam guitarra, e tal técnica esteve sempre reservado aos homens de forma não democrática. Privilegiava-se a atuação do homem, mesmo que a mulher exercesse a função de musicista tão bem quanto. Esta comunicação pretende demonstrar como se deu a construção de um discurso que privilegia e dá visibilidade aos homens na cena do rock brasileiro nas últimas décadas. Problematicar o fato de que grande parte da bibliografia existente sobre a temática configura-se em visibilizar apenas o homem, estando as mulheres confinadas ao silenciamento e à esfera privada. Este aspecto é claramente perceptível, tendo a sua história predominantemente a partir do olhar do homem e a construção da memória sobre as mulheres envolvidas apenas as figuras de “backing vocal” ou dançarinas (ROCHEDO, 2014). Ainda ressalto que, no breve mapeamento que realizei para esta comunicação, constatei que parcela significativa dessas artistas sofreu algum tipo de violência, seja simbólica ou física, principalmente por meio dos seus companheiros e seus empresários. As mulheres roqueiras “ameaçaram”, “desafiaram” ou colocaram em xeque o poder do homem, não precisando para tal se “masculinizar” (nem descartar sua orientação sexual) para mostrar que seu trabalho musical era também de qualidade e digno de apreciação. Meu intuito é demonstrar a relação de poder neste contexto conflituoso para “elas” e favorável para “eles”.

PALAVRAS-CHAVE: rock brasileiro; mulheres roqueiras; relações de poder.

'O rock errou': a MPBzação do rock *mainstream* no Brasil

Gustavo Alonso (pós-doutorando - Unisinos-RS)
gustavoalonsoferreira@gmail.com

RESUMO: Quando surgiu no início dos anos 80, o chamado "rock nacional" ou "BRock" foi muito criticado por determinado *status quo* da MPB por ser considerado "banal", "comercial" e até "alienante". Com o passar dos anos se construiu elo de alguns artistas com a MPB, dentre eles Cazuza, Herbert Vianna, Arnaldo Antunes, entre outros. No fim da década os roqueiros se uniram de vez à MPB ao criticar a então ascendente geração de sertanejos. A partir da crítica a um "inimigo comum", os artistas do rock dos anos 80 e a MPB se uniram de forma intensa. A proposta da apresentação é tentar compreender por que o rock *mainstream* no Brasil, e sobretudo a *escrita* sobre o rock *mainstream* no Brasil, sempre tendeu a aproximar o rock da MPB, submetendo-o a parte da "linha evolutiva" desta. Tendo como objeto específico o rock dos anos 80, mostrarei as raízes e problemas desta prática discursiva. A aposta é que a institucionalização da escrita do rock *mainstream* dos anos 80 no Brasil se deu a partir de sua "MPBização". Isso aconteceu em parte devido a força da MPB como discurso aglutinador das classes médias, mas também por que grande parte dos roqueiros se submete a esta prática discursiva em busca de legitimação e institucionalização. E também devido a uma raiz conservadora comum em parte do rock nacional e da MPB, que com frequência têm divergências estéticas com gêneros muito populares como funk, pagode e sertaneja, entre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; MPB; institucionalização.

Novo sindicalismo e movimento punk: a representação do mundo do trabalho no punk rock (1977-1989)

Renata Costa Silvério (mestranda – UFSC)
Josnei Di Carlo Vilas Boas (doutorando – UFSC)

RESUMO: Na segunda metade da década de setenta, inicia-se o movimento punk em Londres. Com a economia britânica em decadência, o desemprego aumenta. Afetados pela crise econômica, jovens usam a música e a moda para denunciar as condições de vida da periferia londrina. Posteriormente, jovens das regiões industriais do Brasil, destacadamente de São Paulo e do ABC Paulista, incorporam a cultura punk. Os primeiros grupos de punk rock brasileiros são formados, na maior parte, por jovens filhos de operários, em um contexto marcado pelo novo sindicalismo. Por ter surgido durante as lutas sindicais que denunciavam a ditadura militar, este trabalho tem como problema se o punk rock denuncia as condições de vida do trabalhador. A hipótese é que entre 1977 e 1989 há convergência entre o punk rock e as denúncias realizadas pelos sindicatos combativos. Assim, a proposta deste trabalho é apreender o mundo do trabalho representado nas letras de punk rock. Através da análise de quatro músicas escolhidas como mais representativas, pôde-se verificar uma convergência entre as letras compostas pelos grupos punks, em grande parte oriundos da periferia de São Paulo, e as condições precárias do trabalhador na época, bem como a situação política, marcada pela Ditadura que assolava o país.

PALAVRAS-CHAVE: Ditadura Militar; Novo Sindicalismo; Punk Rock; Trabalho.

Los “spirituals porteños” de Manal

Lucio Raúl Carnicer
(Radio Nacional Córdoba.- Argentina)
correodelaplaza@yahoo.com.ar

RESUMEN: En Argentina, entre 1968 y 1971 el trío Manal sentó las bases del blues cantado en castellano mediante un notable componente local en sus letras. Originada en Buenos Aires, la formación abrevó del jazz, el blues y el rhythm & blues norteamericano, y en especial de los tríos Cream y The Jimmy Hendrix Experience surgidos en Londres en la segunda mitad de la década del sesenta. En este trabajo se presentarán algunas de sus obras características como “Avellaneda Blues” o “Avenida Rivadavia” ejemplos de la síntesis producida entre una sonoridad global y un contexto sociocultural específico, que admitía desde los textos, un acercamiento al tango. Es notable comprobar desde el epígrafe aparecido con la edición del primer disco LP del grupo, por dónde pasaba la búsqueda y el posicionamiento artístico, así como la estrategia de difusión de dicho material. Se definía la propuesta de la formación como *spirituals porteños* (KREIMER, 1970). El manejo de las técnicas de improvisación propias del jazz, les permitió producir como trabajo inicial, y a diferencia de sus contemporáneos, composiciones de música incidental para obras de teatro, así como la banda sonora de un film. Manal, con Claudio Gabis en guitarra, Alejandro Medina en bajo y Javier Martínez en batería y voz, fue el primer trío de rock del país. Con la grabación de solo dos discos larga duración: *Manal* en 1970 y *El león* en 1971, el trío dejó testimonio e influyó las iniciativas más importantes de la década del setenta en el campo del rock progresivo nacional. Así mismo, cada uno de sus integrantes creó escuela desde su toque instrumental, y se constituyeron con el paso del tiempo en referentes de un estilo y forma, y en los creadores de una tradición con plena vigencia en la actualidad.

PALABRAS-CLAVE: Blues; español; tango.

It's only rok and roll, but I (dis)like it. Anticomunismo, conservadurismo moral y persecución al primer rock argentino en la década de 1960

Ernesto Bohoslavsky
(Universidad Nacional de General Sarmiento y CONICET)
ebohosla@ungs.edu.ar

RESUMEN: Esta ponencia se concentra en el estudio de algunas organizaciones anticomunistas argentinas de la década de 1960, que se afanaron especialmente en la persecución a jóvenes que participaban de la incipiente cultura del rock, tanto músicos como espectadores. En particular se ahonda sobre el accionar de la fuerza juvenil de la Federación Argentina de Entidades Democráticas Anticomunistas. Se parte de la idea de que esta organización ofreció un contra-modelo de juventud centrado en la noción de orden social y generacional, autoritarismo político y nacionalismo cultural, que se conjugaban en una lectura satanizada de las nuevas prácticas de consumo cultural transnacional vinculadas a la música, indumentaria, formas de habla, consumo de

drogas y prácticas sexuales. Para ello se consultaron fuentes periodísticas y provenientes de la inteligencia de la policía bonaerense que permitieron reconstruir el accionar de estas organizaciones.

PALABRAS CLAVE: Anticomunismo; Argentina; Conservadurismo

Pink Floyd e o álbum *The Final Cut*: levante contra o conservadorismo na cultura da mídia

Franco Santos Alves da Silva

RESUMO: Lançado em março de 1983, *The Final Cut* é o décimo segundo álbum de estúdio da banda de rock britânica Pink Floyd. Todos os créditos de composição e letras são de Roger Waters, baixista e um dos vocalistas do grupo, portanto fortemente marcado por sua visão pessoal e crítica da sociedade ocidental na década de 1980. Entretanto este personalismo tornaria insuportável a sua relação com os demais integrantes banda, fazendo com que deixasse o grupo. Os temas centrais que compõe o disco conceitual de doze faixas são a Guerra das Malvinas e as posições dos políticos Margaret Thatcher, da Inglaterra, Ronald Reagan dos EUA, e Menahem Begin de Israel, sobre o assunto. Em quatro músicas há uma história de paranóia e deslocamento de um veterano da Segunda Guerra, tema já abordado no disco anterior *The Wall*, relacionado à morte do pai de Roger, Eric Fletcher Waters, na Itália em uma campanha durante II Guerra Mundial. Há também uma possível catástrofe nuclear numa distópica música final. Para o presente artigo trabalhamos as músicas como produtos dialeticamente relacionados com seu tempo/espço histórico, de forma que não *representam* a história, mas sim *são* parte dela. Desta forma o presente trabalho busca compreender a relação entre o álbum e o contexto social, político e econômico no qual ele foi produzido, tratando a visão crítica com que a banda via este contexto.

Palavras-chave: *The Final Cut*; relação dialética; tempo/espço histórico.

Entre o exílio e a Argentina: “La marcha de la bronca” de Miguel Cantilo

Alexandre Felipe Fiuza (UNIOESTE/Brasil)

alefiuza@terra.com.br

Emmanuel Nicolás Kahan (UNLP/ Argentina)

emmanuel.kahan@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação apresenta um fragmento de uma pesquisa sobre os músicos exilados no Cone Sul ao longo das ditaduras ocorridas no Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai e Chile, entre as décadas de 1960 e 1980, mediante a análise da bibliografia, discografia, documentos oficiais das polícias políticas, e, prioritariamente, a partir das memórias dos músicos envolvidos. Neste texto em apreço, lidamos com a história do músico Miguel Cantilo, expoente do rock argentino, que construiu uma carreira musical com períodos intermitentes de atuação conjunta com Jorge Durietz, com a dupla Pedro y Pablo. Em 1967, eles integraram o grupo *Los Cronopios*, quando, no ano seguinte, formaram o duo e foram fundamentais para a consolidação e advento

do rock na Argentina. Destaca-se ainda sua atuação ao lado dos músicos da *La Cofradía de la Flor Solar*. São conhecidas suas composições como *Yo vivo en esta ciudad* (1969), *Catalina Bahia* (1971) ou *Marcha de la bronca* (1970), sendo que a última dá título à esta proposta de comunicação, transformada em uma espécie de hino político setentista, vencendo o *Segundo Festival de la Música Beat*. Miguel Cantilo, além de ser um dos precursores do rock argentino, também vem construindo uma memória sobre o período por meio da literatura: *Chau Loco. Los hippies en la Argentina de logres setenta* (de 2000, onde também aborda sua vivência numa comunidade hippie, em *El Bolson*, Argentina), *¡Qué circo! Memoria y presente de medio siglo de rock argentino* (2011) e da novela *Jardines del origen* (2014), embora a última não tenha um caráter memorialístico. A perseguição ao seu trabalho musical e a falta de perspectivas levou-o ao exílio na Colômbia e na Espanha, o que permite ampliar nosso foco de análise para além do quadro nacional em que estava inserido.

PALAVRAS-CHAVE: músico; memória; exílio; rock.

Aqui também tem rock: o cenário roqueiro em Feira de Santana (1995-2005)

Patrícia Matos de Almeida
(Universidade Estadual de Feira de Santana)
patriciamatos.pm@hotmail.com

RESUMO: Feira de Santana, cidade do interior da Bahia, é reconhecida por fazer parte de uma cultura sertaneja ao mesmo tempo em que tem a Micareta, um carnaval fora de época que ocorre geralmente no mês de abril, como grande festa popular que, ganhou características muito semelhantes à cultura da *axé music* vista na capital, Salvador. Este ganho foi, em grande parte, proporcionado pela mídia local de massa que dispense grande energia para promover os artistas e as festas de gosto popular. Em meio à este contexto, sujeitos, em sua maioria composto por jovens, buscaram alternativas de entretenimento acabando por desenvolver, entre o fim da década de 1990 e início dos anos 2000, período que se dispõe de um maior número de fontes, um cenário roqueiro que se reconheceu como *underground* na cidade. Isso porquê, o *underground* se caracteriza por abarcar experiências musicais e culturais que não recebem apoio direto da mídia de massa e de setores públicos e privados. Dessa forma, por meio de registros variados como fotos, cartazes, ingressos de shows, capas de CDs de bandas da época e entrevistas com depoentes que fizeram parte desta história, este trabalho pretende refletir sobre experiências destes sujeitos que, por meio de um cenário roqueiro local, buscaram afirmar uma identidade própria e alternativa, resistindo à imposição de padrões e estereótipos relacionados à ideia de baianidade e às sonoridades e a estética que lhes seriam inerentes e homogêneas. Tal resistência articulou um cenário roqueiro independente que acabou por se organizar ao ponto de suas implicações serem percebidas até os dias de hoje.

PALAVRAS CHAVES: Feira de Santana, cenário, rock.

Violino e Percussão: A importância dos Instrumentos no Estudo da Canção Mané Beat

Rodrigo de Souza Mota (IFSC)
rodrigo@ifsc.edu.br

RESUMO: “Retroprojeto/ (...) / Necrofilia é piração, sentido tesão é o tato/ Tatu é o bicho, tá tudo legal, tá tum percussão/ Violino e percussão/ Violino e percussão/ (...)”. A presente música demonstra a importância dos instrumentos para o estudo da canção. No caso do exemplo acima citado, a letra exemplifica as escolhas dos músicos nos instrumentos utilizados. Neste resumo, não é possível demonstrar claramente como são utilizados estes dois instrumentos musicais, porém é válido o trecho citado desta canção para percebermos a importância destes dentro do contexto cancional. Esta música, além de exemplificar meu argumento, é importante pois é a primeira canção gravada do movimento musical florianopolitano Mané Beat, que pretendo aqui estudar. Os estilos musicais, as sensações (emoções) e identidades sonoras que cada banda do movimento Mané Beat busca estão diretamente relacionadas com os instrumentos escolhidos e sua maneira de tocar. A gaita de boca, ou harmônica, usada pela banda Primavera nos Dentes, trazendo o blues na sua estética ou o violino utilizado e tocado de forma a lembrar uma rabeca por Tijuquera em algumas músicas e Dazaranha em quase todas suas canções, relacionado a música açoriana. Ao isolarmos o vocal, perde-se as emoções da música por inteiro, percebendo apenas o que é diretamente ligado à letra. Também percebemos a escolha de instrumentos e o modo de gravá-lo ou tocá-lo como uma escolha de época. Este artigo tem como objetivo compreender as escolhas destes instrumentos pelas bandas de acordo com a época de trabalho, revendo, além das escolhas estéticas, as tecnologias possíveis para a gravação e utilização em shows destes instrumentos.

PALAVRAS CHAVE: Florianópolis, Instrumentos, História da Canção.

Wiplash Discos: espaço de sociabilidade da Cena Heavy Metal natalense

João Paulo Araújo (UFRN)
joaopauloaraujo00@hotmail.com

RESUMO: O aparecimento das lojas de discos não esteve apenas vinculado a prática mercantil, mas se constituiu como um espaço importante de sociabilidade musical. Algumas lojas se especializaram em determinados tipos de músicas criando assim uma clientela fiel, que as frequentavam não apenas para adquirir os lançamentos e discos, mas também para trocar informações sobre os artistas e suas músicas. No entanto, foram poucas as lojas que conseguiram juntar essas duas dimensões num mesmo espaço, a do comércio e a da sociabilidade musical. Em Natal, o fenômeno da cena musical heavy metal esteve ligada ao aparecimento de uma loja de discos que começou a vender não apenas discos, mas toda uma gama de itens ligados a imagem do heavy metal, como camisetas, pulseiras, botons, revistas, fitas k7 e de vídeo. Essa loja foi responsável por fomentar uma cena que começava a surgir na cidade no final dos anos 80. O presente trabalho visa compreender esse fenômeno social por meio da história da loja de discos “Wiplash Discos”, de propriedade de Luziano Augusto da Silva, dono e tido como um “mito” dentro da cena heavy em Natal. A loja inaugurada em 1989, se constituiu na

década de 1990 como o principal point de encontro de jovens da cidade que compactuam com o rock como estilo musical. O estudo procura reconstituir as práticas e as representações produzidas nesse espaço de mercado o qual aos poucos foi ganhando novas conotações espaciais de representação. Para isso, o trabalho fará uso de entrevistas dos antigos frequentadores deste espaço para perceber qual foi a real importância da loja para a cena heavy da cidade. Sendo também interessante ver que ele pode tomar uma forma de “Meca” para o jovem em Natal apreciador do rock e do heavy.

PALAVRAS-CHAVE: cena; história oral; representação.

Brian May: as experiências polifônicas e orquestrações de guitarra no Queen que contribuíram para o desenvolvimento das gravações em overdub

Ciro Visconti
(Prof. Me. - Conservatório Souza Lima)
cirovisconti@gmail.com

RESUMO: O Queen lançou seu primeiro álbum em 1973 e imediatamente o público e a crítica reconheceram que tinham uma sonoridade diferente entre as bandas do cenário inglês do Rock no início dos anos 70. Enquanto bandas como o Led Zeppelin, Black Sabbath e Deep Purple exploravam sonoridades pesadas e performances improvisadas; bandas como o Pink Floyd, Yes, Genesis e Emerson, Lake & Palmer, proporcionavam viagens psicodélicas com longas e complexas seções instrumentais; o Queen misturava qualidades destas duas vertentes e ao mesmo tempo trazia uma sonoridade polifônica com arranjos vocais gravados em overdub (gravação em múltiplos canais que permite que um mesmo músico toque ou cante em várias camadas). Esta textura polifônica que foi criada na banda especialmente pelo vocalista e pianista Freddie Mercury, influenciou de forma decisiva o estilo do guitarrista Brian May que já no segundo álbum, Queen II, fez a sua primeira orquestração de guitarras gravadas em overdub na música Procession. A partir de então, as orquestrações de guitarra passaram a ser uma das marcas registradas do Queen e alguns dos solos mais marcantes deste importante guitarrista, como Killer Queen, Good Company, God Save The Queen (arranjo com orquestração de guitarras para o hino da Inglaterra), The Millionaire Watz, Good Old-Fashioned Lover Boy, All Dead, All Dead, Bicycle Race, It's a Kind of Magic, Innuendo, entre muitos outros, utilizaram as técnicas de gravação em overdub. Neste artigo que apresento para o simpósio temático Histórias do Rock, farei uma análise da evolução destas orquestrações de guitarra através de transcrições inéditas e de recriações de suas gravações (que serão mostradas em vídeo na apresentação).

PALAVRAS CHAVE: Queen; Brian May; Overdub.

O ROCK NACIONAL NO PERÍODO DO AI-5

BARBOZA, Jaqueline Lima (mestranda – UNIOESTE)
jaquelb2010@gmail.com
MEURER, Indianara dos Santos (mestranda – UNIOESTE)
narameurer@hotmail.com

RESUMO: Objetivamos com este trabalho, realizar um estudo sobre a história do rock, na fase da Ditadura Militar Brasileira, período em que houve extrema censura as diversas formas de manifestação e de expressão, estando inclusas, portanto, a arte e cultura, incluindo dessa maneira as músicas, ao passo que trataremos especificamente do rock nacional. É impossível se referir a arte e a cultura nesse período sem se remeter a censura, método utilizado pelo regime militar com o intuito de conter qualquer objeção ao sistema instaurado. Deste modo, enfatizaremos as repressões ocorridas no período da promulgação do Ato Institucional número 5 (AI-5), quando a censura se institucionaliza e torna-se mais ferrenha. Visando a extinção de qualquer tipo de oposição ao governo militar, o AI-5 é reconhecido pela obscuridade ao tratar as vertentes artísticas. Nesse sentido, identificaremos a conduta de algumas bandas de rock na década de 1970, destacando o grupo “O Terço”, tanto a conduta, quanto as obras, haja vista que as letras das canções expressam posicionamentos políticos, sociais e culturais. Nesse período muitos artistas ao escreverem uma música utilizavam-se das metáforas como instrumento para escapar da repressão que representava a censura. Com isso, constataremos os efeitos da censura no rock produzido no Brasil, no período do AI-5, afetando as práticas exercidas pelos artistas na época. Ao tratar da produção musical neste período destacamos que arte e política, tornaram-se na maioria das vezes indissociáveis, tendo em vista a intenção política de muitos artistas ao produzirem suas obras, mesmo sob intensa censura, as inúmeras obras pretendiam de alguma forma intervir na realidade da nação brasileira, alertando a população mesmo de forma velada, da real situação em que nosso país se encontrava.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; ditadura; censura.

Ditadura Civil-militar brasileira e Rock Nacional: algumas considerações

Silvana Lazzarotto Schmitt (doutoranda – UNICAMP)
sillazzarotto@hotmail.com

RESUMO: Pretende-se estabelecer uma discussão comparativa sobre a maneira como a ditadura civil militar brasileira, por meio de seus agentes estatais e civis, se posicionou em relação ao gênero musical Rock, dedicando-se especialmente ao levantamento de canções que foram censuradas. A discussão inicia-se com um sucinto resgate da história do Rock em nível mundial e então se desdobra para a análise das especificidades do Rock nacional brasileiro. Pretende-se ainda analisar/relacionar a repercussão deste gênero musical, considerando que no caso brasileiro, o rock encontrou oposição tanto nas pessoas e organização consideradas com pressupostos da direita, os quais consideraram o estilo um atentado aos valores morais, ocidentais e cristãos, como àqueles considerados defensores do pensamento da esquerda, os quais ponderaram que este gênero trazia consigo vestígios do colonialismo cultural imputado ao Brasil pelos Estados Unidos da América, já que a origem do Rock é americana. Dessa forma, nosso texto tem a intenção de realizar uma leitura, no sentido de analisar a forma como o Rock foi recebido pela população brasileira, ou seja, pretendemos discutir a gênese do gênero Rock e tecer algumas considerações sobre a forma como esteve articulado ou não aos ideais da direita ou da esquerda. Destacamos, que ao realizar uma breve discussão sobre a forma como o Rock se constituiu enquanto gênero musical, faremos de forma a elucidar as contradições dessa trajetória, em nível mundial bem como nacional, tendo

em vista que desde sua gênese, trouxe as contradições também no que diz respeito a aspectos relacionados a cor da pele e as características de uma “nova juventude”.

PALAVRAS-CHAVE: História, Ditadura Civil-militar e Rock nacional.

Entre Brasil, Argentina e Paraguai: análise da trajetória musical do grupo Quintal de Clorofila e do músico Negendre Arbo e seus experimentalismos estéticos/estilísticos na tríplice fronteira

Geni Rosa Duarte (UNIOESTE)
geni_rosaduarte@yahoo.com.br
Emilio Gonzalez (PUC/SP/UTFPR)
elparaguaio@yahoo.com.br

RESUMO: O grupo musical Quintal de Clorofila surgiu no início dos anos 1980 no interior do Rio Grande do Sul, com os irmãos Negendre e Dimitri Arbo. Amparando-se numa proposta totalmente inovadora que buscava romper com as formas estéticas pré-concebidas do tradicionalismo gaúcho (nativismo), o grupo buscou unir psicodelia, música folk, cigana e erudita, psicodelia, além de influências de bandas como Beatles e da própria música folclórica do Cone Sul. O grupo se tornaria uma das principais referências do cenário do rock alternativo bastante pujante no período, e chegou a lançar um disco que se tornaria relativamente conhecido (“O Mistério dos Quintais”, 1983) por um selo independente. Hoje, a banda ainda é lembrada como uma referência necessária e presente do período. Pouco se sabe, porém, sobre a fase iniciada no período pós-1990, quando o grupo se transferiu para a cidade de Foz do Iguaçu (PR), na Tríplice Fronteira entre Brasil, Paraguai e Argentina. Nessa época, o conjunto passaria a dialogar com questões, sons e discursos próprios da região, incorporando ao seu trabalho temáticas indígenas, meio ambiente, folclore local, etc. Nessa fase, o grupo chegou a produzir um disco que permaneceu inédito, chamado “Tempo-Oral”, e se envolveu em inúmeros projetos ligados a promoção e preservação do meio-ambiente em escolas, parques municipais e espaços de cultura. Mesmo com o fim do grupo, por volta de 1997, um dos fundadores, Negendre Arbo, seguiu pesquisando e produzindo experimentalismos estéticos com base naquilo que viveu, pesquisou e conheceu na Tríplice Fronteira, dedicando-se a um extenso e interessantíssimo trabalho musical praticamente inédito. O objetivo desta comunicação é tratar deste período pós-1990, da chegada do grupo à Tríplice Fronteira aos dias atuais, com a carreira solo de Negendre Arbo.

PALAVRAS-CHAVE: Quintal de Clorofila; Música; Tríplice Fronteira; Experimentalismos.

Kreditor: onde o mal é realidade. A trajetória histórica da banda de death metal dos anos 90 de Cascavel- PR

Janaina Fatima Sabrina de Campos (UNIOESTE)
janainafscampos@gmail.com

RESUMO: Neste trabalho será abordada a trajetória histórica de umas das primeiras bandas de death metal, subgênero musical do heavy metal, da cidade de Cascavel-PR.

Brutalidade, peso e agressividade são elementos que compõem o Kreditor (gíria do inglês utilizada para cadáver), banda que concentrou todos os seus esforços para engrandecer a cena do underground cascavelense, através da velocidade e do som distorcido de suas músicas que unem a essência do death metal e letras que abordam temáticas relacionadas ao gênero musical. Surgiu em Cascavel, oeste paranaense, dando início as suas atividades em uma sexta feira, 13 de abril de 1990. Entre os anos de existência foram lançadas três *demo tapes*, (meio de divulgação utilizado na época), e duas participações em compilações em CD com outras bandas do underground nacional, foram realizados também vários shows no Brasil e em países vizinhos. Infelizmente executou seu último show em meados de 2003 e logo após encerrou suas atividades. Kreditor será sempre lembrado por sua energia, sonoridade e presença em seus shows algo único e marcante, originalidade que os destacou diante a cena underground dos anos 90 de Cascavel e do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Bandas de Cascavel; death metal; Kreditor.

O Terço: relato sobre os primórdios da banda

Wellington Girardi Rodrigues
wellingtonr@live.com.pt

RESUMO: Dois anos após o começo da banda O Terço, mais precisamente em 1970, seus integrantes Sérgio Hinds, Vinícius Cantuária e Jorge Amiden, lançam seu primeiro álbum “O Têrço”, contendo 12 faixas, disco que lança a banda no cenário contracultural da época. Nessa mesma época, e graças a músicas contidas no álbum, a banda começa a participar de vários festivais importantes da época Brasil afora, como o Festival Internacional da Canção, tornando-se, assim o grupo revelação na mídia especializada que destacava, entre tantos atributos da banda, o vocal trabalhado em falsete. Posteriormente, com a saída de Sérgio Hinds para tocar com Ivan Lins, e a entrada de César de Mercês, que viria assumir o baixo elétrico, Hinds volta para completar o agora quarteto e ocorre a adição de dois instrumentos peculiares (guitarra de três braços e violoncelo elétrico), lançam, em 1971, seu primeiro compacto duplo, denominado *O Visitante*, com cinco faixas, sendo a última um trecho da *Suíte em Ré Menor* de Johann Sebastian Bach, mostrando, assim, as influências eruditas da banda. O artigo aqui apresentado tem a intenção de explorar tanto o contexto da época que se dá entre o lançamento dos discos acima citados quanto o que ocorreu com a banda nessa época, explorando desde festivais participados, trabalhos feitos pelos integrantes fora da banda e afins, mostrando sua trajetória até a ascensão ao rock progressivo, que irá ocorrer com seu também homônimo segundo disco.

PALAVRAS-CHAVE: O Terço; *O Visitante*; 1970.

Fim do mundo ou novos tempos? O punk enquanto ante-sala do BROCK

Daniel Cantinelli Sevillano (doutorando - USP)
dcsevillano@gmail.com

RESUMO: Esta comunicação pretende analisar de que maneira o surgimento do punk rock na Inglaterra na segunda metade da década de 1970 teve influência direta no que se convencionou chamar BROCK, ou rock brasileiro dos anos 80. Para tanto, a pesquisa foi dividida em duas etapas: primeiro, a análise do surgimento e do desenvolvimento do movimento punk inglês, através das letras de músicas das bandas mais representativas do estilo (*Sex Pistols* e *The Clash*); e segundo, o alcance que o movimento teve no Brasil, em especial entre os jovens de classe operária de São Paulo e entre jovens de classe média de Brasília. A análise da inserção do punk no Brasil será feita através de notícias publicadas em jornais do período, de bibliografia sobre o tema e de letras produzidas pelas bandas que se apresentavam como representantes do estilo. Vale a pena ressaltar que o punk brasileiro não se restringe a algo homogêneo, pois há, como pretendo mostrar, uma diferenciação básica entre fazer música punk e ser punk. Enquanto a incorporação do estilo como forma cotidiana de sociabilidade e de atitude encontra espaço nos jovens da periferia paulistana, entre os jovens de Brasília o que se verá é a incorporação do tipo de som produzido pelas bandas punk inglesas. No caso do rock brasileiro da década de 1980, percebe-se que a segunda atitude encontrará terreno mais propício para sua disseminação no país através das ações das grandes gravadoras que encontrarão nessas bandas um atrativo nicho de mercado para a juventude do período. Já o primeiro grupo de bandas ficará restrito a um estilo *underground*, pouco aceito pelo grande público e pela indústria fonográfica.

PALAVRAS-CHAVE: punk rock; rock brasileiro dos anos 80; juventude.

O protagonismo feminino no início do rock brasileiro

Nísio Teixeira (UFMG)
nisiotei@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho aborda o papel, o comportamento e o protagonismo de alguns nomes femininos nos primeiros anos do rock brasileiro, como Nora Ney, que grava o primeiro disco em 1955, uma versão para “Rock around the o’clock”, lançado por Bill Halley and his Comets. A canção teria uma versão em português – “Ronda das horas” - gravada praticamente em seguida por Heleninha Silveira. A pianista Carolina Cardoso de Menezes, se já surpreendera em 1933 com “I have money” e “My sweet heaven”, respectivamente ragtime e fox bem próximos aos estilos dos primeiros rocks dos anos 1950, grava seu “Brasil Rock” em 1957. No ano seguinte, Celly Campello grava com o irmão Tony o seu primeiro disco, interpretando “Handsome boy”. Enquanto o nome dos irmãos Campello crescia no cenário do rock nacional, as demais tiveram no gênero apenas um momento pontual antes de prosseguir nos mais diversos gêneros da MPB. Nora chegou a gravar “Cansei do Rock”, em 1961 – enquanto, poderíamos dizer, sua “herdeira” direta, Maysa, faz uma performance memorável no Canecão com “Light my fire”, sete anos depois – já sob um cenário consolidado do gênero no país. Além da trajetória destas artistas o artigo pretende apontar como elementos de comunicação como a questão das versões na indústria fonográfica, bem como o cinema e a televisão foram cruciais na construção desta transição, fundamental para o movimento da Jovem Guarda que surgiria também na primeira metade dos anos 1960. Discutiremos também se tal transição apontaria então a TV como atrelada ao novo gênero, enquanto o rádio experimentava a derradeira fase de seus anos de ouro.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Brasil; Pioneiras

Hibridação e Desmaterialização da Música no contexto periférico brasileiro: considerações sobre a cena de rock independente de Teresina

Thiago Meneses Alves

RESUMO: O presente artigo visa discutir questões relativas à hibridação cultural e à desmaterialização da música a partir do olhar focado para a cena de *rock* independente de Teresina. Para tanto, foi feita uma breve abordagem histórica da trajetória deste gênero musical na capital piauiense com o intuito de compreender o processo que culmina, no início do século XXI, no crescimento vertiginoso da produção de cunho autoral, com destaque importante para o registro fonográfico destas músicas. Além desse fator, verifica-se, a despeito do suposto provincianismo do território em questão, uma forte diversidade musical, cujo intercâmbio entre elementos da cultura popular nordestina e de uma cultura massiva e “universal” é um procedimento constante. Ainda que inserido neste cenário encorajador, as dificuldades inerentes ao contexto cultural extremamente segmentado colocam uma série de questões bastante (re)conhecidas no meio independente para aqueles atores sociais, questões estas ligadas essencialmente à sustentabilidade financeira da atividade musical num cenário de reestruturação do *business* da música.

PALAVRAS-CHAVE: rock independente de Teresina; hibridação; desmaterialização.

Dead fish: punk rock, independência e resistência (1991-2015)

José Augusto Da Silva Neto (UDESC)
neto.biblio@gmail.com

RESUMO: O presente estudo apresenta como objeto a banda de Punk Rock Brasileira Dead Fish, de Vitória, Espiro Santo. Com o foco de analisar suas letras, melodias e estética, pretende-se entender através de um estudo semântico a forma como a banda se expressa e o conteúdo político de suas canções. A abordagem teórica deste trabalho tem como aporte os estudos de Michael Foucault no campo da Análise do Discurso. O estudo tem como objetivo contextualizar de maneira histórica o cenário independente do Punk Rock Brasileiro, discutir o atual cenário de bandas independentes no cenário do Rock, assim como dar visibilidade ao conteúdo político carregado nas letras da banda Dead Fish. Este artigo tem como objetivo ser apresentado no simpósio temático dentro da perspectiva de “Histórias do Rock”, por se tratar de uma banda com mais de dez anos de carreira e uma grande influência e visibilidade no cenário e da história do Rock Nacional. A metodologia de pesquisa será composta por três eixos norteadores: análise do álbum “Vitória” lançado em 2015, no qual foi considerado por muitos críticos um dos álbuns mais “maduros” da banda e que foi gravado de forma independente; leitura da página oficial da banda que contém letras, fotos, entrevistas, história da banda e outras curiosidades; entrevistas concedidas acessíveis no Youtube. Desta maneira pretendo reunir estes diferentes dados, a fim de discutir e problematizar o conteúdo das letras da banda e a sua importância para o cenário político brasileiro, que precisa de mais debates e participações populares dentro da perspectiva da educação, economia e a cultura em geral.

PALAVRAS-CHAVE: Dead Fish; Punk Rock; Rock Nacional.

O Terço em Erechim – 1978

Daniel Almeida Szuchman
dani93sax@gmail.com

Celina Tiepo (Universidade de Passo Fundo)
celina_tieppo@hotmail.com
Orientador: Gérson Werlang

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo fazer uma análise e um relato do show da banda O Terço ocorrido na cidade de Erechim (norte do RS) no ano de 1978, no ginásio da Paróquia São Pedro, bem como fazer um resgate histórico do evento e recuperar materiais do respectivo show (áudio e fotografias) tendo em vista a escassez de registros relativos às apresentações de bandas de rock do Brasil e a importância que O Terço tem para a história do rock nacional. Para tal objetivo foi pesquisada a situação sociocultural da Erechim da década de 70 e o cenário do rock da região na época. Foi analisado o repertório escolhido pela banda para o show frente à fase musical em que a banda se encontrava no ano de 78, a formação do grupo, arranjos e interpretações trazendo um comparativo com outros shows do mesmo período. Como base para a pesquisa foram utilizados relatos de erechinenses que assistiram ao evento e pessoas que estiveram envolvidas em trazer o show do Terço para a cidade, periódicos e registros históricos de Erechim, relatos de músicos de Rock que atuavam na cidade durante as décadas de 70 e 80 e um áudio inédito cedido pelo músico erechinense Sérgio Intkar, que estava presente no show e fez a gravação em fita cassete a partir da mesa de som.

PALAVRAS-CHAVE: Rock brasileiro; O Terço; Registro de shows.

O rock brasileiro da década de 1980 e seus espaços culturais

Rodrigo Otávio dos Santos (Opet / Faber-Ludens)
rodrigoscama@gmail.com

RESUMO: Para um movimento cultural emergir do cenário puramente *underground* e desconhecido do grande público para o reconhecimento nacional e a aceitação de grandes grupos midiáticos e públicos cada vez maiores, há de se estabelecer, previamente, um circuito cultural. Nem tão grande quanto as grandes arenas posteriores, nem tão pequeno quanto as garagens e festas de faculdade. É este circuito, estes espaços culturais, que nosso artigo pretende abordar no que tange às bandas e artistas da década de 1980 durante o nascente movimento do rock nacional. Tentaremos elucidar como foram criados e mantidos teatros, bares e estações radiofônicas que abriam espaço – exclusivamente ou não – para os músicos de rock e suas bandas. Tentaremos também compreender a situação destes espaços em relação ao restante do contexto histórico presente no Brasil naquele período, fazendo pontes tanto em relação aos demais movimentos estrangeiros de rock quanto aos outros movimentos musicais brasileiros, como a MPB. A relação entre estas empresas e a cruel realidade econômica brasileira nesta década de hiperinflação e desastrosos planos econômicos também será abordada. Enfim, veremos espaços culturais como o Teatro Lira Paulistana, berço da chamada Vanguarda Paulista e Circo Voador, clubes como Madame Satã, Radar Tan Tan e Rádio

Clube, rádios como Fluminense FM e 89 FM, chegando até programas de auditório como o programa do Chacrinha e o Fantástico, ambos da Rede Globo de Comunicação.

PALAVRAS-CHAVE: Rock nacional; espaços culturais; década de 1980.

Querían rock and roll. Apuntes sobre experiencias musicales en Córdoba durante la década de 1980

María Sol Bruno
(Universidad Nacional de Córdoba /CONICET)
mariasolbruno@yahoo.com.ar

RESUMÉN: Como parte de nuestro proyecto doctoral, nos preocupamos por investigar producciones musicales que tuvieron lugar durante la década de 1980 en la ciudad de Córdoba (Argentina). Nos encontramos con una variabilidad estilística que respondía no sólo a nominaciones diferentes, sino a lo que hemos identificado como mundos del arte con morales e intereses dispares. Nuestro foco se detiene en un conjunto de sonoridades que eran consideradas “alternativas” y fuera de los circuitos “comerciales”. En este abanico sonoro encontramos experiencias que sus cultores denominaron música “contemporánea”, “progresiva”, “rock”, “latinoamericana”, “folklórica”, de “fusión”, “psicobolche”, entre otras. Si bien, a medida que avanzamos en nuestra investigación, encontramos diferenciaciones internas, para esta ponencia en particular proponemos detenernos en lo que sus cultores llamaron “rock”, y profundizar sobre nominaciones y categorías clasificatorias al interior de este género estilístico. Consideramos tanto la recepción de públicos como algunos artistas, productores y personal de apoyo. Intentamos adentrarnos en ciertas fronteras que encontramos en el trabajo de campo realizado hasta el momento. Así describimos que ciertos rockeros se diferenciarían de otros, unos resultarían más “hippies”, otros más “punk” y otros más “chetos”. Estas formas clasificatorias implicaban ciertos consumos, arreglos corporales y formas de presentación personal. Proponemos adentrarnos dentro de estas dimensiones y aparente división estilística para investigar formas de performar las sonoridades, y de cómo estas denotaban ciertas identificaciones grupales, políticas, sexuales y de clase. Así, exploramos cómo ciertas poéticas y performances contribuyeron a hacer subjetividades juveniles en la ciudad de Córdoba durante el periodo que estudiamos.

PALABRAS CLAVE: Subjetividades; Música; Juventudes

Música e política na obra dos Engenheiros do Hawaii: 1985-1992.

Nelson Souza Soares (Unimontes)
nelsonss13@hotmail.com

RESUMO: A história brasileira foi marcada em alguns momentos pela presença de uma produção musical politizada, especialmente após a instauração da ditadura civil militar em 1964. Vários artistas da MPB- Música Popular Brasileira - produziram obras que apresentavam críticas, abertas ou veladas, à situação política brasileira e ao cerceamento da liberdade de expressão. Podemos citar entres esses músicos nomes como Geraldo Vandré, Chico Buarque de Holanda, Gilberto Gil, Caetano Veloso entres

outros. Diversos autores conceituados se dedicaram ao estudo desse contexto como Marcelo Ridente, Marcos Napolitano e José Geraldo Vinci. Esse período ditatorial durou, segundo a maioria dos pesquisadores, até 1985. Mas isso não significou o fim dos graves problemas políticos e sociais. Durante a década de 1980 o país enfrentou baixíssimos índices de crescimento. Na tentativa de sanar esse problema houve uma sucessão de planos econômicos pouco eficientes. Essa década ainda é lembrada pela excessiva desigualdade social no país. A música politizada do período militar possuía uma espécie de inimigo comum: o governo ditatorial. Sendo assim, frequentemente as temáticas apresentadas em suas letras traziam críticas ao mesmo, particularmente contra os mecanismos de censura e pela volta da democracia. Como pode ser percebido, a redemocratização não solucionou os problemas políticos e sociais do país. A produção musical, notadamente do rock, continuou a apresentar críticas às mazelas políticas e sociais. Porém nesse momento não havia mais uma ditadura a ser combatida. Quais seriam então os novos assuntos abordados na música de teor político? Nesse trabalho apresentaremos essa questão nos baseando na produção da banda Engenheiros do Hawaii entre os anos de 1985 á 1992.

PALAVRAS-CHAVE: rock brasileiro; rock e política; Engenheiros do Hawaii.

Soprando um furacão: Como a comoção pública retratada em uma canção pode alterar os ventos de um veredito

Giovani Gonçalves Pinheiro
giovani@pinheiro@gmail.com
Ismael Kalil (UNIOESTE)
kaliladv@hotmail.com

RESUMO: A história de “Hurricane” é a história de um sistema penal manchado pela injustiça racial na América do Norte. Em 1967, o boxeador negro Rubin “Hurricane” Carter foi condenado duas vezes, em 1967 e 1976 pelo assassinato de três brancos em um processo permeado por falhas e com um júri predominantemente branco. Após oito anos na prisão, Hurricane enviou um rascunho manuscrito de suas memórias para o cantor folk Bob Dylan, que visitou o pugilista em sua cela e escreveu a letra. A música de Dylan é como um pequeno script de cinema, ou antes, uma reconstituição da cena do crime, descrevendo quadro a quadro a noite de 16 de Junho de 1967 em um bar chamado Lafayette Bar and Grill em Paterson, Nova Jersey. Seu alcance entre o público ajudou a realização de um novo julgamento que, outra vez, condenaria Carter. Hurricane só teve sua pena subvertida em 1984. Analisaremos como a arte, em especial o rock engajado, influencia positiva ou negativamente na opinião pública em casos jurídicos. Como se dá seu alcance em momentos de comoção e em tensão racial como o caso acima descrito.

PALAVRAS-CHAVE: racismo; música de protesto; Rubin “Hurricane” Carter.

Um “aspecto” do rock cascavelense

Atair José Bernardino de Jesus (UNIOESTE)
atair-jose@hotmail.com
Cristiane Aparecida Ribeiro Bueno (SEMED)
cristianeapbueno@Yahoo.com.br

RESUMO: Apresentando a história de uma das bandas mais antigas no cenário do rock cascavelense, este trabalho tem por objetivo resgatar momentos singulares na trajetória da Banda Aspecto, a partir dos relatos de Hilton Bueno guitarrista e o idealizador e fundador da Banda e Adriano Reisdorfer baixista e co-fundador da mesma. Com mais de duas décadas de atividades, a Banda Aspecto solidificou-se no cenário musical cascavelense, interpretando covers de bandas dos 70 e 80, tais como: Casa das Máquinas, Raul Seixas, Mutantes, Deep Purple, Black Sabbath entre outras, e apresentando o diferencial de músicas e letras com composições próprias, as quais influenciadas por bandas de rock nacionais e internacionais. Tendo como característica, não se limitar ao cover, Aspecto conta com cerca de vinte e cinco músicas, as quais trazem em suas letras, sentimentos vivenciados pelos componentes da banda, em diferentes momentos de sua trajetória histórica. Com tantas composições, buscaremos apresentar a identidade da banda, a partir de trechos de algumas das músicas que marcam a história do grupo, coadunando a produção da banda com a sua identidade musical. Nesta pesquisa utilizaremos dos estudos de Jean C. Paterno (2005), situando nosso trabalho na temática: histórias do rock; realizando, portanto, um breve histórico do rock de Cascavel-PR. As diferentes compreensões de “cultura” também será foco de nosso estudo, o qual pretende-se evidenciar a falta de apoio financeiro e cultural para que as bandas cascavelenses apresentem seus trabalhos. Completando 24 anos de sua formação inicial, a Banda Aspecto hoje, compõe a história do rock no interior do estado do Paraná, sendo uma das poucas bandas dessa época ainda em atividade.

PALAVRAS CHAVE: História do Rock; Banda Aspecto; Rock regional.

Quase famosos: a difusão do movimento *underground* e as bandas independentes no Rio de Janeiro

Haroldo Athos de Sousa Dias (UFRJ)
hathosd@gmail.com

RESUMO: O artigo aborda um movimento independente do cenário alternativo do subúrbio do Rio de Janeiro conhecido como Rock Maya. Este trabalho se desenvolve a partir de uma busca etnográfica, tendo como ponto de partida, o livro que narra a história desse movimento, seguido da oportunidade de acompanhar e interagir na organização de uma edição especial comemorativa do evento Som na Praça. Evidenciar o movimento cultural Rock Maya é falar de contemporaneidade, dos artistas que produzem uma forma de arte independente inspirados na música, o que nos remete a questão de como se consolida uma perspectiva de criação do *rock* dentro de um contexto sociopolítico, e como se expressa com um caráter de contracultura. Portanto, os questionamentos deste trabalho apontam reflexões de como as bandas independentes se constituem diante das tendências mercadológicas que restringem as oportunidades de difusão dos seus trabalhos. Os registros fotográficos são utilizados para auxiliar na

interpretação do movimento Rock Maya como um fenômeno cultural que solidifica as qualidades de agência das bandas de *rock* independentes junto ao público frequentador do evento. Consolidar um escólio de informações registradas de forma escrita em um diário de campo, somado à captura de imagens por fotografia, proporcionou uma observação mais profunda do objeto estudado. Essa sistemática metodológica auxiliou na compreensão da autenticidade local, das relações de agência, do contexto social, das simbologias e das formas estéticas expostas nesse espaço de produção musical independente. O objetivo deste trabalho ao delimitar a cena, possibilita retratar a realidade do *rock* no subúrbio do município do Rio de Janeiro, levantando discussões e reflexões sobre o contexto sociopolítico de criação da música e os conflitos de identidade e autenticidade dos artistas independentes, sejam da categoria de banda: autoral, *cover* ou tributo do gênero *rock*.

PALAVRAS-CHAVE: Bandas independentes; indústria de massa; autenticidade.

Forma-sujeito João de Santo Cristo: diferentes sujeitos e identificações em “Faroeste caboclo”

Cleverson Lucas dos Santos (UNIOESTE/Cascavel)
cleverson_lucas@msn.com

RESUMO: Faroeste Caboclo é uma música composta por Renato Russo da banda Legião Urbana, lançada em 1987. Foi composta em 1979 e integrava o repertório de outra banda que Renato Russo integrava: Aborto Elétrico. Nessa longa música, apresenta-se a história de vida de um certo João de Santo Cristo. Sujeito complexo que vivencia adversidades, desilusões, possibilidades das mais diversas. Assim, objetiva-se delinear tal forma-sujeito João inserida nesse discurso/música percebendo os diversos sujeitos, efeitos de sentido e identificações proporcionadas por ela, a partir do funcionamento discursivo à luz do referencial teórico da Análise do Discurso de linha francesa, em Pêcheux (2009, 1990); Orlandi (2012, 1997); Ferreira (2003); Ferreira-Rosa (2012), aliado a conceituação sobre música, rock brasileiro da década de 1980 e juventude. A forma-sujeito João de Santo Cristo surge então no embate entre o espelho/duplo do real e o irrealizado das diferentes classes sociais. As identificações dialogam com a figura de um herói contraposto ao anti-herói no mesmo sujeito, remetendo à complexidade própria do ser humano, que não se caracteriza unicamente por características boas e/ou ruins; mas as vivências e experiências pessoais proporcionam-lhe diferentes posicionamentos diante dos acontecimentos cotidianos. Assim, Faroeste Caboclo não se fecha, mas antes abre-se sobre as formações discursivas permitindo a cada um relacionar-se com os efeitos de sentido que lhe estão disponíveis. Em cada formação discursiva, os sujeitos são instados diversamente, produzindo efeitos de sentido diversos. Por fim, percebe-se que a delimitação da forma-sujeito e dos sujeitos instados a significar nela, só é mais um dos caminhos possíveis para a análise desta música.

PALAVRAS-CHAVE: João de Santo Cristo; forma-sujeito; Análise de Discurso francesa.

O novo bárbaro pós-colonial: Gilberto Gil e os contatos atlânticos na apropriação do rock no Brasil

Jefferson William Gohl (UNESPAR)
jwgohl@yahoo.com.br

RESUMO: A história do rock no Brasil passou pela atuação do músico Gilberto Gil como um dos principais mobilizadores no sentido de realizar fusões entre o conteúdo musical internacional e as expressões folclóricas brasileiras, é também uma história dos trânsitos atlânticos em um triângulo geográfico posto entre o continente africano, a Europa e a cidade de Salvador na Bahia na dinâmica pós-colonial, em que a modernização das vanguardas artísticas se relaciona com aspectos da contracultura nascente e se transforma aos poucos em uma cultura estabelecida. O objetivo deste trabalho é de estabelecer análise em torno das trajetórias políticas, estéticas e corporais de Gilberto Gil a partir da caravana Doces Bárbaros de 1976 até o festival de Montreaux de 1978. Identificando assim as definições do rock presentes nas canções do artista em que o papel das variadas sonoridades em suas conexões atlânticas são exploradas. A captação de uma determinada percepção da corporalidade/visualidade/audibilidade e dos variados contrastes entre a negritude e a branquitude, que se circunscrevem no âmbito da contracultura, pretende reconstruir processos e mediações interculturais que se estabelecem entre o Brasil e a o Continente europeu, cujo pano de fundo e modelo de inspiração é a cultura africana enquanto traço legitimador da apropriação do rock no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Gilberto Gil; Rock; mundo atlântico.

Simpósio temático Poéticas do Rock

Pesquisas que tratam das especificidades estético-literárias de canções desse gênero, contemplando as qualidades artísticas de letras, arranjos, álbuns, conjunto da obra, entre outros temas.

De la experiencia al hedonismo: las tramas discursivas del Rock-Pop argentino durante el período 1982-1989

Cristian Secul Giusti

(CILE/Becario de investigación de la Universidad Nacional de La Plata.)

cristiansecul@gmail.com

RESUMEN: Este trabajo analiza las tematizaciones de libertad que proponen las líricas del rock pop argentino editadas durante el período 1987-1989. Dichas letras (que se desprenden de un corpus más extenso y característico de una investigación doctoral en curso) abordan las problemáticas y los desafíos de la identidad de los jóvenes en el marco de la transición democrática y, por consiguiente, en relación con la construcción discursiva de la libertad. En este marco temporal se presentan distintos modos de concebir el ideario de libertad -en relación con aspectos del contexto y las propias estéticas que el rock genera y ha generado a través del tiempo-. El estudio analítico y valorativo implica entrar en un terreno de disputas que permite abordar la cuestión de la libertad a partir de las temáticas que presentan las letras: la búsqueda de la identidad – vinculada directamente con las situaciones represivas generadas por la última dictadura militar-; lo políticamente correcto en un contexto democrático; y la diferenciación con la propia historia del rock argentino, primordialmente. En virtud de ello, vale decir que las letras de rock se erigen como discursos que se desarrollan en una época determinada y que, a su vez, retroalimentan la identidad social de las personas, las relaciones de estas y de los grupos entre sí. Así, es posible observar recurrencias lingüísticas en estas líricas, puesto que articulan intencionalidades y modos de pensar, criticar, interpelar e interpretar la conflictividad juvenil desde la propia enunciación de la libertad.

PALABRAS CLAVES: Rock-Pop argentino; Jóvenes; Democracia.

La Historia argentina en las portadas de los discos de la banda Hermética

Manuela Calvo (IGEHCs-CONICET)

nuna.calvo@gmail.com

RESUMEN: Problema: Hermética es una banda argentina de *trash metal* que se desarrolló entre 1987 y 1994. Fue fundada por Ricardo Iorio luego de la disolución de V8, primera banda de *trash metal* de Argentina. La importancia de Hermética radica en la gran masividad que alcanzó durante y posteriormente a su período de actividad. A pesar de su disolución, sus seguidores la evocan constantemente como uno de los pilares fundamentales del heavy metal argentino. Como en la actualidad los fans no tienen la posibilidad de asistir a conciertos en vivo de la banda, se vuelve fundamental la existencia del material grabado. Objeto: En este trabajo analizaremos las portadas de los tres discos de estudio que editó la banda Hermética durante su período de actividad: “Hermética” (1989), “Ácido argentino” (1991) y “Víctimas del vaciamiento” (1994). Nuestro propósito será reconstruir los diálogos presentes en las gramáticas de

producción de las imágenes que componen el arte de tapa de estos tres discos, más específicamente aquellos que se producen con acontecimientos de la Historia de Argentina. Para ello nos serviremos del análisis de la retórica de la imagen propuesto por Roland Barthes. Además, tendremos en cuenta a las portadas como discursos sociales en términos de Eliseo Verón, por lo que consideramos que estos diálogos nos permitirán acercarnos a las condiciones de producción y a la dimensión ideológica subyacente que, posiblemente, se vincule con una concepción específica de nacionalismo.

PALABRAS CLAVE: Discos; Historia Argentina; Heavy Metal.

O Aborto Elétrico na cena do rock nos anos de 1980: signos em trânsito na semiosfera

Therence Santiago Alves Feitosa (PUC/SP)
thefeitosa.rock@gmail.com

RESUMO: O referente artigo se concentrou em algumas letras de canções da banda Aborto Elétrico. O Objetivo foi a partir das letras mapear/analisar alguns cenários presentes no início dos anos de 1980 no Brasil. Nessa direção surgiram as seguintes perguntas: Como é possível através do rock brasileiro, em específico a banda Aborto Elétrico, pensar os anos de 1980 no Brasil? Como as letras das canções dessa banda narravam os trânsitos pulsantes da semiosfera naquele período? Metodologicamente enquanto natureza qualitativa foi escolhido o método dedutivo, tendo como referenciais bibliográficos principais autores da semiótica da cultura. Justificando a pesquisa, a escolha dessa década se deu justamente por conta das inúmeras produções de sentidos artisticamente falando, bem como a atenção dada pelas mais diversas mídias em relação a divulgação do que estava acontecendo. Em relação à escolha da banda o que pesou foi a importância do Aborto na cena roqueira no período. Referente às letras, foi dada atenção nas narrativas relacionadas à construção de significados oriundos delas e seus respectivos efeitos, principalmente no público jovem. Uspenskii (1979) defende a arte como um meio para a produção de sentidos e significados. Lótman (1979) diz ser a arte um fator arquitetônico das estruturas dos sistemas modelizantes de signos. Logo, tudo que transita dentro da semiosfera possui capacidades ímpares em relação à produção de subjetividades. O rock brasileiro na década de 1980 serviu como um instrumento importante no que tange a ideia de compreender melhor aqueles conturbados anos partindo do olhar de uma parcela dos jovens roqueiros daquela época.

PALAVRAS-CHAVE: Rock brasileiro; semiótica da cultura; anos de 1980.

A *Metal Machine Music* de Lou Reed: niilismo musical e música cósmica

Ciro Lubliner (USP)
ciro.lubliner@gmail.com

RESUMO: Este artigo visa perspectivar parte do trabalho do músico norte-americano Lou Reed (1942-2013), através do álbum *Metal Machine Music* (1975). Buscamos analisar de que forma Reed canalizou as potencialidades e as *poéticas do rock* tendo

como suporte todo um aparato maquinário – gerador infinito de ruídos e microfônias. Resgatamos em um primeiro momento o provável cenário de produção e invenção deste disco, dos atos e estados do artista para chegar ao resultado que vislumbrava, partindo depois para o relato das diversas reações que se deram a partir do lançamento do álbum. Suscitamos então a influência que o disco teve em inúmeros artistas e vertentes musicais que surgiram com o passar das décadas, o que evidentemente alterou os olhares quanto a obra, transformando assim sua recepção e apreciação. Chegamos ao pressuposto de que *Metal Machine Music* alcançou originariamente uma espécie de *niilismo musical*, dado seu caráter de total ruptura e destruição, mergulhada que está na ausência de uma sobriedade conformada por construções básicas na ciência e técnica musical. Apoiando-se sobretudo em entrevistas com o artista e no conceito de *ritornelo*, tal qual definido por Gilles Deleuze e Felix Guattari, identificamos em que momento este niilismo ganhou outros contornos e nuances, atingindo o que os filósofos franceses chamariam de *música cósmica* – isto ocorrendo a partir da transposição da gravação para uma apresentação ao vivo, realizada pelo músico alemão Ulrich Krieger, que, em nossa percepção, materializou neste processo a ideia de *transcrição* próxima da trabalhada pelos irmãos Haroldo e Augusto de Campos no que tangia a tradução de poesia. Finalmente, o intuito deste texto será o de iluminar esta produção sonora específica, elencando a partir dela novas leituras para o trabalho de Lou Reed.

PALAVRAS-CHAVE: Lou Reed; Metal Machine Music; Ritornelo

Rock e melancolia: a ausência do outro nas composições de Cazuzza e Maysa

Job Lopes (doutorando - UNIOESTE)
jobliteratura@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo busca analisar a melancolia nas canções de Cazuzza e Maysa, sendo eles considerados pela crítica musical em épocas distintas: compositores de versos melancólicos e românticos. A melancolia é apresentada na Psicanálise e posteriormente na Literatura e nas Artes como um sentimento exacerbado, que constitui um luto profundo e interminável por um sentimento findado. Essa é uma das facetas mais recorrentes nas canções de Maysa na década de 60 e de Cazuzza nos anos 80. Um sentimento que Freud considera de "A ausência que dói". Dessa forma, o eu poético perde a vontade de viver e passa a dedicar-se ao amado – centro de sua vida. A melancolia torna o indivíduo ausente de emoções positivas. Partindo dos estudos de Freud, esse sentimento de tristeza transcende uma fase frustrante e encontra-se enraizado num luto interior. Uma das características desse processo é que o indivíduo se recrimina, sente-se como o causador de todos os seus males. A melancolia se destaca no Rock brasileiro em diversas canções, ou seja, não é uma perspectiva adotada ou um movimento musical, mas uma forma de expressão que se constitui por séculos nas Artes. Maysa compositora dos primórdios da Bossa Nova – foi uma das vozes pioneiras a relatar tetricamente as desilusões e sofrimentos amorosos. Cazuzza décadas depois com um estilo de Rock crítico e progressivo deixou sua mensagem para a sociedade, mas também emocionou com letras de uma incurável dor. Partindo de autores como: Sigmund Freud (precursor dos estudos melancólicos), Sören Kierkegaard, Marina Colasanti, Octavio Paz, realiza-se esse estudo com uma ótica hermenêutica em relação à música brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Música; Literatura; Melancolia.

Poética de confronto e micropolítica em Patti Smith

Paulo Ricardo Pereira e Alves (USP)
pauloricardo@pea@gmail.com

RESUMO: Numa convergência de crítica cultural e estudos literários, pretendemos explorar a poética de Patti Smith no contexto da cena *punk rock* nova-iorquina década de 1970 em suas letras e performances. Pensamos a artista como cartógrafa de seu tempo e das transformações intrínsecas a essa época, mapeadas por ela no corpo da linguagem – no próprio fazer poético e performático –, não somente em sua produção literária da época, mas também em álbuns como *Horses*, *Radio Ethiopia*, *Easter* e *Wave*, por meio de uma política-estética; por ela somos levados à política *como* estética; à “política menor”, do eu mínimo, de Deleuze – ou micropolítica, de caráter contingente, de subjetividade e feminilidade. Discutimos ainda como e poética e a performatividade de Patti Smith dá vazão à abertura de um novo tipo de experimentalismo que se integra a uma genealogia de arte/cultura e ao legado da poesia moderna (aquela de Rimbaud e Baudelaire ou, ainda, Whitman, por exemplo) – travando diálogo com elementos catalisadores do pós-moderno que desembocariam no contemporâneo. Nos álbuns citados, Smith trabalha essa poética moderna a uma estética de confronto fundamentadora da conjuntura *punk*, e sua própria performance como artista busca corporificar e informar esse eu-mínimo. Visamos a um panorama dessa produção e à projeção de suas reverberações no contemporâneo e numa conjuntura contracultural e à reflexão de como a artista articula seu momento sócio-histórico com a linguagem poética, pensando a música popular, como extensão da poesia, como meio de assimilação historiográfica e local de configuração e informação dialógica do real – não apenas como “resultado” ou “resultante”, mas também como prática e desdobramento do real e corporificação informada pelo real – enquanto produto cultural.

PALAVRAS-CHAVE: Crítica cultural; Poética; Micropolítica.

Temáticas de *Criaturas da noite* d’O terço

Giandro Alan Mendes de Oliveira (Universidade de Passo Fundo)
giandrodeoliveira@gmail.com
(Orientador: Prof. Dr. Gérson Werlang)

RESUMO: O presente estudo visa analisar as temáticas das obras contidas no disco *Criaturas da noite* da banda O terço. Das oito faixas apresentadas no LP, foram escolhidas as seis canções: “Hey, amigo”, “Queimada”, “Pano de fundo”, “Volte na próxima semana”, “Criaturas da noite” e “Jogo das pedras”, deixando-se as músicas instrumentais “Ponto final” e “1974” de fora da análise. Entre os aspectos abordados neste trabalho, destacam-se: o contexto social, considerando a aceitação crescente do rock brasileiro na época, o que favoreceu a expansão dos horizontes e o maior reconhecimento do trabalho da banda pelo público e mídia, a repressão imposta pela ditadura militar na década de 70 e as limitações do mercado musical no país, dificultando inclusive a produção do disco da banda; a ligação dos temas com as características musicais de cada canção, observando-se alguns aspectos como as letras,

as instrumentações e os estilos musicais, o que se associou e reforçou assuntos como a preocupação ecológica, a repressão cultural militar e a necessidade de familiarização da sociedade com o rock; e ainda as influências musicais sobre O Terço, que vinha de uma renovação recente na formação e parcerias, contando com um grupo ativamente participante do processo de criação de letras, melodias e arranjos, e que trouxe como inspiração ao disco, dentre outros, estilos como a música folk, o rock brasileiro e o rock progressivo.

PALAVRAS-CHAVE: O Terço; Criaturas da Noite; Rock brasileiro; Anos setenta.

Rendez-vous au jardin des désirs: a poética do desejo na canção de Étienne Daho

Flavio Pereira (Unioeste/Foz do Iguaçu)
poliglotta@gmail.com

RESUMO: Étienne Daho, nascido na Argélia ocupada, em Oran, no ano de 1956, é um dos principais autores da canção pop-rock francesa contemporânea. Artista originário da cena rock de Rennes do início da década de 1980, é autor de doze álbuns solo e um em duo com Jeanne Moreau, no qual musicou excertos do longo poema "Le condamné à mort", de Jean Genet. No Brasil, tornou-se relativamente conhecido, sobretudo pelos aficionados à música francesa, por ocasião da difusão de sua versão pop-rock de "Mon manège à moi", composição de Jean Constantin e Norbert Glanzberg eternizada por Édith Piaf e incluída na trilha sonora internacional da novela global "Paraíso Tropical", lançada em cd. O clipe da canção também foi difundido quando foi lançada a emissora paulista de TV "Canal 21", nos intervalos da programação. Neste trabalho, propomos uma primeira aproximação à poética deste poeta da canção a partir do tema do desejo, um dos mais presentes em seu cancionário. Para tanto, focalizaremos sobretudo o álbum "Éden", de 1996, no qual há uma perfeita fusão entre a poesia escrita propriamente dita das letras das canções e a camada sonora que reforça e realça seus sentidos, um álbum conceitual que explora de forma exemplar a temática já anunciada em seu próprio título, que nos remete ao Paraíso bíblico, um dos grandes arquétipos da literatura ocidental. Assim, acreditamos ser capazes de apreender o disco como um conjunto coerente e buscar relações com outros discos de Daho. Este trabalho preliminar pretende se desdobrar em futuros artigos, tanto sobre a poética deste autor, como de outros poetas da canção francesa.

PALAVRAS-CHAVE: Étienne Daho, desejo, pop-rock francês

“Eu não sou um caraguejo” e a recusa dos regionalismos na cena pós-mangue recifense

Cynthia de Lima Campos
(Instituto Federal da Paraíba – campus Picuí)
cynthia.lcampos@gmail.com

RESUMO: Após colocar a cidade do Recife no mapa dos circuitos musicais, o movimento Manguebeat acabou por fundar uma sonoridade que faz uso de instrumentos

regionalistas como a rabeça, a alfaia e o pandeiro e que mistura ritmos regionais como o forró, o baião e o frevo com a música pop. Fortemente presente nas duas principais bandas do movimento – CSNZ e Mundo Livre S.A. – esta mesma sonoridade foi incorporada por outras bandas que sucederam o movimento, convertendo-se em fórmula de sucesso e fazendo surgir certo ufanismo entre os produtores culturais da cidade. De outro lado, bandas como The Playboys, Volver e Mombojó, entre outras, passaram a representar uma evidência de que existiam pessoas e músicos interessados em outras sonoridades, fenômeno que passou a ser denominado Pós-Mangue e que foi bastante crítico do uso da “sonoridade mangue” como fórmula de sucesso. Assim é que nos propomos, neste trabalho, a analisar a sonoridade, as letras e o conjunto da obra, aqui entendido como o número de álbuns/EPs lançados e suas condições de produção, de bandas/músicos de maior representação nos primórdios do Pós-Mangue, como Parafusa, Profiterolis, The Playboys, Mombojó, Volver e China. Para tanto, recorreremos à audição de seus álbuns/gravações, assim como à pesquisa de releases dos álbuns e registros de entrevistas dos músicos. Sempre que possível privilegiamos informações advindas dos mesmos. A metodologia de análise consistiu em buscar identificar os ritmos e uso de instrumentos e/ou recursos eletrônicos, mas também na análise de conteúdo, no tocante aos releases e registros de entrevistas, e à análise de discurso, no que diz respeito às letras das músicas, o que nos levou a registrar uma forte recusa da “sonoridade mangue” e até mesmo uma crítica a tal ufanismo.

PALAVRAS-CHAVE: pós-mangue; indie rock; cena musical

O Terço: uma análise técnica da guitarra de Sérgio Hinds no álbum *Casa Encantada*

Douglas da Costa Rufatto (Universidade de Passo Fundo)
dougrufatto@gmail.com

RESUMO: O álbum de 1976 da banda brasileira de rock progressivo O Terço, *Casa Encantada*, lançado pela gravadora Chantecler, chama atenção pela sua rica textura homofônica, ora destacando a melodia vocal, ora marcada por seções instrumentais, nas quais os destaques caem sobre algum instrumento solista. Entre esses instrumentos, encontra-se a guitarra gravada por Sérgio Hinds, membro bastante atuante e que participou de quase todas as formações da banda. O presente artigo tem por intenção partir de um breve histórico sobre o álbum em questão, situando-o na cronologia do grupo, e também da trajetória musical do guitarrista até o lançamento do disco, para depois, por fim, apresentar uma análise técnica sobre a guitarra de Hinds em algumas das músicas do álbum. Os aspectos a serem analisados vão desde a escolha de timbres até as escalas e as técnicas específicas aplicadas em cada uma das partes dessas músicas, como efeitos, dinâmicas, harmonias e intervalos melódicos mais utilizados. Para realizar tal análise, serão feitas, a partir dos áudios do disco, transcrições em forma de partitura de alguns trechos executados pela guitarra em cada uma das músicas escolhidas. As músicas escolhidas foram: “Flor de La Noche”, “Luz de Vela”, “Guitarras”, “Cabala”, “Solaris”, e “O Vôo da Fênix”.

PALAVRAS-CHAVE: O Terço; Guitarra; Sérgio Hinds.

A brasilidade no rock do *Clube da Esquina* em “Nuvem Cigana”

Silvio Moreira
(USJT - Doutorando USP)
prof.silviomoreira@gmail.com

RESUMO: Em 1998, a pesquisadora M. T. Ulhôa constatou, durante uma comunicação sobre o Rock Brasileiro no Seminário de Pesquisa do Instituto de Música Popular da Universidade de Liverpool, que os ouvintes ingleses não identificavam singularidades nas músicas apresentadas que justificassem a terminologia de ‘Rock Brasileiro’. Em decorrência deste evento, Ulhôa empreendeu uma pesquisa a procura de indicativos objetivos da singularidade do rock brasileiro em face do rock inglês, apesar da reconhecida dívida que o primeiro tem para com o último. Escolheu evidentemente o que mais lhe parecia distante do rock inglês, procurando obras em que se explicitassem motivos e ritmos brasileiros dentro da forma do rock. Procurando oferecer uma contribuição a pesquisa de Ulhôa, este trabalho procurará aplicar parte das categorias desenvolvidas pela autora agora em peças declaradamente mais influenciadas pelo rock inglês, em particular “Nuvem Cigana”, de Lô Borges e Ronaldo Bastos, gravada em 1972 no clássico álbum *Clube da Esquina*, catalogado também como rock psicodélico, cuja música a pesquisadora Thais dos Guimarães Alvim Nunes afirma ser um exemplo de influência dos *Beatles*. Apesar desta influência, pretendo demonstrar em que medida ela é absorvida e transvertida por meios tipicamente brasileiros. Irei me concentrar na poética da letra, a fim de verificar como a temática simbólica, presente em todo o movimento do rock, é trabalhada pela matriz do nosso folclore. O centro da luta de Ulhôa foi justamente identificar como estes processos que são habituais ao rock em geral não ocorrem da mesma maneira, e que estas diferenças são suficientes para singularizar o estilo.

RESUMO: “Nuvem Cigana”; rock brasileiro; rock inglês.

Rock, racha, ruído: nas interfaces do som e dos metais, da velocidade e dos motores

Janete El Haouli (UEL)
janete.haouli@hotmail.com
Leila Sollberger Jeolás (UEL)
leilajeolas@gmail.com

RESUMO: O fascínio pelo sons-ruídos que deu origem ao rock, e pela potência dos motores, é objeto de nossa reflexão, oriunda de pesquisas sobre som-ruído / ruído-música no universo do rock e das corridas ilegais de carros (“rachas”). Os sons dos motores transformaram-se em uma nova forma de êxtase possibilitada pela revolução técnico-industrial. Metáfora de seus amantes e produtores, através deles os jovens “entram em cena” e ganham maior *visibilidade* e *audibilidade* nos centros urbanos. Alvos da indústria cultural, produzem novas demandas de comportamento e de consumo com a criação de estilos de vida diversos e desdobram-se em grupos e culturas específicas com subdivisões que (re)criam novos estilos, nos quais música, roupas, cortes de cabelo, gosto por carros e motos, tatuagens, *piercings* e atitudes transgressoras se expressam de diferentes formas. Mostraremos, ainda, em 1913 o compositor,

pintor, maestro e inventor futurista italiano Luigi Russolo, ao publicar o tratado-manifesto *L'Arte dei Rumori* (A arte dos Ruídos), inspirado na revolução industrial, afirmava que os futuristas preferiam escutar combinações de ruídos como os dos carros, das máquinas, das multidões e, assim, Russolo inventa novos instrumentos por ele denominados *intonarumori* (entoação de ruídos) com o intuito de transpor os ruídos do cotidiano e das máquinas para a música. Ele dizia: “é preciso romper esse círculo estreito de sons puros e conquistar a variedade infinita dos “sons-ruídos”. Nosso objetivo, portanto, é refletir e focar a discussão na relação som-ruído, música-ruído, cujos limites fluidos produzem “música para os ouvidos” de/para jovens que expressam gostos, identidades e pertencimentos contra uma espécie de sentimento de inexistência produzida pelas incertezas geradas na contemporaneidade.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Som; Ruído; Motores e Velocidade; música das máquinas.

Mudança de modalidade, da literatura para a música, como forma de tradução

Silvio Somer (UFSC)
silvioletras@gmail.com

RESUMO: O cruzamento de fronteiras entre linguagens é uma realidade antiga, mas a ligação entre música e literatura é especialmente produtiva. A presente comunicação tem como foco algumas das ligações entre o rock, ou metal, e literatura, são elas: (1) Rime of the Ancient Mariner, da banda Iron Maiden, música baseada no poema homônimo de Samuel Taylor Coleridge; (2) Komödia, da banda Dreams of Sanity, álbum baseado no poema épico, de Dante Alighieri, intitulado A Divina Comédia; (3) Rapid Eye Movement, da banda Riverside, álbum com referências à novela O Médico e o Monstro de Robert Louis Stevenson. Nas três escolhas percebe-se que para a mudança de veículo, do meio escrito para o meio musical, pode ser necessário remanejar a obra inicial para se encaixar melhor à proposta musical. Assim, no caso (1) há trechos usados *ipsis litteris*. No caso (2) a ideia subjacente à obra literária é adaptada nas palavras de outra pessoa. No caso (3) a obra musical trata de um assunto diverso à obra literária, no entanto faz referências a esta. Os três casos tratam não apenas de adaptação, mas também de tradução, ou transposição, por um lado isso se faz de uma língua para outra, como no caso de A Divina Comédia, por outro lado se faz também de uma linguagem para outra, isto é, da literatura para a letra de uma música. As mudanças de tipo e de forma de expressão revelam uma faceta da estrutura de cada linguagem, e é através das estruturas de ambas que o compositor/adaptador/tradutor deve andar para fazer o seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Tradução; Adaptação.

Padê Onã: Pedras que rolam e os encontros de lugar nenhum

Ludmilla Kujat Witzel(UNIOESTE)

ludmillakw@hotmail.com

Cinthia Elizabeth Otto Rolla (UNIOESTE)

cinthia.otto@hotmail.com

RESUMO: Primeiro a saudação: Padê! Para depois percorremos caminhos: Híbridez latino-americana, Entre-lugar, zona intersticial, gênero híbrido. Tão logo decodificamos as palavras, prontamente nos lançamos em um abismo semântico que nos coloca, por carregar a forte marca da pluralidade, da heterogeneidade, da densidade e da elasticidade aplicados à condição humana e especificamente à condição histórico-cultural latino-americana, frente a um ponto de interrogação, uma indagação e certa indignação pela dificuldade em captar a amplitude e a totalidade do que é ser latino. Neste trabalho, mesmo diante da consciência desta dificuldade, intenciona-se não apenas explorar um pouco este campo, mas também promover um recorte que perceba os conceitos à luz dos gêneros musicais rock e rap, mais especificamente, investigando o álbum lançado em 2014 pelo rapper, cantor e compositor, Criolo, em parceria com Daniel Ganjaman e Marcelo Cabral. Convoque seu Buda (Oloko Records – 2014) explora as raízes do rap, mas dialoga com o reggae, o samba, a música africana e o rock, especificamente, com elementos que surgem entre as décadas de sessenta e setenta com a Tropicália e Os Mutantes, por exemplo. Assim, convocamos nosso Buda para trazer alguns conceitos específicos de Hommi Babha (2005) e Silviano Santiago (2000), entre outros, investigando-os no álbum do cantor paulistano, buscando explorar através do diálogo entre o rap e o rock, novas roupagens e expressões na estética da cidade na contemporaneidade, visualizando o *locus* de enunciação no qual se obtém espaço e voz neste entre-lugar no qual se vêem representados os gêneros musicais e o perfil do povo brasileiro sob a perspectiva deste artista.

PALAVRAS-CHAVE: Híbridez latino-americana, Entre-lugar, Convoque seu Buda.

Evasionismo na psicodelia de Ronnie Von

Sílvia José Stessuk (UEL)

silviostessuk@gmail.com

RESUMO: Embora incompreendida à época de seu lançamento, hoje em dia a chamada “fase psicodélica” na carreira do cantor e compositor Ronnie Von tem sido freqüentemente descrita, pela crítica especializada, como um dos pontos estéticos mais altos na história do *rock* brasileiro. Contrastando com as tendências musicalmente mais amenas do movimento da Jovem Guarda, que então imperava no nosso cenário musical, e antecipando as tendências mais provocadoras do que logo viria a ser a Tropicália, essa fase é composta pelos álbuns *Ronnie Von* (1969), *A misteriosa luta do Reino de Parassempre contra o Império de Nuncamais* (1969) e *Máquina voadora* (1970). Dentre os temas e questionamentos abordados pela trilogia, o senso rebelde de evasionismo merece relevo, surgindo, por exemplo, em canções emblemáticas como “Chega de tudo” (do primeiro álbum mencionado), “Atlântida” e “De como meu herói Flash Gordon irá levar-me de volta a Alfa do Centauro, meu verdadeiro lar” (do segundo) e “A máquina voadora” e “Viva o *chopp* escuro” (do terceiro). Através do

presente trabalho, pretende-se pesquisar o perfil e o alcance do senso de evasão como uma das linhas temáticas estruturantes nos três álbuns psicodélicos de Ronnie Von, passíveis de serem lidos em conjunto, de acordo com uma perspectiva de progressividade conceitual. Levando em consideração que o evasão permeia praticamente toda a obra musical desse artista, antes e depois da psicodelia, mas optando-se pelo recorte estilístico, em princípio pode-se visualizar na trilogia o desabrochar das inquietações evasãoistas no primeiro álbum de 1969, o aprofundamento e problematização no segundo álbum (no qual se encontra também o aspecto de auto-ironia proposto pela canção “Pare de sonhar com estrelas distantes”) e a resolução final de reafirmação enérgica da evasão no álbum de 1970, com seu título bastante revelador.

PALAVRAS-CHAVE: evasãoismo; psicodelia; Ronnie Von.

Reflexos da poesia de Fernando Pessoa na produção musical do Secos & Molhados

Alex Ferraz
ferraz1322@hotmail.com
André Boniatti (UNIOESTE)
zeforis@hotmail.com

RESUMO: A presente pesquisa busca levantar alguns pontos de intertextualidade demarcados entre a produção poético-musical da banda nascida nos anos 70 Secos & Molhados e a imarcescível poesia de Fernando Pessoa. Tal produção, desde seu início até hoje de grande estima e audiência, é sabido, traz à tona poemas e versos de vários poetas de língua portuguesa, como Vinícius de Moraes, Cassiano Ricardo, Manuel Bandeira, bem como o pai de João Ricardo, fundador da banda, João Apolínario e, claramente, sendo o escopo a nosso trabalho, Fernando Pessoa. Suscitado, assim, pela citação direta no álbum de estreia da banda: "Não, não digas nada", canção que é, na verdade, um poema do livro "Cancioneiro" do poeta português, o artigo envereda-se por outras similitudes e proximidades, em uma análise interpretativa comparativa entre ambas as poéticas, enfatizando a aproximação mais especificamente entre a canção (letra e melodia) "Amor" e o poema "Leve, leve, muito leve" do heterônimo Alberto Caeiro, encontrado em seu livro "O guardador de rebanhos"; clamando versos ainda do livro "O pastor amoroso", que auxiliarão no desencadear da interpretação como peças-chave para o comum significado que norteia a produção dos textos cotejados. Embora a intenção não seja, neste trabalho, comprovar influências, mas refletir o problema e explicitar similitudes quase óbvias, espera-se deslindar esse ponto intertextual, com o amparo das colocações teóricas acerca da "Intertextualidade" de Tiphane Samoyault, seguindo a metodologia da disciplina de Literatura Comparada e de seus teóricos, acreditando, assim, ampliar o reconhecimento acerca da poética que envolve esta que é uma das maiores bandas de rock brasileiras de todos os tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Secos & Molhados; Fernando Pessoa; Poesia.

A canção “Babilônia maravilhosa”, de Evandro Mesquita: o fim da festa?

Antonio Marcio Ataide (USP-UNIOESTE)
ataide@usp.br

RESUMO: A presente comunicação pretende analisar, à luz das teorias da Análise do Discurso e do *New Historicism*, a letra da canção “Babilônia maravilhosa”, de autoria de Evandro Mesquita, terceira faixa do álbum *Procedimento normal*, lançado em 1989. Ainda que o ritmo e os instrumentos utilizados no arranjo da música deem a ela um tom eufórico e dançante, este clima não se repete no conteúdo da letra. Trata-se de mais uma dentre as inúmeras canções que cantam o Rio de Janeiro, mas essa o faz de modo singular. A partir de motivos já cristalizados pelo cancionário, como cidade maravilhosa e princesinha do mar, Mesquita nos apresenta a caótica metrópole – uma Babilônia moderna – do fim dos anos 80. Os ouvidos acostumados às lisonjas comumente dedicadas à capital fluminense estranharão a descrição do forte calor no verão, da desfavorável situação econômica, da falta de saneamento público, do mau futebol jogado no maracanã, etc., isotopias disfóricas que constituem e estruturam a composição. Muito se discute sobre o papel e a importância da arte na história; desde sua função meramente documental até os limites actanciais da produção artística no Estado de Coisas. Seja a canção em análise mero “reflexo” do conturbado momento sócio histórico de sua produção, seja ela uma tentativa de ação por meio do procedimento de denúncia, orientarão as discussões estabelecer em que medida o conteúdo dessa canção integra um discurso histórico maior, o que pode garantir sua permanência através dos tempos ou condená-la ao esquecimento.

PALAVRAS-CHAVE: Evandro Mesquita; Babilônia maravilhosa; Rio de Janeiro.

“Black Metal ist Krieg!”: Representação estética e significação política da categoria “guerra” no Black Metal Norueguês e Brasileiro

José Otaviano da Mata Machado (mestrando – UFMG)
tavos@engradado.com

Gabriel Oliveira (Bacharel em Relações Internacionais – UNI-BH)
papito@engradado.com

RESUMO: Esse trabalho busca analisar as representações estéticas, identitárias e a significação política da categoria “guerra” no Black Metal norueguês e no Black Metal brasileiro, desde o surgimento das cenas entre os anos 1980 e 1990, até seu desenvolvimento atual nos anos 2000 e 2010. Através da análise das letras de canções selecionadas e da exposição e investigação do contexto de sua produção, a comunicação irá buscar compreender quais as variações diacrônicas e diatópicas entre as duas cenas (norueguesa e brasileira, anos 1990 e anos 2000-2010) de forma a buscar uma compreensão da significação da ideia de “guerra” para ambos os contextos. Para a análise, os pesquisadores se valem de um corpus primário de letras de bandas tradicionais do Black Metal norueguês, como Burzum, Mayhem e Darkthrone, e bandas seminais da cena brasileira como Sarcófago, Vulcano, Ocultan e Unearthly, além de bandas do underground atual. Os marcos teóricos a serem trabalhados serão as teorias de representação e literatura de guerra, como Samuel Hynes, Margot Norris e Catherine Brosman. Serão trabalhadas também as origens e referências históricas do gênero em

ambos os contextos para efeitos comparativos da virtude estética do sub-gênero do heavy metal em questão e a visão de si e da sociedade circundante adotada por seus adeptos, baseando-se na obra de autores como Robert Walser, Ian Christie, Tom Leão, Deena Weinstein e em documentários que abordem a temática de maneira exploratória, como em “Metal: A Headbangers Journey” de Sam Dunn, Scot McFadyen e Jessica Joy Wise (2005) e “Until the Light Takes Us” de Audrey Ewell e Aaron Aites (2008).

PALAVRAS-CHAVE: Black Metal; Guerra; Identidade.

El rock argentino: cuna de un espacio de disenso y construcción alternativa en tiempos de hejemonía militar. El caso de Charly García y sus formaciones musicales

Mariana Alejandra Amil
marian_amil@hotmail.com

RESUMEN: No existe un consenso sobre el lugar que ocupara el Rock como manifestación artística de denuncia y crítica en el contexto de la última dictadura cívico militar argentina. Tampoco lo hay respecto de si se puede considerar que existe una ideología del rock argentino. Las valoraciones y testimonios de músicos, productores musicales y de miembros del movimiento así como las apreciaciones de los historiadores, periodistas y especialistas en el fenómeno son de lo más diversas. Ante este panorama, y considerando a las letras de las canciones como forma de expresión fundamental del mensaje, se propone avanzar en el análisis de las líricas escritas y cantadas en ese contexto como forma de indagar acerca de estos interrogantes. El presente trabajo tiene por objetivo analizar el contenido de las líricas de las canciones de uno de los músicos más destacados: Charly García y sus grupos musicales desde 1975 hasta 1982 con el propósito de indagar sobre su contenido crítico y de denuncia en un contexto de Dictadura. Se parte de la hipótesis de que el Rock argentino, a través del uso de metáforas, sátiras, analogías y sarcasmos en sus líricas, se constituyó como un espacio de crítica, denuncia, y promoción y reproducción de valores contrarios a los impuestos por el Proceso de Reorganización Nacional; y en esta medida, mediante su capacidad para imaginar mundos posibles fue un intersticio de vivencia de la libertad y promoción de la transformación en un contexto de represión extrema. Aclaración: Se considera el Congreso como espacio para discutir la posibilidad de poder replicar la metodología a todos artistas y grupos de la época, produciendo así un material que permita analizar el contenido y la existencia o no de regularidades para confirmar la hipótesis. De resultar adecuado, se cree que también sería útil para dar luz a la pregunta sobre si existe o no una ideología del rock en argentina.

PALABRAS CLAVE: rock argentino; Proceso de Reorganización Nacional; Crítica.

Simpósio temático Rock e Cinema

Estudos comparativos que abordam relações homológicas, históricas, de procedimentos artísticos, dentre outros aspectos, entre esses dois códigos de expressão.

Análise da cobertura jornalística de rock em Goiânia

Paulo Henrique de Assis Faria
(Faculdade Araguaia – pós-grad. UFG)
ph_deassisfaria@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho é de natureza teórica e prática, e, tem como objeto a análise da cobertura jornalística de rock na capital do Estado de Goiás. Na parte teórica pretendeu-se mostrar os principais aspectos de conceituação do que é rock, jornalismo de rock e documentário, bem como os métodos utilizados na feitura da pesquisa. Foi feita a análise de conteúdo no período de um mês e, foram analisados o jornal impresso O Popular, o site A redação, a rádio Interativa FM e a Televisão Brasil Central. A realização desta pesquisa se dá através de um documentário que não teve fins lucrativos, mas, sim, a intenção de explicar um trabalho de temática ainda pouco explorada na área acadêmica. O filme documentário é do estilo participativo, no qual o autor interage com seus entrevistados. Além da veiculação na internet pelo YouTube, foi exibido nos canais goianos TV UFG e Televisão Brasil Central. O ponto de partida da pesquisa surgiu pela extinção de programas voltados para o gênero musical rock. Uma vez que a cena roqueira em Goiânia segue em franca ascensão. Na parte prática foi realizada uma produção audiovisual de 48 minutos de duração, que entrevista membros do jornalismo de rock regional do passado, presente e por assim dizer do futuro. Dentre as conclusões aferidas constatou-se que a cobertura de rock nas grandes mídias é limitada. Por se tratar de um trabalho que relaciona o rock com a comunicação e, assim gerou um documentário, o simpósio escolhido para apreciação e possível exposição da obra é a de “Rock e Cinema”.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Rock; Documentário.

Música com sangue: o Rock Argentino como identidade nos filmes de Pablo Trapero

Rosângela Fachel de Medeiros (URI)
rosangelafachel@gmail.com

RESUMO: Considerado um dos maiores expoentes do chamado *Nuevo Cine Argentino*, o cineasta Pablo Trapero vem conquistando notoriedade e respeito internacional desde o lançamento de seu primeiro longa-metragem, *Mundo Grua*, que foi premiado em vários festivais. O sucesso de crítica e público de seus filmes resulta da forma original como ele imbrica elementos do cinema de autor e do cinema de gênero, estabelecido por Hollywood, utilizando uma estética globalizada para contar histórias extremamente argentinas. O pano de fundo de sua obra é a Argentina Contemporânea, assolada pela grave crise econômica que começou na década de 1990, mesma época em que Trapero iniciou sua carreira. Estando tematicamente muito comprometidos com o contexto político e social da Argentina, seus filmes têm como marca abordar problemas sociais e dar visibilidade a estratos marginalizados da sociedade argentina. Exala de seus filmes

uma argentinidade transcultural, que sem fugir à globalização, traz fortes traços nacionais. Aspecto importante na configuração dessa identidade é a presença recorrente de músicas e de músicos argentinos na trilha sonora de seus filmes, preferindo Trapero utilizar canções ao invés de música incidental, e, sobretudo, “canciones existentes, que ya tienen su contenido y su mundo propio antes.” E nessa paisagem sonora de Trapero destaca-se o Rock Argentino, que através da apropriação e da transformação, criou uma voz própria para e pela Argentina. O Rock Argentino serve, então, para reafirmar o lugar e a identidade dos filmes de Trapero, na mesma perspectiva em que Fito Paez recentemente se referiu ao rock de Charlie Garcia: "Me devolvió mi identidad cuando no sabía quién era".

PALAVRAS-CHAVES: rock argentino, cinema argentino, identidade

O Rei Lagarto de Oliver Stone: considerações sobre autoria em *The Doors* (1991)

Daniel Dória Possollo Carrijo (Mestre – UFPR)
danieldorf89@gmail.com

RESUMO: A obra *The Doors* (1991) de Oliver Stone suscita polêmica até hoje. O filme se propõe uma espécie de *biopic* do conjunto estadunidense com foco sobre seu vocalista e compositor lírico primário, Jim Morrison. A crítica se divide, desafiando o consenso mesmo entre os próprios ex-membros da banda. Teria sido Morrison tão inconsequente quanto o filme transparece ou a representação do diretor seria em verdade demasiadamente exagerada? É consenso dentro dos estudos narratológicos que se debruçam sobre fontes audiovisuais que diretores, atores e condições sociais de produção interferem ativamente e significativamente sobre a construção poética do filme. Desde a dinâmica do *star system*, que aplicaria uma visão editada da personagem pelo filtro do “ator-celebridade”, até os princípios morais e mercadológicos do estúdio a obra é assim moldado por fatores externos ao argumento cinematográfico e ao objeto em si que está a ser representado, no caso das *biopics*. Entretanto, a figura de maior autoridade é o diretor, e no caso de Stone, um diretor conhecido por suas abordagens polêmicas e subversivas. *The Doors* regularmente recebe a acusação de ser uma representação do próprio diretor em lugar do vocalista, ou apenas um conjunto de aspectos de Morrison que teriam sido relevantes para Stone a nível pessoal. Esta comunicação visa não esclarecer os fatos, mas analisa-los de forma crítica para em primeira medida, a nível teórico-metodológico, contribuir com um estudo de caso para a compreensão dos mecanismos pelos quais agentes humanos interferem através da narrativa sobre a ideia de objetividade real e verdadeira em representações audiovisuais e, em segunda instância, orientar aqueles que tiverem contato com a obra e admiram a música ali retratada para uma melhor apreciação, identificando também os elementos extra-diegéticos presentes, enriquecendo a experiência cinematográfica.

Palavras-chave: Oliver Stone; Jim Morrison; Cinema.

“A hard day’s night”: Beatles no cinema - apontamentos iniciais para outros sentidos de espaço

Jucimara Pagnozi Voltareli (FCT/UNESP-Presidente Prudente/SP)
jucimarapagnozi@hotmail.com

Cláudio Benito O. Ferraz (FCT/UNESP-Presidente Prudente/SP)
cbenito2@yahoo.com.br

RESUMO: Como participantes do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas, desenvolvemos atividades que visam estabelecer encontros entre linguagens científicas, artísticas e filosóficas que tenham o referencial espacial como linha aglutinadora de nossos estudos. Diante disso, a pesquisa aqui apresentada em seus processos iniciais visa apontar as possibilidades de contato entre a linguagem artística do cinema musical, no caso o já “clássico” filme dos Beatles “A Hard Day’s Night” (Dir. Richard Lester, ano: 1964, 92 min), com a linguagem científica da geografia. Esse encontro entre planos distintos da produção do conhecimento tem por objetivo experimentar formas outras de pensamentos espaciais, como os expressos por meio da articulação entre imagens e sons realizada pela linguagem cinematográfica, notadamente em seu processo de captação, montagem e edição, e de como essa obra imagético-sonora pode afetar os estudos geográficos na percepção de outros sentidos e leituras do conceito de espaço, fazendo-o derivar de sua suposta fixação identitária em direção a outros pontos de fuga. Para dar conta de tal encontro, fazemos uso dos referenciais teóricos agenciados por Gilles Deleuze e Felix Guattari, principalmente em suas perspectivas de criação de um pensamento geofilosófico. A escolha do filme dos Beatles se justifica por ser uma obra que demarca todo um imaginário sobre a juventude na época, sendo referência para outros filmes e musicais que focam o comportamento juvenil em seus processos de referenciais de localização e orientação no mundo; o referido filme, assim como o estilo musical a ele inerentemente vinculado, reverbera até os dias atuais, seja por tensionamento como por adaptação para com as formas que a indústria cultural territorializa seus processos de produção e consumo, estabelecendo uma paisagem que tipifica a leitura do que é ser jovem, transformando em clichês a potência imagética de resistência e crítica a determinados valores e comportamentos socioespaciais.

PALAVRAS-CHAVE: Espaço; Cinema; Beatles.

Rock vs. Moral: Uma Ópera

Roberto Corrêa Scienza (Mestrando – UEL)
robcorreasc@gmail.com

Silvio Ricardo Demétrio (Orientador - UEL)
silviodemétrio@uel.br

RESUMO: O *Rock N' Roll* é, em sua essência e excelência, transgressor. Ele possibilita o incrível, o duvidoso, o fantástico, o surpreendente. Por meio dele é possível comunicar-se livremente - ato inteiramente revolucionário -, sem amarras, sem moralismos. Seus discursos transcendem a forma. Estão inseridos não só na palavra e no som, mas na imagem, no movimento. O *Rock* não se conforma, não se acomoda, não se deixa submeter. É arma de constante rompimento com a moral; clara expressão libertária (seja ela musical, ideológica, sexual). Portanto, este artigo – a partir da análise

fílmica de Tommy, de 1975, dirigido por Ken Russel, baseado no álbum/ópera rock homônimo de 1969 da banda britânica The Who – pretende evidenciar discursos imagéticos que ilustrem rompimento com a moral, a fim de aclarar a importância destes rompimentos para que seja possível criar novos valores e alçar novos devires. Apresenta-se, através do filme analisado, uma crítica à religião, destacada neste trabalho como um dos agenciamentos basilares constituintes da moral, financiadora de fundamentalismos, intolerância, ressentimento, alienação e poder opressor/repressor e explorador, inibidora do desejo, da vontade de potência, do *Amor fati*, da evolução humana. Para estabelecer as bases desta crítica moral, recorre-se, respectivamente, ao filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche e aos filósofos franceses Gilles Deleuze e Michel Foucault. Por fim, desenvolve-se uma reflexão a partir da discussão e dos resultados engendrados pela análise fílmica, atribuindo ao *Rock N' Roll* um papel importante de transgressor da moral e fazendo um apelo para que tal transgressão não seja perdida nem arrancada de seu discurso.

PALAVRAS-CHAVE: *Rock N' Roll*; Moral; Tommy.

O Som do Ruído: experimentações sonoras no espaço urbano

Ana Letícia Peixe Euzébio (FCT/UNESP - Presidente Prudente/SP)
analeticiaeuzebio@gmail.com

RESUMO: O filme “O Som do Ruído” (França/Suécia. Direção: Ola Simonsson e Johannes Stjärne Nilsson, 2010, 90 min.) retrata um grupo de músicos alternativos a interferir na lógica de nossa imaginação espacial do mundo urbano por meio de criação de outros padrões sonoros e musicais (FERREIRA, 2014). Tal interferência provoca-nos a pensar o quanto estamos acomodados a uma imagem tipificada do urbano, que se pauta em clichês sonoros (seja de música, de barulhos, vozes etc.), os quais nos levam a fixar a identidade dos lugares sem perceber o quanto os mesmos podem tomar outros sentidos espaciais conforme se rasura uma suposta ideia de “normalidade” sonora e imagética do espaço urbano em que nos encontramos. Como membro do Grupo de Pesquisa Linguagens Geográficas, vinculado ao Departamento de Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP de Presidente Prudente, nossa pesquisa, ainda em início de desenvolvimento, visa atender os pressupostos de atividades e estudos do referido Grupo, qual seja, aprofundar análises de outras linguagens, notadamente artísticas, para enriquecer os processos de leitura e reflexões trabalhadas pela linguagem científica da Geografia. O pensamento de Geografia, pautado por inúmeros olhares e camadas, se desdobra em conceitos e permeações epistemológicas que tradicionalmente experimentaram e contataram outras linguagens, sejam elas científicas ou artísticas, de maneira a ampliar suas abordagens analíticas. Neste âmbito, nossa pesquisa irá buscar as contribuições de Gilles Deleuze e Felix Guattari por entender que ambos pensadores franceses desenvolveram um arsenal conceitual que visa estabelecer os fundamentos teóricos e filosóficos que permitem o contato entre esses planos distintos do pensamento humano, ou seja: o plano filosófico (no caso a filosofia da diferença), o plano da ciência (aqui focado na linguagem geográfica), e o artístico (o qual aqui caminha entre a linguagem das imagens do cinema fundamentando-se no registro sonoro de novas possibilidades musicais).

PALAVRAS-CHAVE: Urbanidade; sonoridade; imagem

As pedras rolando na tela: o olhar de Jean-Luc Godard sobre os Rolling Stones em seu filme *One Plus One*

Alexandre Collares Baiocchi (UFSC\IFPR)
alexandrecollaresbaiocchi@gmail.com
Dileuza Niebileski Baiocchi (UNIOESTE)
dinbaiocchi@gmail.com

RESUMO: O presente estudo tem como objetivo estabelecer uma interlocução entre a música rock e o cinema, enfocando a performance dos músicos da banda inglesa *Rolling Stones* no filme *One Plus One* do cineasta francês Jean-Luc Godard, filme estreado em 1968. A atuação dos músicos no filme se concentra na gravação em estúdio do álbum *Beggars' Banquet* lançado, também, em 1968. Outro aspecto a ressaltar é que este álbum seria a última gravação do músico Brian Jones com a banda. O filme, além dos ensaios em estúdio, salienta outros atores do contexto da contracultura dos anos 1960, como os *Black Panthers*, ou seja, Os Panteras Negras, grupo político negro surgido nos Estados-Unidos que pregava a revolução e a luta armada. Godard também filma *happenings*, performances artísticas muito exaltadas naquele período, no qual já ocorrem ações de grafiteiros, o que para a época eram consideradas de vanguarda. O trabalho também objetivará uma análise psicossocial e histórica, pois é o filme pode ser considerado atual mesmo após quarenta e sete anos após seu lançamento, pelo fato de ele destacar questões preponderantes na contemporaneidade como a sociedade do espetáculo, as reivindicações políticas de minorias étnicas e as intermédias. O filme mostra-se enriquecedor nesta perspectiva, a partir destas questões o enfoque do nosso estudo será interdisciplinar envolvendo os campos dos Estudos Culturais, Sociologia, Antropologia e Psicologia da Arte, estabelecendo a relação entre duas linguagens artísticas como a música e o cinema. Além do filme, algumas letras das composições do álbum serão analisadas, sendo a metodologia utilizada a análise do discurso. Portanto, a exploração da interface entre o rock e o cinema, percorrendo suas poéticas, questões estéticas e culturais, a problemática de nosso trabalho consiste em a partir do filme *One Plus One* englobar todos os aspectos acima citados.

PALAVRAS CHAVES: Rock; Cinema; Interdisciplinaridade.

Quadrophenia: A ópera “Mod.”

Denilo Rodrigues de Oliveira (UNIOESTE/Marechal Cândido Rondon)
drdedy@hotmail.com

RESUMO: Lançado em 1973, o *Quadrophenia* é o sexto álbum e segunda ópera rock, da banda inglesa The Who. Seu título parte da concepção errônea da palavra “esquizofrenia” de modo que o personagem da história criada por Pete Townshend – guitarrista e mente criativa do The Who – apresenta traços de personalidade dos quatro integrantes da banda, ou seja, esse personagem sofre de “*quadrophenia*”. Em 1979 o álbum inspirou um filme homônimo, que contou com os membros da banda na produção. A história se passa na década de 1960 e retrata a vida de um jovem que, na busca de sua identidade, encontra-a junto ao movimento “*mod*”. O termo, que é a redução da palavra *modernist*, refere-se a uma subcultura, ou seja, um grupo social que se organiza em volta de práticas e interesses em comum. A partir da análise do o filme e

do álbum “Quadrophenia”, pretende-se ‘dissecar’ o jovem “*mod*” britânico, visando a obra de uma banda que não só viveu tal época, como transcreveu a agressividade e vivacidade dessa geração. O simpósio temático no qual este artigo se enquadra é “Rock e Cinema”, pois para a confecção e estudo serão utilizados como materiais bibliográficos o filme e o álbum supracitados; além de artigos sobre aspectos relativos ao tema e que possuem informações relevantes sobre aspectos antropológicos e culturais. Sobre o tema de forma sucinta, é importante relatar que os ‘*mods*’ eram, em maioria, filhos da classe operária que se destacavam pela importância que davam a sua imagem e estilo, de maneira divergente de outras subculturas como, os ‘*rockers*’, que também são retratados no filme. A produção do filme e álbum, não apresenta somente um valor artístico, mas uma relação profunda com a cultura do tempo, e até mesmo uma relação com a ‘doença esquizofrenia’ e as relações sociais acerca dela.

PALAVRAS-CHAVE: Subcultura; The Who; *Quadrophenia*.

O rock visual - novas possibilidades imagéticas aplicadas aos festivais e shows de rock

Fernanda Carolina Armando Duarte (UNESP / Faculdade Impacta de Tecnologia)
fernandacarolster@gmail.com

RESUMO: O presente artigo investiga possibilidades imagéticas envolvidas na construção visual de shows de *rock* (especialmente aquelas direcionadas aos que utilizam a projeção de vídeos) e relata algumas experiências realizadas pelo Coletivo RE(C)organize – o qual integramos - neste âmbito. Discutiremos este tema a partir de referências bibliográficas que reúnem livros clássicos como *Expanded Cinema* (1970) de Gene Youngblood e *Pré Cinemas & Pós Cinemas* (2002) de Arlindo Machado combinados a materiais recentes como a dissertação de Fernando Codevilla (2012), entre outros. Inicialmente, descreveremos as principais técnicas que esse universo abrange, como a holografia, as múltiplas telas e a projeção mapeada e suas formas de aplicação a variadas finalidades, que podem estar compreendidas tanto entre as intenções mais objetivas como possibilitar a visão de detalhes do palco ao público de um estádio imenso ou a comunicação de uma programação informativa a respeito da sequência dos shows a serem realizados em um festival, quanto aquelas mais subjetivas como reforçar a parte sensorial de um espetáculo musical. Ao final, relataremos as experiências do mencionado coletivo no contexto das tecnologias desenvolvidas para shows musicais, inclusas aí a construção da programação visual videográfica realizada em quatro edições do festival “*Rock na Estação*” (2009, 2010, 2011 e 2012), a cenografia digital para *shows* da cantora Stela Campos e do cantor Adriano Vanucci, e as técnicas desenvolvidas pelo grupo para que a captação de dados sonoros dos instrumentos musicais possam agir enquanto ferramenta interativa para a aplicação de efeitos em vídeo. Estes estudos estão ligados à pesquisa de doutoramento da autora, ainda em desenvolvimento.

PALAVRAS CHAVE: shows musicais; vídeo interativo; *video mapping*.

Vapor barato em terra estrangeira: possibilidades transformativas dos gêneros do discurso

Davi José Rosa (UFSCar)
davitarare@gmail.com
Hélio Márcio Pajeú (UFSCar)
heliopajeu@yahoo.com.br;

RESUMO: Este trabalho analisa a inserção do poema *Vapor Barato* de Waly Salomão, musicado pelo compositor Jards Macalé (1968), dentro de outro gênero do discurso, o filme *Terra Estrangeira* (1995), dirigido por Walter Salles e Daniela Thomas. Nosso objetivo é compreender pela ótica dos gêneros do discurso do teórico Mikhail Bakhtin (1997), os modos como o enunciado da letra e da canção se apresentam na unidade temática da obra audiovisual. Por meio do dialogismo entre suas formas de interação discursiva, dos seus enunciados estáveis, composicionais, estilísticos e de unidade temática que formam a obra audiovisual, traçamos os contextos históricos, internos e externos a ela no seu processo comunicativo. No contexto brasileiro com influência da Contracultura e da Ditadura Militar é que no ano de 1968 foi concebida a canção *Vapor Barato*. O fonograma da gravação ao vivo da canção pela cantora Gal Costa, originário do show dirigido por Waly Salomão no *Long Play* (LP) – *Fatal – Gal a Todo Vapor* (1971), faz parte da Música de José Miguel Wisnik para *Terra Estrangeira*, do livro de fotogramas selecionados e comentados pelo diretor de fotografia Walter Carvalho e da publicação do roteiro original do filme. *Vapor Barato* entrou para o filme de forma acidental, o que foi determinante para a resolução da trama e a tradução do sentimento de reconciliação dessa geração perdida com seu país, através da música, segundo Strecker (2010). O filme *Terra Estrangeira* foi rodado no Brasil, Portugal, Espanha e marca a retomada do Cinema Brasileiro na década de 1990, logo após o período de extinção do regime político ditatorial brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: Análise do Discurso; Terra Estrangeira; Vapor Barato.

Simpósio temático Rock e Comportamento

Pesquisas que abordam a influência do rock na criação e mudança de padrões comportamentais na sociedade de um modo geral, desde suas origens até suas mais hodiernas atualizações.

História, memória e identidade na Polônia: a Batalha de Wizna e o Levante de Varsóvia representados pelo *Heavy Metal* em um estudo de caso

Icles Rodrigues (UFSC – CNPq)
icles.rodrigues@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho buscará compreender a forma como a história e a memória polonesas sobre a Segunda Guerra Mundial se constituíram, com o passar das décadas, em forte elemento de criação ou reforço de identidades, tendo como fonte músicas da banda de *Heavy/Power Metal* sueca *Sabaton*. Esta, após passar a abordar eventos históricos ocorridos na Polônia em suas músicas dando a elas um caráter heroico, passou a fazer enorme sucesso em terras polonesas, sendo que os integrantes da mesma chegaram a ser contemplados com o título de cidadãos poloneses honorários. Analisando especialmente as músicas *40 to 1* (representando a Batalha de Wizna, ocorrida entre os dias 8 e 10 de setembro de 1939) e *Uprising* (representando o levante de Varsóvia, iniciado em 1 de agosto de 1944 e encerrado após 63 dias de luta) demonstraremos – diante da devida contextualização histórica – que o respaldo dado pelos fãs poloneses à banda é uma fortíssima evidência que os discursos adotados pela banda ao desenvolver o material contemplam a forma como, em geral, a população constitui sua própria memória, em um processo dialético no qual as músicas ao mesmo tempo bebem da memória como fonte e, conseqüentemente, a reforça, utilizando dos seus elementos sonoros para amplificar os sentimentos de heroísmo, nacionalismo, resistência e patriotismo que as músicas se propõem a glorificar.

PALAVRAS-CHAVE: Memória; Música; Guerra

Must Have!: Camisas de bandas como símbolos de pertencimento à cena do metal

Melina Aparecida dos Santos Silva (doutoranda - UFF)
melsantos1985@gmail.com

RESUMO: O artigo busca compreender como as camisas de bandas de rock e seus subgêneros, focando-se no heavy metal, consistem em um meio de interpretação e de transmissão dos códigos culturais desta cena musical. Assim, encaramos que este item de vestuário constrói sentidos, além de reproduzir significados simbólicos e regras de sociabilidade entre *headbangers*. Partimos da ideia central de que além de criar distinções de gostos musicais, a partir da separação de seus subgêneros, as camisas de bandas podem apresentar os processos culturais do metal. Com a aprovação ou a reprovação da estampa escolhida pelos *headbangers*, interações sociais e ruídos de comunicação podem ser estabelecidos, através de trocas de experiências proporcionadas por esta peça de vestuário.

PALAVRAS-CHAVE: Camisas; Heavy Metal; Materialidades; Afetos.

“Tomorrow Never Knows”: Os Beatles na transição do moderno para o pós-moderno

Thiago Pereira Alberto (Mestre PUC-MG)
thiagopereiraalberto@gmail.com

RESUMO: A aferição de uma nova sensibilidade e a noção de experiência, seguramente são termos caros ao exame da noção de pós-moderno, ou o que diversos autores (como Jameson, Lyotard e Harvey) vão notar como a transição de um período anterior -a modernidade- para uma configuração próxima da contemporaneidade nos dias que correm. Se pudermos acreditar que “quase todos os debates relevantes sobre cultura e política dos últimos quarenta anos foram uma reação aos que se fez nos anos 1960”, como aponta Gilmore (2010, p.10), ou no apontamento de Kellner (1998), quando diz que o discurso sobre o pós-moderno surgiu nos campos da cultura, com a assunção de uma nova sensibilidade que se definia contra a abstração e o elitismo da arte modernista tentaremos situar aqui o grupo pop síntese do período, The Beatles, como uma espécie de sinalizador cultural importante dessa passagem, através de um recorte específico de sua obra musical e da fase inicial das trajetórias-solo de seus integrantes. Em suma, de "Revolver" (1966) até a faixa "God" (John Lennon solo, 1970), com particular destaque para o álbum “Sgt. Peppers Lonely Hearts Club Band” (1967) analisaremos sob o diapasão da produção musical do grupo características como a desconfiança e certa desilusão com as grandes narrativas, a maleabilidade de aparências e superfícies, o uso ambíguo à linguagem do comércio e a heterogeneidade e diferença como forças na definição do discurso do grupo, características que despontam como marcas definidoras do pós-moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Beatles; Cultura; Narrativas; Pós-moderno; Rock n'Roll

Heaven and hell: heavy metal, mídia especializada e as aproximações da subcultura com a religiosidade

Gustavo Dhein (doutorando – UFSM)
gustavo@lasmiradas.com.br

RESUMO: O artigo aborda a possibilidade de o heavy metal (assim como outras subculturas e/ou neotribos não abordadas aqui) significar uma reação ao racionalismo e ao “bem” que, ao longo dos últimos séculos, foram tomados como valores primordiais e balizadores da ordem social. A apologia ao cientificismo/virtudes fez esvaziarem-se ou sucumbirem, ao longo do tempo, mitos e religiões tradicionais. A partir dessa premissa, busca-se elementos para uma compreensão sobre a origem e longevidade do heavy metal e apresentar como características da subcultura podem aproximá-la das religiões - como por meio dos rituais executados durante os shows pelos *headbangers*. Pretende-se discutir, portanto, se e como a identidade metálica supre necessidades de transcendência e sublimação, atributos que cabiam aos cultos tradicionais – ironicamente alvos frequentes de bandas e fãs do gênero musical. O foco principal do artigo, no entanto, é compreender como as narrativas da mídia especializada em heavy metal contribuem para a constituição de uma arqueologia da subcultura e conferem ordem ao mundo dos *headbangers*, consolidando uma mitologia própria ao conformarem, em seus textos, *Jornadas de heróis*. O artigo resgata autores como Michel Maffesoli, Dimas Künsch,

Andy Brown, Karen Armstrong, Joseph Campbell e Christopher Vogler. Para sustentar a hipótese apresentada, são analisados os conteúdos de volumes da revista *Roadie Crew*, publicados entre setembro de 2009 e janeiro de 2010, em que a editoria *Background* foi dedicada à biografia da banda de heavy metal brasileira mais bem-sucedida: o *Sepultura*.

PALAVRAS-CHAVE: Heavy Metal; mídia especializada; religiosidade.

Consumo de mídia e subcultura zineira

Gabriela Cleveston Gelain (mestranda – UNISINOS)
gabrielagelain@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem por objetivo central compreender como o capital subcultural (THORNTON, 1995) se articula à classe social na vida e nas publicações dos editores de fanzines, os zineiros da cena musical do punk hardcore no Brasil. Por capital subcultural entendemos os comportamentos e estilos que manifestam “autenticidade”, “diferença”, “singularidade” e “sofisticação”, os quais levam ao reconhecimento, à admiração e ao prestígio dentro de uma subcultura. Definidos e distribuídos pela mídia, tais saberes e competências podem ser materializados e corporalizados na aparência, na disposição de discos, entre outros. Realizamos um estudo de caso com onze editores de fanzines de diferentes classes sociais: quatro de classe média alta, quatro de classe média e três de classe média baixa. São zineiros que, de alguma forma, vinculam-se à cena musical do *punk* e do *hardcore* e residem em diversos estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Goiás, Alagoas e Rio Grande do Sul, onde residem seis dos sujeitos entrevistados. O contato com os zineiros ocorreu via *facebook* e *e-mail*. Foram selecionados aqueles que recentemente vêm publicando fanzines impressos e estão imersos no cenário underground. A descrição e análise dos dados revelaram que os zineiros realizam um diferente consumo de mídia hegemônica como leitura de jornais, revistas, programação de canais de TV por assinatura e programas de rádio. A mídia preferida dos zineiros é o livro, assim como a internet, que é utilizada com alta frequência. O capital subcultural pode ser percebido nos zineiros através das falas sobre bens culturais adquiridos, das tatuagens e da opção ou não pelo vegetarianismo. A observação dos “rituais” de criação dos fanzines revelou notórios contrastes de classe social entre a subcultura zineira.

PALAVRAS-CHAVE: consumo; capital subcultural; fanzines.

Las lenguas de antes con el rock de hoy: El rock en lenguas indígenas

Luz Beleguá Gómez López (Universidad Autónoma de la Ciudad de México)
belegui.gomez@hotmail.com

RESUMEN: Cuando, en México, pensamos en las lenguas indígenas generalmente lo hacemos para evocar tiempos pasados o para hablar de ciertos grupos sociales-culturales con una minoría lingüística. En el imaginario cultural de las grandes ciudades, se piensa que los indígenas son grupos cerrados que se atrincheran en sus tradiciones para resguardarlas de los embates de la globalización y las industrias culturales en las que

poco o nada se les incluye. Sin embargo, el rock como género que nació de la protesta, ayudado de los medios de comunicación ha sido absorbido por las comunidades indígenas, los jóvenes de distintas etnias se han adueñado de este género produciendo su propia música, con sus letras, su propuesta estética y su propio mensaje. En una manifestación del maridaje entre lo tradicional y lo moderno, el rock indígena o rock étnico se abre paso como una forma de conservación de las raíces, con el uso de letras tradicionales o instrumentos típicos de la zona, o bien, la resignificación de la identidad indígena en la sociedad contemporánea. Es pues de suma importancia hacer hincapié en la elaboración del rock étnico, pues aunque los géneros tradicionales como el son y el jarabe se han modernizado, el caso del rock es la muestra de la adaptación y asimilación de cierta música que parecería ajena, pero que encierra la fuerza de quienes la interpretan.

PALABRAS CLAVE: Adaptación; Rock; Indígenas.

We can be Guitar Heroes just for one decade

Ticiano Paludo (doutorando – PUC/RS)
ticiano.paludo@gmail.com

RESUMO: O presente artigo propõe um breve resgate histórico sobre os chamados heróis da guitarra, ou como ficaram mundialmente conhecidos, os *guitar heroes*. A partir deste tema, discute a performance como instrumento de construção mítica questionando se o virtuosismo é um vício ou uma virtude. Frequentemente existe um debate recorrente ao longo da história da guitarra entre os músicos sobre a formulação de um conceito que de conta de uma formulação mais objetiva sobre o significado da expressão "tocar bem". Nesse palco, confrontam-se o *feeling* e a técnica. A Revista Guitar Player foi responsável pelo lançamento de diversos nomes internacionais no final da década de 1980, assim como o GIT (Guitar Institute of Technology). O feito heroico consistia em um apuro técnico, pautado principalmente pela capacidade de executar um grande número de notas em um curto espaço de tempo. Se naquele momento histórico o *virtuose* era visto com admiração, no passado isso parece não ter ocorrido. No século XVIII, Johann Sebastian Bach foi frequentemente acusado de um exagero técnico que, segundo julgamento daquele período, comprometia a composição, sendo que as variações propostas por ele sobre determinados temas musicais eram consideradas um sacrilégio. Anos depois, o imperador da Prússia sugeriu a Wolfgang Amadeus Mozart de que uma composição sua possuía notas demais, uma vez que o ouvido humano poderia suportar um determinado número de notas em uma noite. O virtuosismo condenado no século XVIII acabou por ser reverenciado no século XX, reencarnado na figura moderna dos heróis da guitarra, não sem antes ter sofrido, mais precisamente na década de 1970, críticas oriundas do movimento *punk*. Baseados no lema "faça você mesmo" (*do it yourself*), os *punks* consideravam como virtuosismo justamente a falta dele. Quanto mais cru, menos elaborado e mais direto, melhor. Ou seja, neste contexto, poderíamos inferir que tocava melhor quem tocava pior. Ainda que avaliações sobre qualidade musical envolvam um lado técnico objetivo, existe toda uma carga de subjetividade implícita que merece ser pensada. Nesse contexto, a atitude (que podemos entender como ousadia, garra e determinação) parece ser a grande virtude.

PALAVRAS-CHAVE: *guitar hero*; *virtuose*; atitude

A influência do ambiente na formação da cena da música autoral gaúcha do novo século: o nascimento da banda Bidê ou Balde

Viviane Peçaibes de Mello (UNISINOS/RS)
vivianepecaibes@gmail.com

RESUMO: Este artigo tem o objetivo de verificar como o ambiente fomentou a formação da cena do rock gaúcho do ano de 1998 a 2000, tendo como objeto de estudo o nascimento da banda Bidê ou Balde, através de cinco seções: *O que são Cidades Criativas*, *Cenas da Música*, *Metodologias de Pesquisa*, *Achados e Fechamento*. A primeira seção, denominada *O que são Cidades Criativas*, busca uma definição aproximada desse conceito, apresentando os fundamentos para que uma cidade comum se torne atraente para a classe criativa (FLORIDA, 2002). A segunda seção chamada *Cenas da Música*, traz uma apresentação sobre o conceito de cena e os diferentes aspectos que a compõe para esse estudo (STRAW, 2001 e WITTS, 2010). Já na terceira seção denominada *Metodologias de Pesquisa*, apresentam-se os modelos: Mapeamento (COHEN, 2002) e Arqueologia das Mídias (GODDARD, 2014), além de abordar o método da Autoetnografia (AMARAL 2009 e KAHL, 2011) que foram utilizados nessa pesquisa empírica. E também, na quarta seção intitulada *Achados*, apresentam-se os resultados das entrevistas coletadas com músicos, jornalistas, produtores culturais e produtores musicais, a fim de criar um panorama da cidade e da cena musical autoral gaúcha da época, dividida em dois subcapítulos: *1998_2000 - Porto Alegre, cidade criativa?* e *1998_2000 - Cena do novo rock gaúcho*. Por fim, a seção chamada *Fechamento*, apresenta a discussão dos assuntos levantados, buscando mostrar conexões da teoria apresentada com os resultados obtidos, para compreender qual foi a influência do ambiente (bares, rádios, estúdios de ensaio, universidade, a cidade de Porto Alegre, entre outros) na formação da cena musical capitaneada pela banda em estudo.

PALAVRAS-CHAVE: cidades criativas; autoetnografia; Bidê ou Balde

Breaking all the rules. Três teses sobre a rebeldia criativa do Rock'n' Roll

Márcio Roberto Voigt (UFSC)
voigtmarcio@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho busca descrever, compreender e discutir três aspectos da rebeldia criativa e transformadora do Rock' n' Roll como um dos principais movimentos culturais e artísticos da música ocidental entre os anos 60 e 90 do século XX. A ideia central é apontar e avaliar três teses que, em distintos campos, procuraram provocar e transformar a sociedade ocidental. Em primeiro lugar, pretende-se defender que o Rock foi, e talvez ainda seja, um dos principais movimentos musicais com uma contundente crítica da sociedade ocidental. Num segundo momento, pretende-se avaliar se essa rebeldia criativa foi ou não efetiva no processo de transformação de muitos comportamentos individuais e coletivos durante a segunda metade do século XX. Por fim, pretende-se avaliar se essa rebeldia criativa modificou ou não de forma representativa os processos de execução e interpretação da música na segunda metade do século XX. Na percepção aqui proposta, a rebeldia criativa foi sim um dos processos mais interessantes e transformadores de vários aspectos do comportamento individual e coletivo e transformou os parâmetros que muitos músicos usaram para definir sua

relação com os instrumentos. O caráter ensaístico da proposta leva em consideração que essas três teses não poderão ser “provadas” mas que, é possível sim, apontar e avaliar alguns aspectos de cada uma das três teses, que serão aprofundados em estudos posteriores.

PALAVRAS-CHAVE: Rock, Rebeldia criativa, Provocação e contestação.

God gave rock and roll to you: uma mão na guitarra e outra na bíblia. Uma etnografia dos “roqueiros de cristo”.

Nádia dos Santos Aguiar (UFSC)
nadia.aguiar@hotmail.com

RESUMO: Esse resumo apresenta alguns pontos trabalhado em minha dissertação, uma etnografia sobre os “Roqueiros de Cristo” nas cidades de Ilhéus e Itabuna, na Bahia, tendo como principal enfoque a análise das trajetórias dos sujeitos na construção de uma identidade músico-religiosa. Dialogando com construções identitárias, os “Roqueiros de Cristo” elaboram o gênero musical *rock* enquanto um mecanismo das construções e práticas cristãs. Esta dissertação não teve a pretensão de ser uma pesquisa sobre religião, tão pouco sobre música, mas sim uma pesquisa que busca levantar elementos de um falar sobre música e religião. Entendendo que, quando os sujeitos da pesquisa falam sobre esses elementos, eles falam sobre si mesmos. Falar sobre música leva à reflexão proposta por Feld (1984, p. 365), de que a significação e a interpretação, ao se falar sobre a música, é gerada a partir da experiência de cada ator social. E essa experiência é gerada a partir de uma gama de outras extensões, “*the process of meaningful interpretation explicitly conceived as social activity*”. Por meio do falar sobre a música, e sobre a fluidez dos gêneros musicais, é possível perceber que por meio de uma leveza no discurso sobre a música, esses jovens encontravam mecanismos para suavizar os discursos e práticas religiosas, muitas vezes bastante restritivas. Uma vez que não era possível relativizar algumas posturas religiosas, era através das músicas que eles construíam espaços para tais práticas. Os falares sobre música e sobre religião estão aqui expostos como processos comunicativos, buscando entender as concepções próprias desses sujeitos, tanto com respeito ao envolvimento destas na produção musical, como ao envolvimento da música nas construções do sentido e do comportamento (AUBERT, 2007).

PALAVRAS-CHAVE: Roqueiros de Cristo; construção identitária; liminaridade.

Watching TV: Televisão, um milagre social ou objeto do caos?

Ciro Augusto Francisconi Götz (PUC/RS)
cirogotz@gmail.com

RESUMO: Em 1992, Roger Waters, ex-baixista e um dos líderes da banda britânica de rock progressivo Pink Floyd, lançou o disco *Amused To Death*. Na obra, Waters contesta o comportamento humano que, segundo ele, é brutalizado diariamente pelas imagens transmitidas pela televisão. Para Waters, a rotina e a alienação teriam tornado

boa parte da sociedade um alvo fácil para a influência da TV. Essa influência seria, em muitos momentos, negativa para os telespectadores. Waters, por outro lado, não é totalmente cético quanto a televisão e entende que o meio poderia ser explorado com outras intenções, por exemplo, através da educação e da cidadania. Este artigo testará as hipóteses contidas nas letras de três composições de Amused To Death, pontuando ou contrapontuando com argumentos de autores que possam fortalecer ou não a visão do músico. Os métodos para este estudo serão fundados nas técnicas de pesquisa bibliográfica e análise de discurso. A primeira etapa apresentará, de forma objetiva, características da trajetória de Waters e do álbum que despertou o interesse deste proponente para pensar televisão. A análise crítica destacará o conteúdo das letras de: Watching TV, It's a Miracle e Amused to Death. Desde os primórdios de sua carreira, passando pela ascensão como integrante do Pink Floyd, até a atualidade, Waters explorou o comportamento social em grande parte de sua obra. Levando em conta tal fato, este proponente tem a intenção de indicar este trabalho ao simpósio Rock e Comportamento.

PALAVRAS-CHAVE: televisão; comportamento; Roger Waters.

System of a Down: manifestações a cerca do genocídio armênio

Alessandra de Melo (mestranda - UEM)
bell.paganni@gmail.com

RESUMO: A violência esta enraizada em diversos episódios durante a história da humanidade, ocasionando comoção e revolta, buscando de variadas formas, reconhecimento. Dentre diferentes atos, destacamos o genocídio armênio, tido por muitos como o primeiro genocídio do século XX, mas ainda assim, não reconhecido como tal por vários países, cada qual por seus motivos. O genocídio armênio ocorreu em finais do século XIX e primeiras décadas do século XX, com ataques e ações idealizadas pelo Império Turco-otomano, vitimando oficialmente, um milhão e meio de armênios. Tema delicado e ainda pouco debatido no Brasil, tendo seu eixo de estudos em São Paulo, encontrou aliados dentro do cenário musical. Sendo a música um meio de divulgação e propagação de ideais, selecionamos uma banda de rock reconhecida mundialmente, System of a Down, a qual luta em prol do reconhecimento do genocídio armênio. A banda constituída por quatro descendentes de armênios iniciou suas atividades por volta de 1992, passando por *hiatus* e retornando em meados de 2011. Assim, pretende-se abordar nesse trabalho, uma breve explanação a cerca do genocídio, suas principais causas e conseqüências, uma análise sobre a banda System of a Down, seus motivos e principais manifestações para o reconhecimento do genocídio armênio, onde se englobam desde músicas abordando a temática, entrevistas, passeatas e participação em documentário. Com isto, podemos notar no cenário musical, a importância e influência sócio-política para a conscientização sobre um tema pouco explorado, resultando não apenas em conhecimento sobre fatos históricos, como também na tomada de posição política perante a sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Genocídio armênio; System of a Down, reconhecimento.

“Eu sou ísta, eu sou ego”: o anarquismo individualista de Max Stirner na música de Raul Seixas

Amanda Muniz Oliveira (mestranda – UFSC)
amandai040@gmail.com

Rodolpho Alexandre Santos Melo Bastos (mestrando – UNIMONTES)
rodoxbastos@gmail.com

RESUMO: Raul Santos Seixas, cantor, compositor e produtor musical, é considerado um dos grandes disseminadores do rock nacional. Suas letras marcadas por protestos, constatações filosóficas e mesmo irreverência, tem por tema recorrente a liberdade. A liberdade de amar, de se expressar e de decidir sobre si próprio é constantemente defendida pelo cantor em suas canções, aparecendo de forma mais explícita em músicas como *Sociedade Alternativa* e *A Lei*. Todavia, o presente trabalho tem por objeto a canção *Eu sou egoísta*, composta por Raul e Marcelo Motta e gravada inicialmente no disco *Novo Aeon*, em 1975. Ocorre que nesta música podem ser encontradas ideias similares às propagadas pelo filósofo anarco-individualista, Max Stirner, considerado um dos fundadores do anarquismo filosófico. Para o referido Autor, pode se identificar no desenrolar da história humana o fenômeno de sobreposição da individualidade por diversas causas: Deus, o Bem-Comum o Patriotismo, etc, passam a ocupar um espaço central na vida do sujeito, que deve constantemente se sacrificar em prol destas causas. No intuito de recuperar, afirmar e valorizar o indivíduo, Stirner escreve uma apologia à singularidade, opondo-se contra qualquer universalização, bem como contra qualquer determinação extrínseca sobre a individualidade. O Autor defende ainda a liberdade do indivíduo de buscar a sua própria essência singular, livre do que chama de alienações religiosas, políticas e mesmo filosóficas. Desta forma, questiona-se se a música *Eu sou egoísta*, escrita por Raul e Motta, pode ser compreendida como um manifesto propagador das ideias do Anarquismo Individualista de Max Stirner. Tendo em vista que o anarquismo individualista refere-se à uma filosofia que afeta a forma de percepção do homem para consigo e para com fatores externos diversos (aquilo que Stirner chama de alienações ou causas), este trabalho pretende ser desenvolvido no simpósio Rock e Comportamento.

PALAVRAS-CHAVE: Raul Seixas, Anarquismo Individualista, Max Stirner.

Rock in Rio: muito mais do que um festival, um local de disputas.

Luís Felipe Fernandes Afonso (pós-graduando - UFRJ)
lfafogo@yahoo.com.br

RESUMO: O primeiro Rock in Rio, foi um evento musical voltado ao público jovem, realizado entre os dias 11 a 20 de janeiro de 1985, onde tocaram bandas estrangeiras e nacionais de sucesso, tornando-se um marco cultural no país. Além de marcar o retorno do Brasil à cena dos grandes shows internacionais, o festival também simbolizou o ápice do rock brasileiro, afinal, logo após o Rock in Rio, a mídia passa a dar mais atenção as bandas de rock nacionais que estavam surgindo no período, culminando ao momento de maior projeção desse rock nacional. Porém, a importância do Rock in Rio vai além de um momento de diversão e entretenimento. O festival se tornou um local de disputa para as bandas nacionais de rock e para público jovem que o frequentou.

Com o tratamento privilegiado que as bandas internacionais tiveram dos organizadores, levou à alguns confrontos com os músicos nacionais com os mesmos, já que foram preteridos, sendo colocados nos horários iniciais, onde tocam as atrações com menos destaque. Além dessa disputa, houve um conflito entre parte do público e alguns artistas brasileiros, resultando em vaias e discussões. Já que o festival abrangia estilos roqueiros diferentes que se apresentavam no mesmo dia, houve uma disputa entre qual era o "verdadeiro" rock que deveria ser tocado no festival. Afinal, devemos lembrar que nesse período o rock nacional estava se fortalecendo, levando à um choque entre as diversas identidades roqueiras no país para saber quais gêneros e bandas seriam os representantes dessa geração. Logo, meu objetivo neste artigo reside debater mais profundamente sobre o Rock in Rio, através da discussão de como essas disputas envolvendo as bandas nacionais foram fundamentais para a consolidação do rock no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Rock in Rio; rock brasileiro; espaço de disputas

A produção do Rock Brasileiro dos anos 1980

Antonio Marcelio Ferreira Rocha (IFRJ/Nilópolis)
narceliof@gmail.com

Jorge Caê Rodrigues – (IFRJ/Nilópolis)
cae_rodrigues@globo.com

RESUMO: Esta pesquisa analisa a produção do Rock Brasileiro dos anos 1980 por meio de uma revisão do movimento em um esforço transdisciplinar relacionando o contexto histórico e social, a participação das bandas, o papel dos produtores, da indústria fonográfica, dos designers, produtores musicais, radialistas e o imaginário do jovem da década de 1980. A pesquisa foi realizada por meio de revisão bibliográfica, análise de capas de disco, análise textual e entrevistas com personagens que participaram diretamente da história do Rock Brasileiro como André Midani, Ricardo Leite entre outros. A questão a ser pesquisada é como se deu a produção do Rock Brasileiro dos anos 1980 a partir da relação entre o contexto social, o imaginário dos jovens e o trabalho dos profissionais da indústria cultural. Foi mantido o recorte mais comum de bandas em diversas pesquisas sobre o Brock (as mais famosas), mas também se optou por citar bandas que tiveram um papel importante apesar de não terem se consagrado com o grande público. Espera-se que o trabalho contribua com as discussões sobre o Rock Brasileiro, os estudos sobre capas de disco e com o histórico da produção fonográfica brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: rock; comportamento; indústria cultural.

O controle do direito e a sociedade alternativa de Raul Seixas: uma análise da proposta (in)sustentável da cidade das estrelas

Daniele Prates Pereira (Unioeste/Francisco Beltrão)
dany_ppereira@hotmail.com

Marco Antônio Aguiel (Unioeste/Francisco Beltrão)
maaguinel@hotmail.com

RESUMO: O trabalho a ser apresentado neste Simpósio Temático dentro do enfoque “Rock e Comportamento” tem por objeto analisar o contexto social e jurídico brasileiro à época em que Raul Seixas levanta musicalmente a bandeira de uma possível sociedade alternativa, que se materializaria na Cidade das Estrelas. A abordagem que se propõe, a ser realizada pelo método dedutivo com bases em teóricos, tem por intenção discorrer sobre as propostas de sociedades anárquicas de outras épocas, bem como analisar seu sucesso ou declínio. Dentro de tal perspectiva, cumpre ainda ao presente estudo apontar as bases ideológicas da sociedade alternativa e verificar os princípios que esta forma de grupo social defenderia enquanto regentes dessa nova ordem. Tendo em vista o sistema jurídico (Direito) e político (Estado) como controladores de conduta, considerados necessários para a organização social a partir da Modernidade, analisar-se-á ainda se, teoricamente, existiriam subsídios para defender-se a implantação de sociedades anárquicas como a proposta da Cidade das Estrelas, especialmente com base no direito da propriedade. A problemática em estudo trata-se da contraposição entre existência ou ausência de normas, e a possibilidade dos sujeitos em viver livres do *establishment*. O rock, como instrumento cultural questionador, tem uma parcela fundamental nessa contraposição com a ordem estabelecida, e, no Brasil, mais ainda gerou fervor a disseminação de músicas como as de Raul Seixas, propondo sociedade alternativa, nova ordem aeon, a vontade é a lei, entre outros lemas cantados e ovacionados pela população em pleno regime civil militar. O estudo demonstrará que - mesmo sendo ideologicamente defendido ao longo de vários períodos históricos - em muitos grupos sociais onde houve tentativas de implantação da ausência de lei, esta forma de organização social sucumbiu por variadas razões, e que, até mesmo os propositores da sociedade alternativa no Brasil acabaram por compreender tal organização social como algo ideal, sonhado e de difícil implantação.

PALAVRAS-CHAVE: Anarquia; Liberdade; Raul Seixas; Sociedade Alternativa.

Rock ‘n’ roll: uma breve análise de sua gênese, influências e impactos sociais

Quézia C. M. Ramos (graduanda – UNIOESTE)
queziacavalheiro06@hotmail.com

Elisangela Peruzzo (graduanda – FAG)
eli_peruzzo@hotmail.com

(Orientador: professor mestre Marcelo Hansen Schlachta
marcelo.hansen@yahoo.com.br).

Resumo: Nossa pretensão com este trabalho é refletir acerca da trajetória de surgimento do *Rock ‘n’ Roll* e sua relação com as mudanças de comportamento, em especial, dos jovens no contexto social. Esse gênero musical foi bastante utilizado para transmitir mensagens associadas à insatisfação política e a formas de comportamento, sendo

utilizado, também, como uma forma de protesto social. Desse modo, propomo-nos a discorrer, inicialmente, sobre as influências de outros estilos musicais, como o *jazz*, para o surgimento das composições de *rock*, considerando que sua origem é marcada pelo encontro de outros ritmos. Na sequência, recuperaremos algumas reflexões acerca do conceito de cultura, para compreendermos como o gênero musical a que nos referimos pôde influenciar em alguns movimentos culturais e para o surgimento de novos comportamentos. Ademais, tentaremos destacar algumas consequências dos movimentos sociais que utilizaram as composições de *rock* para contestar atitudes políticas, estilos de vida e comportamento, ansiando pela mudança social. Para refletirmos sobre os gêneros que fazem parte das origens do *Rock 'n' Roll*, basear-nos-emos, sobretudo, nos estudos realizados por Eric Hobsbawm (1996) e Max Horkheimer (1985). De modo geral, buscaremos analisar o conjunto de práticas, atitudes e valores que foram, gradualmente, propagando-se e revelando questionamentos e descontentamentos relacionados ao modo de vida de uma determinada época e sociedade. Levaremos em conta, também, as manifestações que acabavam transgredindo e discutindo valores e modelos de comportamento, realizadas, principalmente, pelo público juvenil, que via nas letras de *rock* uma forma para questionar aquilo que contestavam. Nossa proposta, ao nos debruçarmos sobre essa temática, foi compreender como as composições de *rock* foram absorvidas pelo seu público consumidor, sendo ele formado, principalmente, por jovens, e como se tornaram importante referência na formação de novos comportamentos.

PALAVRAS-CHAVE: *Rock 'n' Roll*; cultura; comportamento.

A camiseta de rock na construção da identidade coletiva dos fãs do gênero

Ricardo Benevides (UERJ)
dribene@uol.com.br

RESUMO: Este trabalho pretende investigar que papéis são desempenhados pelas camisetas com estampas de rock na construção da identidade coletiva dos fãs do gênero, contextualizando a expansão deste nicho de negócio no Brasil e uma problematização sobre o consumo desses elementos estéticos. A análise do objeto (as camisetas) impõe uma abordagem sobre o design das estampas e o reconhecimento de seus tipos mais característicos: as que reproduzem capas de discos, elementos dos álbuns, logomarcas das bandas ou artistas, identidade visual específica de turnês, imagens dos músicos ou a reprodução de formas visuais (mascotes, instrumentos etc.) associadas a eles por outros meios (filmes, clipes etc.). Para tanto, o estudo deve recuperar conceitos como o de “tribo urbana” (segundo Michel Maffesoli), identidade (de acordo com Zygmunt Bauman) e identidade coletiva (na discussão de Maria Immacolata Vassalo Lopes) e investir sobre os usos destas camisetas no ambiente do show de rock. A hipótese é de que o *vestir* uma banda de rock pode representar o desejo de uma afirmação identitária do fã, porém esta opção acaba se tornando mais significativa em termos coletivos no *locus* da apresentação musical do que propriamente algo marcante de sua singularidade. Há ainda diversas outras implicações desse fenômeno comportamental, como a relação frequente entre o conceito de juventude e o rock, que atribui à camiseta uma força simbólica evidente por se tratar de item da moda historicamente vinculado àquela faixa etária. E não apenas isto mas também o fato deste tipo de vestimenta ter representado ao

longo de mais de cinco décadas um espaço para a produção de discursos diversos, entre eles o de protesto ou contestação, algo muito próprio à dimensão do rock.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade Coletiva; Tribos Urbanas; Camiseta.

Fluxo musical internacional: o Heavy Metal diluindo fronteiras

Franciele Cristina Neves (UNIOESTE)
franciele_neves@yahoo.com.br

RESUMO: A comunicação a seguir consiste na apresentação de um recorte da pesquisa antropológica desenvolvida no programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ciências Sociais, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná/UNIOESTE. O grupo escolhido para estudo é formado pela afinidade por um gênero musical: o Heavy Metal. A pesquisa se situa geograficamente na região conhecida como Tríplice Fronteira, entre Brasil, Paraguai e Argentina, porém, privilegiando o olhar da cidade de Foz do Iguaçu/PR. Os dados coletados foram resultado de mais de dois anos de etnografia. A pesquisa teve como objetivo a investigação da construção de uma rede social internacional, entre o Brasil e o Paraguai, a qual foi criada pelos fãs para a produção e consumo desta música. Desta forma, a pesquisa se torna “multissituada”, ou seja, a rede é composta por indivíduos de várias cidades e de forma independente, recebendo o nome de cena underground. Apesar da fronteira entre nações continuar existindo, em relação à prática do Heavy Metal, as margens tornam-se porosas, e há a construção de um espaço “neutro” entre paraguaios e brasileiros se tratando desta prática. Assim, transgredindo as fronteiras de Estado, as identidades nacionais assumem um campo periférico, fazendo com que a identidade musical fique em primeiro plano.

PALAVRAS-CHAVE: Heavy Metal, Fronteira, Rede Social.

Projeto Sexta às Seis: uma etnografia de seus frequentadores

Ivonete Aparecida Taubateano (Faculdade Sagrada Família)
ivonetetaubateano@hotmail.com

Aline Ferreira Biglia Wasilewski (UEPG)
aline_uepg@hotmail.com

RESUMO: Este artigo tem como objetivo observar e analisar as reuniões entre diferentes grupos e tribos que acontecem regularmente nos finais de tarde das sextas feiras, na Estação Saudade, no centro da cidade de Ponta Grossa. Visando estudar estes grupos a partir de um contexto social, observando de que modo tais grupos se inserem nesse espaço, e, sobretudo, analisar a influência das características sociais e funcionais exercida por esse local para a formação de novas identidades culturais nessa pós-modernidade, buscamos não somente explicar o contexto sócio-histórico dos grupos frequentadores do Sexta às Seis, mas, a partir da construção social das interações entre os grupos, que em primeira instância, tão distintos fisicamente, compartilham interesses, aspirações, e, até mesmo, algumas identidades comuns. Refletiremos através deste, aspectos que unem, separam certos grupos sociais em torno de um interesse comum, o Rock. A interatividade entre os grupos dispostos Projeto no Sexta às Seis só é possível

através do entrosamento, do compartilhamento e da troca de identidades, ou seja, através da comunicação. O convívio, o processo histórico de cada um, a língua, as trocas, o espaço físico e social, as amizades, as oportunidades, tudo é construído e promove a interação entre os grupos. Durante a pesquisa percebemos que, mesmo em um mesmo mundo, existiam grupos desconectados da interação, ou seja, grupos que não promoviam a comunicação com todos. É complexo explicar o porquê, mas estamos sempre em busca dele. Para alguns construtivistas, a interação é muito mais que comunicação, são regras construídas socialmente pela intersubjetividade coletiva, e falta dela ocasiona a falta de interação social.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; comportamento; cultura.

Rock e sociedade do consumo: uma reflexão a partir da música “Consumo Gusto”

Daniele Dondoni (UNIOESTE)
Thaise Fernanda de Lima Mares (UNIOESTE)
thaisenandinha@hotmail.com

RESUMO: Os avanços do capitalismo a partir do século XX, associados mais recentemente ao processo de internacionalização da economia trazem consigo vários elementos que assegurem a sua manutenção, dentre os quais é possível destacar o incentivo ao consumo massivo a bens e serviços dentro da perspectiva de manutenção e crescimento da economia capitalista. A necessidade de que haja a absorção pela população de tais produtos se dá em virtude da elevada produção destes, garantindo a estabilização da economia de mercado, por meio do equilíbrio entre oferta e consumo. As táticas utilizadas para incentivar e estimular o consumo de mercadorias vai desde sedutoras estratégias de marketing até facilidades de crédito. Deste modo, a problemática a ser abordada neste artigo tratará da forma em que a sociedade do consumo é abordada pela banda espanhola Ska-p. Como base desta discussão será abordada a música “*consumo gusto*” de 2002, da banda espanhola, a qual tem origem em 1994, cujo gênero musical se dá a partir da fusão entre o ska e o punk rock. Vale lembrar que as músicas da banda espanhola se caracterizam pelo seu inconformismo, cujas letras são uma crítica ao sistema capitalista. Para tanto, será necessário realizarmos uma breve análise da música, vinculada as referências bibliográficas específicas que tratem da temática em questão. Para que deste modo, nos seja possível realizar uma interlocução entre a sociedade do consumo e o rock. Assim, evidenciasse a importância deste gênero musical, pois, por muitas décadas vem trazendo em suas letras expressões acerca do comportamento humano e social.

PALAVRAS CHAVE: rock; consumismo; capitalismo.

O Rock Underground e o espaço urbano

Bruno Mendes Mesquita (UFF)
brunomm20@gmail.com

RESUMO: A música, a estética e a cultura rock hoje estão espalhadas pelo mundo inteiro. Uma expressão cultural urbana que surge no pós-segunda guerra mundial nos EUA por volta dos anos 50/60 transformando a forma de como a juventude se manifestava naquele momento. O rock tem sido uma cultura plural marcada por distintas formas de usos e disputas acerca da interpretação do real. Nosso intuito é avaliar as dimensões espaciais desta cultura, os seus protagonistas e as distintas formas de uso e apropriação dos espaços urbanos. Assim, entendemos que será necessário avaliar uma dimensão desta cultura plural, o rock *underground*. O rock disputa e cria novos espaços dentro das cidades, configurando-se com uma importante prática sociocultural na formação socioespacial urbana. Ocupa espaços públicos, fazendo-os seus territórios, como praças, galerias, bares, ruas, onde exercem o controle e a influência no local, além de impactar também as cidades com os festivais mega-eventos, como o *Rock in Rio*, por exemplo. No nosso trabalho, faremos uma análise do rock compreendendo-o como um movimento cultural, popular, urbano e juvenil a partir também de uma análise crítica da construção do espaço social nas cidades. Buscaremos fazer uma discussão sobre os múltiplos usos do espaço urbano, salientando as demandas específicas da cena do rock *underground*, sua busca por identidade e legitimidade na sua construção própria de um projeto de cidade diferencial. Dessa forma faremos uma divisão dentro da cultura rock, separando o rock da indústria fonográfica e o rock *underground*, divisão essa que se dará também espacialmente distinguindo atores privilegiados da construção do espaço urbano e os incluídos precariamente. Explanaremos especialmente as características e estratégias do rock *underground*, buscando compreender as dinâmicas que os leva a construir o espaço geográfico.

PALAVRAS CHAVE: cultura underground; espaço urbano; construções de identidades.

Movimento sociais e construção de identidade: uma análise histórica e psicológica do movimento punk

Érika Hasse Beker Neiverth (Instituição de Ensino Superior Sant'Ana)
erihbn@hotmail.com

RESUMO: A partir da década de 1960 diversos grupos de contracultura surgiram pelo mundo, um deles foi o Punk, como forma de se rebelar diante de uma sociedade que os excluía. Jovens começaram a produzir músicas e agirem de uma forma agressiva, com o intuito de serem notados pelas diversas camadas sociais. O movimento Punk, foi uma forma de expressão de um grupo marginalizado, que se utilizou, sobretudo da música e seu comportamento para se tornarem “visíveis” perante a sociedade, expressando-se assim suas insatisfações políticas e sociais e construindo uma identidade própria, com características peculiares e uma aparência transgressora. A partir da produção musical, bem como depoimentos de membros buscamos compreender como estes jovens compreendiam o mundo em que viviam quais os problemas enfrentados pela sociedade e quais os principais elementos políticos e sociais abordados em suas músicas.

Trabalhamos com uma amostragem de dezesseis músicas de três bandas diferentes que foram divididas em quatro categorias: Guerra, Política, Preconceito e Problemas diversos como problemas familiares e drogas. A interpretação das letras e dos depoimentos foi feita com base em uma prévia fundamentação teórica sobre o momento histórico em que as bandas se situam e também a partir de teorias da psicologia social que buscam compreender como se dá a formação de grupos sociais e a construção da identidade individual e coletiva. Com a análise de discurso, presente nas músicas e nos relatos destes músicos a partir de seus depoimentos conseguimos entender como estes sujeitos se enxergavam e procuram relatar seus problemas sociais. As letras das músicas punk refletem um tempo histórico vivido seguido de grandes transformações sociais. Através dessa análise foi possível compreender a importância do movimento punk na formação da identidade dos jovens da época, o comportamento e a maneira de intervirem na sociedade.

PALAVRAS CHAVE: Identidade; Punk; Música; Sociedade.

O desenvolvimento da sociedade e as configurações do rock roll no Brasil

Cesar Beras (UNIPAMPA/RS)
Cesarberas@unipampa.edu.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo central iniciar uma pesquisa sociológica sobre a conexão entre quatro formas distintas e complementares de periodização do desenvolvimento da sociedade relacionando-os com o comportamento rock roll, a saber, o desenvolvimento do: (a) projeto de modernidade; (b) das eras sócio históricas, (c) do rock em geral e (d) do rock no Brasil na perspectiva de perceber a emergência dos diferentes elementos configurativos deste tipo de comportamento no Brasil. Cada periodização se diferencia e se completa entre si pela escala de abordagem que realiza. A primeira periodização advém de Boa Ventura Santos(1997)que abarca o surgimento do projeto de modernidade, do modernismo e da modernização buscando explicar os elementos constitutivos centrais do início e desenvolvimento do sistema capitalista. Adensando, recorreremos a Eric Hobsbawn(2008) e sua periodização sócio-histórica do século XX: a era da catástrofe, a era de ouro, o desmoronamento e a perspectiva de fragmentação e descontrole, onde vai detalhar os elementos sociológicos que possibilitaram a emergência do rock e o reflexo disto na própria sociedade. Após estabelecer a periodização macro e das eras sociais, utilizaremos, para estabelecer a conexão pretendida, duas periodizações sobre o rock roll, uma geral advinda de Friedlander (2002) que aborda o rock por décadas e outra do Brasil construída pelo autor do artigo a partir de síntese da literatura nacional, também estruturada em décadas. Com o cruzamento destas periodizações buscaremos identificar as diferentes relações e determinações entre si e o reflexo possível nos comportamentos assumidos pela estilo/atitude rock focando na capacidade deste ser um intercessor, ou não,ou seja de criar signos de rebeldia e critica social em cada período analisado em nosso país.

PALAVRAS CHAVES: Desenvolvimento; Rock; Brasil.

Circuitos, fronteiras e simbolismos: comportamentos e identidades nas experiências de rock em Francisco Beltrão/PR

Camila Cararo Tonkelski (UNIOESTE)
camila_cararo@hotmail.com
Rodrigo Kummer (UFRRJ)
kummer2004@yahoo.com.br

RESUMO: O presente artigo tem como problemática a análise das identidades e comportamentos dos indivíduos e grupos que fazem parte do circuito de rock de Francisco Beltrão, cidade situada na região Sudoeste do Paraná, entre os anos de 1985 a 2015. Estes sujeitos frequentam locais comuns dentro do circuito e possuem comportamentos semelhantes, ao mesmo tempo em que mantém uma fronteira com os demais grupos por meio das diferenças. Pressupõe-se que há um *habitus* presente nesses grupos ao repetir as práticas comportamentais dos roqueiros de gerações anteriores. Parte-se da perspectiva de que a partir da difusão do rock pelo mundo e posteriormente pelo Brasil, com a criação do festival Rock in Rio na década de 1980, tal estilo musical espalhou-se pelo país e chegou ao Sudoeste do Paraná, passando a influenciar os ideais e o modo de vida de uma parcela da juventude desta região. Pretende-se identificar os principais valores simbólicos que marcam as identidades e comportamentos dos indivíduos e dos grupos que frequentam habitualmente o circuito do rock em Francisco Beltrão, de maneira a entender quais são as práticas e bens simbólicos oriundos da cultura do Sudoeste do Paraná que se fundiram com os da cultura norte-americana e inglesa do rock, dando origem a novas identidades e comportamentos dos roqueiros nesta região. Busca-se demonstrar que os meios de comunicação que difundem o rock, acabam influenciando subjetivamente os indivíduos que gostam deste estilo musical a assumirem uma identidade de roqueiro, por meio da divulgação de eventos e bens de consumo relacionados ao rock.

PALAVRAS-CHAVE: Circuito; Fronteira; Simbolismo.

A juventude e o punk brasileiro

Deivid Fernando Franco (mestrando – UNIOESTE)
franco-historia@hotmail.com

RESUMO: O artigo intenciona abordar a temática “Rock e comportamento” no recorte temporal entre o final de 1970 e início de 1980. Marcado pelo processo de abertura política e anistia, o período em questão coincidiu com um considerável aumento na produção fonográfica, que atingiu seu ápice em meados dos anos de 1980. Com efeito, o dinamismo do mercado fonográfico propiciou uma efervescência cultural diversificada e, no que tange ao rock, resultou no surgimento de inúmeras bandas. Em Brasília, o punk rock influenciou uma parcela significativa destas bandas, todavia, o rock brasileiro tem suas peculiaridades, diferentemente do movimento punk dos jovens proletários das classes populares que habitavam a periferia das capitais, os integrantes do movimento punk rock brasileiro eram em sua maioria de classe média. Para pensar a “juventude” enquanto categoria de análise elencamos as contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, para o autor existem dois tipos de juventude: o jovem burguês e o filho do operário, que experiência uma juventude limitada – quase restrita. Destarte, a pesquisa parte da

problemática de que se é possível encontrar mais de um tipo de “juventude” no discurso dos jovens punks brasilienses e como os jovens que não pertencem ao meio social dos punks são representados na letra das canções. As fontes utilizadas nesta pesquisa compreendem os discursos disseminados nas canções “Anúncio de refrigerante” e “Construção civil”, compostas no final dos anos de 1970 por Renato Russo, integrante e letrista do Aborto Elétrico, banda que atuou em Brasília entre os anos de 1978 e 1982.

PALAVRAS-CHAVE: Juventude; punk rock, Brasília.

O poder da voz no Rock: A trajetória, análise e aspectos da evolução da voz no Rock e sua influência através das gerações

Rodrigo Grecco (Prof. Conservatório Souza Lima)
rdgrecco@gmail.com

RESUMO: A voz humana é conhecida e reconhecida como nosso primeiro recurso e instrumento de comunicação, e ajuda a revelar nossas características de personalidade e de comportamento. Na música, ela pode ser apenas vocalizada, mas com texto, ela dá expressão e força única as palavras. A abordagem desse tema é em torno da linguagem vocal no estilo Rock, suas vertentes, gêneros e subgêneros, e sua mudança de comportamento, influenciando diretamente as gerações que tiveram grande contato com o estilo. O Rock tem uma estrutura musical derivada do Blues, e em alguns aspectos, até do Jazz e ao longo do tempo, foi se associando a outros gêneros musicais. Mas sempre foi, e é um estilo musical ligado à juventude e rebeldia, e vale ressaltar que é um estilo que atravessou o tempo e modificou padrões de comportamento na sociedade. Nesse artigo que apresento para o Simpósio temático Rock e Comportamento, abordo a análise musical e vocal, suas formas de expressão, interpretação do texto e do fraseado musical, as técnicas utilizadas, detalhando suas funções, posições e mecanismos da fisiologia e arquitetura vocal, as características peculiares dos ressonadores vocais, os registros da voz e suas passagens, formas de apoio respiratório, fonação, ornamentações. Ou seja, as afirmações e modificações vocais, as interligando ao aspecto comportamental, tudo com exemplos realizados através trechos cantados, analisando todas as épocas, com áudio e vídeo, inclusive laringoscópicos, que retratam visualmente os movimentos físicos e técnicos da voz no Rock e seu poder de influenciar o comportamento das pessoas.

PALAVRAS CHAVE: Rock and Roll, Técnicas Vocais, Canto no Rock

Conceitos de alegoria sob o olhar da representação performática do intérprete no Rock Internacional

Ruann Karllos Oliveira (UNIVEL)
ruann_karllos@hotmail.com

RESUMO: O rock está vinculado à arte performática, tanto que artistas, cantores e intérpretes musicais contemporâneos incorporam esta forma de apresentação artística aos seus trabalhos, apresentando aos espectadores, além das composições, uma vocação interpretativa desde o início da década de 50 até os dias de hoje. Por conta disso, entendemos que existe um simbolismo histórico-cultural em cada performance,

tratando-se de uma apresentação alegórica, onde o corpo é o objeto principal para manifestação de ideias, capaz de criar para si nova característica representativa. Através de uma abordagem dedutiva, este trabalho busca concretizar o conceito de alegoria à performance do intérprete em palco e sua capacidade de representação. Com cunho qualitativo, busca-se através de pesquisas bibliográficas, englobando também artigos de revistas e periódicos, além de vários outros meios e técnicas de pesquisa direta e indireta, discutir o fato de o rock e do processo alegórico estarem em uma mesma plataforma representacional. O êxtase do intérprete proporciona uma nova maneira de atuação, uma descaracterização do ser que no corpo habita para a incorporação de um novo personagem, neste ápice o corpo não responde por si, ali se encontra a verdadeira persona da apresentação, o verdadeiro ser existente entre o mundo real e o mundo performático. Deste ser são propagados os conceitos e ideias, algumas vezes subjetivamente, que o intérprete quer repassar ao seu público. Conclui-se então que o conceito, entre performance, alegoria e intérprete, é propagado de forma tão completa que não há distinção entre as três, todas são partes compactadas do espetáculo. Outro aspecto que chama a atenção é o fato da absorção dessa nova maneira de representar apropriando-se de novos conceitos como a troca de personagem para cada canção, fenômeno denominado de despersonificação, e as relações que estes intérpretes têm com essa nova identidade.

PALAVRAS-CHAVE: Performance; Alegoria; Despersonificação.

Do Punk Rock ao Heavy Metal: Uma leitura da subversão e do papel das representações da rebeldia nas décadas de 1960, 70 e 80

Cristhiano Teixeira (UnB)
cristhiano_mapl@yahoo.com.br

RESUMO: Foi por volta da década de 1970 que o Heavy Metal começou a ganhar força, numa dimensão ainda mais significativa no universo da música. O gênero se destacava enquanto uma vertente do estilo fundamentado pelo Hard Rock das décadas de 60, 70 e 80. Aquele estilo com seus prolongados solos de guitarra, altas e distorcidas, e com um tom mais agudo, com um rigoroso vocal, se objetava contra a maneira com que o Punk utilizava, também na década 70, do Rock. O Punk surgia, também com suas inúmeras ramificações, mais como um estilo que estava associado às questões sociais, com uma sonoridade mais rústica e mais voltado às necessidades da crítica do que aos rigorosos detalhes da estrutura do som levado a cabo pelo Heavy Metal. O Punk com um ritmo mais quebrado, estilhaçado e sarcástico, com músicas mais curtas e um vocal mais sinuoso, e solos também curtos e breves, trabalha mais dentro da crítica social, como ao consumismo capitalista, que o Heavy Metal. O Punk, ao contrário do Heavy Metal, se preocupa mais, neste sentido, com o conteúdo político-crítico das letras e a sonoridade, mais tumultuosa, não é tão sombria quanto o Heavy Metal. Assim, historicamente estes gêneros estão definitivamente acompanhados por estilos e maneiras de comportamentos característicos, consolidados no tempo pela presença de grupos que ainda afirmam a identidade proposta pelos estilos musicais de cada grupo. No contexto da rebeldia e/ou da contracultura, o Rock se fundamentava enquanto um estilo mais enérgico, contrário ao movimento de “paz e amor” hippie, apresentava naquele período uma proposta muito mais agressiva e aguda. São estas representações na cultura do Rock, Punk ou Heavy Metal, que pretendo investigar, segundo minhas possibilidades

teóricas, as identidades de cada grupo apresentado. Este resumo é parte da proposta que eu apresento para o simpósio temático sobre “Rock e comportamento”.

PALAVRAS-CHAVE: Punk; Heavy Metal; Rebeldia.

Você não soube me amar: os lugares de memória do Brock 80 no Rio de Janeiro

Renata Rodrigues de Freitas (UERJ)
renatashindler@gmail.com

RESUMO: A presente pesquisa pretende analisar as representações do rock nacional da década de 1980 presentes nas Festas Ploc e Lonas culturais do Rio de Janeiro. Considera-se esses espaços como lugares de memória do rock nacional, dada sua importância no cenário cultural do Rio de Janeiro no final do século XX e início do século XXI. Tais representações se manifestam no âmbito de um fenômeno contemporâneo: a nostalgia musical das produções de bandas e artistas *oitentistas* como Legião Urbana, Blitz, Kid Abelha, Cazuza, Ultraje a Rigor e Paralamas do Sucesso. Tais artistas fazem parte do repertório musical da comemoração da *década perdida* e persistem em nossas lembranças, devido, talvez, à relevância cultural e social que tiveram. Ao longo de vivências e experiências são feitas escolhas e seleções na memória daquilo que se quer que persista nas lembranças, como marcos representativos de espaço e tempo específicos. Diante disso, podemos afirmar que as Festas Ploc e os shows das Lonas culturais são eventos que procuram reafirmar aderência ao modo de ser de alguma época ou lugar, são marcos da memória afetiva, cultural e social. O trabalho considera essas comemorações do passado não somente como um “resgate” de comportamento social e cultural, mas como um *lugar da memória*, já que, segundo Nora, “é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, porque essas operações não são naturais. [...] Sem vigilância comemorativa, a História depressa os varreria. São bastiões sobre os quais se escora”. Dessa forma faz-se necessária uma “vigilância comemorativa” dessa década que foi um marco social e político no Brasil, e uma das funções desses lugares sociais da memória é a interrupção do esquecimento de “algo que queremos manter vivo em nosso tempo”.

PALAVRAS-CHAVE: Lugares de memória; Brock; Rio de Janeiro

O rock e o heavy metal no cenário econômico atual e na mídia

Guilherme Spiazzi dos Santos (UNESC)
gsdsantos@hotmail.com

RESUMO: A arte vive uma constante evolução, não apenas em sua forma, mas também na maneira como é divulgada e comercializada. Das várias formas de arte existentes, a música está seguramente no mundo todo, mesmo que em diferentes formatos e estilos. Com relação aos inúmeros estilos de música existente, destacam-se o Rock e o Heavy Metal. Duas vertentes que ganharam notoriedade mundial a partir das décadas de quarenta e sessenta respectivamente e estão presentes até hoje. Esta longevidade só foi possível graças ao suporte de fãs de Rock e Heavy Metal e do trabalho da mídia encarregada de levar informação pertinente por meio de revistas,

fanzines, rádio e televisão, sempre mantendo os apreciadores dos estilos supracitados atualizados. Com o passar dos anos a indústria da música foi sendo moldada e com isso bandas e gravadoras puderam gozar de um formato de negócio altamente rentável, porém em meados da década de noventa a revolução tecnológica trouxe a internet e com ela a forma de comunicação e distribuição de música tomou um novo rumo. O mercado até então controlado por grandes gravadores começou a ser ameaçado pela facilidade na livre troca de material e informação pela internet. Além disso, artistas que até o momento eram inexpressivos conseguiram ser ouvidos através da rede e consequentemente atingiram um público muito maior que outrora. Esta nova realidade trouxe questionamentos, análises, projeções, novas estratégias e um constante sentimento de incerteza. Se por um lado ainda há grandes gravadoras que insistem em não se adequar aos novos tempos, do outro há artistas dispostos a desbravar novos caminhos para a venda, distribuição, comunicação e divulgação do seu material. Encontrar o melhor caminho é o desafio do artista de hoje.

PALAVRAS-CHAVE: Economia; Mídia; Rock e Heavy Metal.

Considerações Históricas e Sociais sobre o Rock no Brasil: Enfoques sobre a Banda Legião Urbana e Renato Russo

Karina dos Santos Moura (UNIOESTE)
karina_s_moura@hotmail.com
Silvane dos Santos Moura (UNIOESTE)
silvane.hta@homail.com

RESUMO: Neste trabalho, abordaremos a temática “Rock e Comportamento”, visando buscar conhecimentos acerca do mesmo, suas influências e consequências para o período em que será retratado. Esse estilo musical, representado por volta dos anos 80 e 90, trouxe para a sociedade relevantes significados como: análises críticas sobre política e sociedade, expressadas por meio de questionamentos presentes nas músicas, por meio de metáforas. Tal política desse período histórico brasileiro censurava qualquer tipo de manifestação pública contrária ao poder vigente. Destacaremos o rock em seu estilo nacional, ressaltando este momento, em que esse ritmo musical esteve intimamente ligado à comercialização, isso por haver enorme apreciação do público. Assim, relembremos com breves informes a banda Legião Urbana, tratando com ênfase o conhecimento sobre o comportamento e a vida social de seu principal integrante, o cantor Renato Russo. Em meio ao estouro da banda e à venda de milhões de discos estava este cantor, considerado um grande artista e poeta. As músicas da banda relatavam especificidades da idade juvenil, e, tratavam de questões problemáticas vivenciadas cotidianamente no mundo jovem, através do rock, com o intuito de discutir problemas e se libertar dos mesmos por meio do entretenimento musical. Em suas composições, seus depoimentos e entrevistas, Renato Russo manifestava sem pudor a opinião sobre assuntos polêmicos, como: sexo, drogas, homossexualidade, alcoolismo, dentre outros, apontando sua maneira de ver e viver a vida. Suas músicas traduziam questões sociais gritantes, empregando a sensibilidade nos versos musicais e a sua imponente posição de ideias e aspirações, que, comumente eram amparados por sua intelectualidade e pelo prazer da leitura, sendo estas de várias obras literárias de pensadores importantes da história científica.

PALAVRAS CHAVE: Renato Russo; Rock; Sociedade.

***Hate Rock* e comportamento político: os neofascismos no Brasil e nos Estados Unidos em perspectiva comparada (1990-2010)**

Pedro Carvalho Oliveira

RESUMO: O presente trabalho, fragmento de um projeto de mestrado que se inicia, tem por objetivo mostrar como o *Hate Rock*, gênero musical que serve a ideais neofascistas, pode ter funcionado como ferramenta política para as bandas que o executaram, bem como seu público consumidor, entre os anos de 1990 e 2010 no Brasil e nos Estados Unidos. Ao observarmos como este gênero propõe ideais de estruturação social, pensamos ser possível observar seus compositores como parte de um movimento cujas demandas estão associadas a um perfil político específico, cujas raízes estão no passado, mas adaptaram-se facilmente ao presente. Neste sentido, perceberemos como bandas neofascistas do Brasil e Estados Unidos idealizaram suas sociedades, cujas realidades e perfis históricos são diferentes. Buscando diferenças e semelhanças, podemos realizar uma síntese de como visões históricas semelhantes se adaptaram a dois contextos divergentes.

PALAVRAS-CHAVE: Neofascismo; *Hate Rock*; História Comparada.

Representações visuais do *heavy metal* goiano, décadas de 1980 a 2000: apropriação e reprodução

Samuel Campos Vaz (IGPA/PUC Goiás)
samuvaz@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho pretende mostrar a produção visual do *heavy metal* em Goiânia veiculada em *fanzines*, jornais, *folders*, capas de discos, *tickets* de entrada para *shows*, entre outros, como resultado da influência apropriada e reproduzida do cenário internacional do *heavy metal*. As culturas locais confrontam o *heavy metal* com as ideias de cultura regional e cultura mundial que refletem em toda produção visual. A partir deste confronto aparece uma cultura visual, musical que define o comportamento de grupos de jovens e sua relação com a sociedade goiana. A apresentação visual de *folders*, cartazes e *tickets* são bem dramáticos, pois utilizam a arte na linha do terror, do diabólico, do desregrado, o que permite pensar em um primeiro momento que esses grupos representam uma desfiguração do mundo social, mas que na verdade produz significados diferentes, onde se podem ver as distâncias entre seus discursos, sejam eles visuais ou algo do próprio cotidiano. O tempo inteiro, os discursos se confrontam, pois a imagem diabólica do *heavy metal* é colocada em evidência por meio de suas visualidades, as interpretações que as pessoas fazem dos seus significados não são aceitas pelos seus representantes. Com a apropriação visual e discurso, surge uma nova representação, mudando o sentido original de um estilo musical estrangeiro para um gênero com características próprias regionais. A produção visual desses grupos apresenta uma variedade no discurso que fala de contestações sociais, contra as drogas, medo, aborto, desemprego, almas e predestinação o que vem comprovar as mudanças no comportamento social relacionado aos grupos e expressos através de seus discursos.

PALAVRAS CHAVES: Visualidade; *Heavy Metal*; Comportamento Social.

#ACenaVive: Uma construção coletiva do cenário rock no Rio de Janeiro

Daniel Domingues (mestrando (Mestrando - UFF)
daniel@pontoplural.com.br

Luiza Bittencourt (doutoranda – UFF; LabCult)
lua@pontoplural.com.br

RESUMO: Nos últimos anos, o mercado musical encontra-se em um contínuo processo de reconfiguração de seus meios de produção, divulgação, distribuição, circulação e, principalmente, consumo; decorrentes da consolidação da cultura digital (Sá, 2006; De Marchi, 2011; Herschmann, 2010; Vicente, 2006; Freire Filho, 2007; Kischinhevsky, 2010). A distância entre o artista e o fã estreitou-se, dando início a uma relação mais direta que facilita a difusão da produção do músico (Teixeira Junior, 2002); bem como o acesso do público a artistas de forma desterritorializada (Deleuze e Guattari, 2005), independente de sua localização geográfica. A realização de shows destacou-se como pilar estrutural por ser um espaço onde o artista mostra seu trabalho, conquista e estreita o relacionamento com seu público, além de realizar a venda de Cds e produtos promocionais para aumentar sua arrecadação (Herschmann, 2013). Nesse contexto, começaram a surgir movimentos culturais baseados nos conceitos do associativismo, da cultura digital e da economia afetiva como o Fora do Eixo, o Festival Grito Rock e a Rede Brasil de Festivais, que conectaram milhares de agentes culturais - principalmente produtores de eventos - em prol de objetivos coletivos. Da mesma forma, tem sido possível verificar o crescimento do número de artistas que pode ser considerado como "Músico-Empreendedor", ou seja, uma geração que enfrenta diversos obstáculos através de uma grande capacidade gestora em um meio de tantas reconfigurações na indústria da música. No Rio de Janeiro, inspirados pelos modelos de arranjo cultural grupal, jovens músicos integrantes de 5 bandas de rock começaram a se articular pela internet reunindo forças em torno da hashtag #acenavive para planejar estratégias de ocupação de espaços, bem como a divulgação e distribuição de músicas por meio de plataformas digitais, buscando formar público para seus shows. A partir daí, o vínculo coletivo estabelecido tem sido ampliado com participações em shows, troca de experiências e somado outras bandas no grupo, que se relacionam tanto no ambiente virtual, quanto presencialmente, em apresentações ao vivo e encontros para debater o mercado musical e traçar metas conjuntas. O presente artigo pretende utilizar a noção de cena musical sob a ótica de autores como Straw (1991; 2006), Sá (2011; 2013), Herschmann (2011, 2013), Guerra (2013; 2014), e Jannoti (2012; 2013) para **(i)** analisar o histórico de organização conjunta promovida por esses jovens músicos em torno da hashtag #acenavive no Rio de Janeiro e compreender suas motivações e objetivos; **(ii)** cartografar os espaços urbanos frequentados por esses jovens e utilizados para a realização de shows; e **(iii)** identificar as principais práticas culturais e de sociabilidade presentes na articulação desses jovens, que envolvem dinâmicas de gosto e afeto. Por fim, objetiva-se **(a)** constatar se a configuração dessa conexão coletiva contribui para um impulso da produção musical e a intensificação da circulação de artistas na cidade do Rio de Janeiro enquanto esse grupo de jovens compartilha uma intensa experiência sensível e estética (Rancière, 2009); **(b)** analisar como as dinâmicas identitárias desse grupo relacionam-se com o mercado uma vez que emergem sob a ótica de um processo de resistência.

PALAVRAS-CHAVE: Cenas Musicais; Jovens; Rock

Rock around the clock: a difusão do rock em território brasileiro

Pâmela Keiti Baena (UNISO)
pamelabaena@hotmail.com

RESUMO: O tema aqui proposto é a difusão em território brasileiro do gênero musical que veio a ser conhecido como rock, porém considerando como fonte principal de pesquisa o acervo da Biblioteca Nacional Digital, no que concerne às publicações da Revista do Rádio, de circulação nacional, com as edições que compreendem os anos de 1955 a 1960. Utilizou-se a banda Bill Halley and his Comets para relacionar o rock nos Estados Unidos e no Brasil, por conta de sua vinda no ano de 1958, a convite da Rádio e TV Record, para shows em três cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Sorocaba. A presença da banda permeia as abordagens sobre o cinema, o rádio, a indústria fonográfica, a imprensa e também a juventude do pós-guerra, pois, como afirma Paulo Pan Chacon, o rock se define pelo seu público. O objetivo é apresentar o contexto histórico e fazer algumas considerações sobre a aversão pré-Jovem Guarda pela qual o rock passou ao desembarcar nas mídias brasileiras, já como um produto da indústria cultural. É nesse momento que o ritmo marginalizado estadunidense assemelha-se ao samba. Para isso, além da análise da imprensa, utilizou-se a comparação bibliográfica de autores brasileiros e estrangeiros, obras escolhidas entre mais de setenta anos de produções. Concluiu-se que nessa primeira fase o rock não foi bem recebido devido ao fato de estar fora de seu contexto original. Nas raras publicações em que a visita de Bill Haley foi noticiada, a presença dos artistas brasileiros ganhava especial ênfase, ou seja, a imprensa utilizou-se dele para promover seus próprios artistas.

PALAVRAS-CHAVE: Bill Haley; Revista do Rádio; Rock'n'Roll.

Análise da música “The End” da banda The Doors sob enfoque psicanalítico

Danielle Aparecida Grigoletto (UNIPAR)
Jacsiane Pieniak (UNIOESTE /UNIPAR)

RESUMO: O presente artigo visa analisar a música *The End* da banda de rock norte-americana *The Doors* utilizando como base a Teoria Psicanalítica. A metodologia utilizada para a realização do presente artigo foi a pesquisa bibliográfica. O grupo de rock foi formado em 1965 e seu período de atividade foi de seis anos. Os integrantes que fizeram parte do grupo foram: o vocalista James Douglas Morrison (1943-1971), Raymond Daniel Manzarek (1939-2013) o tecladista, o guitarrista Robert Alan Krieger (1946) e John Paul Densmore (1944) o baterista. A música tema desta pesquisa integrou o primeiro álbum, homônimo, lançado em janeiro de 1967. A base teórica desta pesquisa foi construída e desenvolvida por Sigmund Freud (1856-1939). Este autor aludiu a mente do sujeito à um grande bloco de gelo flutuante, no qual apenas uma pequena parte é passível de visão, ficando na superfície e representando a consciência do indivíduo, entretanto, sua maior parte encontra-se submersa a qual representa seu inconsciente. E é, justamente, nessa parte submersa que localizam-se os impulsos, as pulsões, as paixões, as ideias e os sentimentos recalçados ou reprimidos, que são forças vitais, invisíveis e impulsionadoras, que dirigem o pensamento humano e suas ações conscientes. Nos resultados obtidos levantamos possibilidades decorrentes da análise da

música que remetem à alguns elementos freudianos, entre eles podemos arrolar o complexo de Édipo, a regra de castração e as pulsões de vida e morte. Para a psicanálise, a psicologia não deve se limitar a análise da consciência, pois tornar-se-ia inadequada para a compreensão dos motivos fundamentais do comportamento humano.

PALAVRAS-CHAVE: Psicanálise; Édipo; Pulsões.

Simonal e Tornado: resistência do povo negro através da música

Kleitton Linhares (UNIOESTE)
thonlinhares80@gmail.com
Rosangela Parizotto (UNIOESTE)
rosangelaparizotto@gmail.com

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo analisar letras de músicas dos cantores Wilson Simonal e Toni Tornado, que fizeram parte do cenário musical do país nas décadas de 1960 e 1970, época em que o Brasil enfrentava as mazelas da Ditadura Militar. Portanto, a música de uma maneira geral, foi utilizada como forma de protesto e de luta por liberdade, bem como a imagem das pessoas que estavam a frente dessa luta, mesmo que de forma sutil. Assim, pretende-se a partir das letras das músicas escolhidas para análise, perceber se estas trazem à tona elementos que possibilitam o debate em torno da liberdade e dos direitos dos cidadãos. Neste caso, por se tratar de cantores negros, analisar se as músicas possibilitaram, para a época o debate sobre a realidade do povo negro, levando em consideração que este grupo étnico havia pouca visibilidade, vez e voz, sendo permeada pela realidade histórica e reforçada pela inferiorização dos mesmos. Para tal, serão analisadas a letra de duas músicas, sendo elas “Tributo à Martin Luther King” de Simonal e Ronaldo Boscoli, interpretada por Simonal e “Sou Negro”, de Ed Wilson e Getúlio Cortes, interpretada por Tornado, verificando como as letras das músicas abordam em seu conteúdo questões pertinentes ao povo negro e se estas músicas possibilitaram o olhar para a realidades destes sujeitos, dando condições de continuidade na luta, através de movimentos sociais e leis que viessem garantir, o respeito à cultura e a história do povo negro presente na sociedade brasileira ou se simplesmente fizeram parte do repertório dos cantores durante uma época de gritos, brados e música por direitos e liberdade.

PALAVRAS-CHAVE: Povo Negro; Letras de música; Luta e direitos.

Blondie e Rita Lee: o discurso feminista em composições musicais nos anos 1970

Nathalia Roman (UNIOESTE)
nthl.roman@gmail.com
Wagner Jorge Santana (UNIOESTE)
wsantana90@hotmail.com
Orientadora: Prof. Dra. Franciele Luzia de Oliveira Orsatto (UNIOESTE)
francieleluzia@yahoo.com.br

RESUMO: Este estudo tem como principal objetivo realizar reflexões acerca do gênero feminino e suas representações em composições musicais originadas na década de 1970,

período histórico bastante significativo na transformação do papel feminino na sociedade contemporânea. Com base nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso (AD) de orientação francesa, analisam-se, então, as marcas discursivas associadas a questões de identidade das mulheres e relações de confronto e de convívio com o gênero masculino em duas composições musicais, uma nacional e outra norte-americana. Uma das canções escolhidas foi “X-Offender” (1976), da banda nova-iorquina Blondie. Criado em 1974, o grupo foi um dos pioneiros nas cenas punk e *new wave* da Nova York dos anos 1970. É válido lembrar, ainda, que, sendo uma das poucas mulheres na cena musical da Big Apple, Debbie Harry (vocalista do conjunto), escrevia sobre problemas cotidianos sofridos pelas mulheres, bem como eu-líricos femininos bem resolvidos e/ou pertencentes a camadas mais marginalizadas da sociedade. A outra música que compõe o corpus desta pesquisa é “Elvira Pagã” (1979), de Rita Lee. Popularmente conhecida como a “Rainha do Rock Brasileiro”, Rita Lee foi protagonista de revoluções musicais e sociais ao longo de sua carreira. A cantora é uma das mais célebres representantes do rock brasileiro, com composições que abordam temáticas como romance, sexo e autonomia feminina. O trabalho com as composições em questão tem por objetivo identificar como ocorre a materialização de discursos nas duas músicas, observando em que medida elas se aproximam ou se afastam. A investigação considera que a produção de efeitos de sentido ocorre a partir do âmbito social, histórico e ideológico – impossibilitando que linguístico e extralinguístico possam ser vistos de maneira desvinculada. Parte-se da hipótese segundo a qual as duas composições em análise revelam como tentativas de dar voz à resistência, contrapondo-se ao discurso de poder masculino.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso feminista, Análise de Discurso, rock.

Um passeio na cena independente do rock brasileiro: Paralelos entre a geração Coca-Cola e a geração iPhone

Wellington Soares (Faculdades OPET)
doccasoares.opet@gmail.com

RESUMO: A cena rock brasileira iniciada na década de 60 com a chamada Jovem Guarda teve grande crescimento na geração posterior, a chamada geração 80. Esta geração composta por bandas que utilizavam publicações alternativas chamadas Fanzines, não obtiveram a mesma projeção junto aos grandes meios de comunicação como artistas de renome tais como Legião Urbana, Titãs ou Paralamas do Sucesso que saíram do anonimato a partir de certas articulações no seio da indústria cultural. Esta, por sua vez passou por profundas mudanças a partir da invenção e, principalmente, popularização da rede mundial de computadores, a Internet. A geração adepta ao rock possui, a partir da década de 2000, formas diversas de trabalhar dentro da indústria cultural e suas manifestações, em muitos casos sem o uso de táticas midiáticas vinculadas a grandes grupos de comunicação, mas objetivando, como em gerações anteriores, o sucesso comercial. As diferenças e similaridades entre as cenas independentes dos anos 2000 e anos 80 são o mote desse trabalho. Locais para shows foram modificados, as rádios rock paulatinamente foram ficando cada vez mais raras nos *dials* e deram lugar a rádios web, programas dedicados ao videoclipe cederam espaço para websites de *streaming*, os antigos releases de bandas deram lugar a redes como o *Myspace*, comunidades do *Orkut*, *Facebook*, pelas postagens curtas do *Twitter*

e sites próprios. Ao fim e ao cabo, percebe-se as dificuldades enfrentadas pela geração pré-internet e compact disc quanto pela geração pós internet e *mp3*, bem como as características sócio culturais existentes em uma e outra geração.

PALAVRAS-CHAVE: rock; redes; mídia.

História, drogas e *rock n'roll*: desmistificando estereótipos e estigmas

Taciana Santos de Souza (doutoranda – Unicamp)
tacisantos@hotmail.com

Lilian da Rosa (doutoranda – Unicamp)
lilianrosa.rs@gmail.com

RESUMO: As drogas, de certa forma, sempre estiveram presentes em diversos momentos da história do rock e, inclusive, foram imortalizadas pela expressão idiomática “Sexo, Drogas e Rock n’ Roll”. Essa frase relaciona o uso de substâncias psicoativas com esse estilo musical e com o ato sexual, atividades que, ao menos no imaginário popular, estão associadas às festas e às confraternizações sociais em que tal estilo esteja inserido. Essa idealização da cultura *rock n’ roll*, difundida principalmente pela mídia, influenciou na formação de estigmas e de estereótipos à personificação do *rockeiro*, pois era direcionada maior preocupação em ressaltar a interrupção de carreiras de estrelas do rock, geralmente relacionadas com o abuso – e as possíveis consequências – do consumo de substâncias psicoativas (como *overdose*, por exemplo), do que enfatizar qualquer outro aspecto sobre o universo desse gênero musical. Esse ponto de vista simplificado e rotulado camufla uma teia de relações mais intrincadas em que essa combinação de *drogas* e *rock* está atrelada a questões mais amplas correlacionadas a contextos políticos, históricos e sociais. Diante disso, este artigo teve como objetivo identificar em que momento a cultura do *rock* passou a ser associada diretamente ao consumo problemático de drogas. Para alcançar essa meta, foi realizada uma revisão histórica da trajetória do *rock* e também foram investigadas as situações em que as drogas se tornaram protagonistas do seu universo musical e artístico, bem como do seu universo de admiradores e seguidores. A principal hipótese defendida foi a de que a música “em si” não influenciou e nem determinou explicitamente o uso de psicoativos, ou seja, o consumo dessas substâncias esteve, sim, associado a determinados contextos nos quais o rock também esteve presente.

PALAVRAS-CHAVE: história do *rock*, drogas, psicoativos.

Comportamento e Cultura *Heavy Metal*: Itinerários identitários e processos de sociabilidades entre os *headbangers* de Mossoró/RN

Lázaro Fabrício de França Souza (mestrando – UERN)
lazaroffsouza@gmail.com

Shemilla Rossana de Oliveira Paiva (mestranda – UERN)
shemillarossana@hotmail.com

RESUMO: Aclarar determinados aspectos do comportamento *headbanger* é intuito precípua desse trabalho. Além de perpassar as formas como se dão os itinerários e

construções dos processos identitários entre os *headbangers* de Mossoró/RN, buscamos equacionar, outrossim, como esses indivíduos elaboram seus mecanismos de sociabilidade, como tecem seus relacionamentos e se constituem enquanto “tribo”. Há toda uma esfera simbólica, que se manifesta no âmbito dos signos e que assegura certa “unidade” em termos de uma identidade *gruppal*, enquanto indivíduos *headbangers*, podendo ser percebida desde as vestimentas até o compartilhamento do êxtase coletivo dos shows, das paixões por bandas e músicos e de alguma perspectiva de mundo e de relacionamento com os pares, com a música, com a arte, com a constituição da subjetividade, por meio de uma ética da *resistência*. A associação entre os *headbangers* parece se aproximar do modelo simmeliano de interação e sociabilidade. Uma sociabilidade entendida como arquétipo lúdico de socialização, sem propósitos ou interesses específicos, que não a interação em si mesma, vivenciada em espécies de jogos, atuando como se todos “fossem iguais”. Tal modo de associação se mostra de forma mais evidente entre os *headbangers* nos shows e eventos destinados ao metal. Como pano de fundo utilizaremos a concepção de “cena”, o que nos auxiliará a pensar o *heavy metal* enquanto fenômeno social. A ideia de cena foi pensada buscando abarcar uma série de práticas sociais, econômicas, tecnológicas e estéticas ligadas às formas como a música se faz presente nos espaços urbanos. A proposição em pauta é um excerto de pesquisa de dissertação em andamento e de reflexões compartilhadas. Destarte, a ideia é apresentar resultados preliminares. Baseados em referenciais teóricos, pesquisas bibliográficas, trabalho etnográfico e vivência de campo, intentamos dar cabo das questões aqui erigidas, se não de maneira cabal, mas ao menos em termos de elementos introdutórios.

PALAVRAS-CHAVE: *Heavy metal*; identidade; sociabilidade; comportamento *headbanger*.

Geração *rocker*: influências do *rock and roll* “raulseixista” na sociedade baiana e brasileira

Marijane de Oliveira Correia (UFBA – IFBA)
janeletras@gmail.com

Eliel Carvalho da Silva Filho (Instituto Social da Bahia)
elielscarvalho@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho busca compreender como o cantor e compositor baiano Raul Santos Seixas iniciou sua carreira e influenciou a cultura baiana e brasileira com suas músicas, com seus modos de pensar e com a ideia de uma sociedade alternativa. A Bahia é conhecida por características relacionadas às belezas naturais, terra festeira, enfim, uma baianidade divulgada por todo mundo como sendo homogênea. Cantores, pintores e escritores divulgaram esse jeito de ser baiano por muito tempo, mas Raul Seixas modificou o comportamento de parte da sociedade baiana com seu *rock* híbrido: misturou o *rock and roll* com o baião. Assim, a proposta é apresentar uma análise do surgimento do cantor na sua terra natal e como ele influenciou a sociedade baiana e brasileira, modificando o comportamento da juventude entre as décadas de 60 e 70. O recorte temporal será a partir do seu primeiro álbum lançado em 1968, *Raulzito e Os Panteras*, até sua parceria com o compositor e escritor Paulo Coelho em 1976. Para atingir os objetivos propostos serão analisadas obras de Raul, algumas obras escritas em parceria com Paulo Coelho e documentos sobre a criação da Sociedade Alternativa.

Além da análise dos sentidos produzidos pelos textos selecionados, também é considerado para estudo o acervo imagético, dentre eles encontram-se as capas e contracapas dos discos, materiais que os acompanham e documentários no formato vídeo. Para subsidiar esta pesquisa inicial, contamos com as discussões teóricas sobre identidade em Stuart Hall, identidade e diferença por Tomaz Tadeu da Silva, a História da Bahia por Luís Henrique Tavares e sobre comportamento jovem por Angelina Nascimento, dentre outros teóricos.

PALAVRAS-CHAVE: Raul Seixas; Identidade; Comportamento.

Rock e punks: diferenciação individual e estética comum

Talita Rechia Vasconcellos da Rosa (mestranda – UNIOESTE)
tali_rechia@hotmail.com

Vilmar Malacarne (prof. Dr. - UNIOESTE)
vilmar.malacarne@unioeste.br

RESUMO: Este estudo analisa as influências do Rock na moda dos punks na perspectiva de Gilles Lipovetsky e de Michel Maffesoli, fundamentalmente nas obras *O Império de Efêmero – a moda e seu destino nas sociedades modernas* de Lipovetsky (2009) e *No fundo das aparências* (Maffesoli, 1996). Lipovetsky, objetiva compreender, histórica e socialmente, a dinâmica da moda como consequência de uma nova relação de si com os outros e do desejo de afirmar uma personalidade própria. Para Maffesoli moda é o desejo de reconhecimento pelo outro e de agregação com um grupo. Para ele há na imitação, um prazer de “*estar junto*” em função de uma lógica de identificação com determinados grupos sociais. Neste trabalho o escopo é o de refletir, ancorados nesses dois pensadores, sobre os *punks* cuja simbologia das roupas tem como referência o Rock. Nos anos 80, do século XX, os *punks* passaram a contestar o sistema social vigente e demonstravam suas revoltas por intermédio de uma imagem agressiva, utilizando-se de roupas velhas e surradas em oposição ao consumismo, jaquetas arrebitadas com frases de indignação às injustiças do Estado, além dos cabelos no estilo moicano ou espetado colorido. Os estudos realizados sobre o vestuário dos *punks* nos leva a afirmar que moda não é somente a imitação efêmera de tendências ou estilos, e as roupas não são apenas vestimentas que servem para proteger e cobrir o corpo ou ornamentações para embelezar os indivíduos. As roupas fazem parte da existência diária de cada ser, e expressam diferenciações individuais e identificações com determinados grupos sociais por meio de uma estética comum.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Moda; Diferenciação Individual; Estética Comum; *Punks*.

Música e interdiscursividade: análise discursiva da música “Ideologia” - Cazuza

Renan Paulo Bini (UNIVEL)

renanpaulobini@hotmail.com

Silmara Santos (UNIVEL)

silsantosjornalismo@hotmail.com

RESUMO: A partir do estudo da análise do discurso, entende-se, o que torna o homem, um ser especial com sua capacidade de significar e significar-se. Por meio dessa, concebe-se a linguagem como mediação (discurso) necessária entre o homem e a realidade natural e social. Assim, considerando a linguagem não apenas como instrumento de mediação entre os seres humanos, mas principalmente como fator determinante à construção subjetiva/cultural e a música como expressão ideológica e cultural de determinado corpo social, o presente estudo, visa, por meio da teoria da Análise do Discurso Francesa, desenvolvida por Pêcheux, analisar a música “Ideologia” interpretada por Cazuza (Agenor de Miranda Araújo Neto) em álbum solo em 1988. Por meio da análise da convenção social, e os aspectos sócio-históricos e ideológicos no contexto em que a música insere-se, o estudo analisará a música, aplicando-a à AD e considerando as exterioridades (situação empírica, interdiscursos, condições de produção, circunstâncias de enunciação). Considerando sujeito e exterioridades, para a AD, o sujeito linguístico-histórico é constituído pelo esquecimento e pela ideologia. Assim, a análise consistirá não em identificar “verdades ocultas” na música, mas sim, por meio da análise dos pressupostos e da associação às exterioridades, identificar as influências histórico-contextuais e ideológicas na formação do discurso; no processo ao qual o enunciador (Cazuza) absorve-o em sua subjetividade esquecendo a real autoria dos ideais apresentados, bem como nos gestos de interpretação que o constituem. Considerando o contexto atual de pós-modernidade, também analisar-se-á como a música significa e torna-se interdiscurso.

PALAVRAS-CHAVE: Cazuza; Análise do Discurso; Interdiscursos

A cultura punk e a folha A4: uma discussão sobre a estética dos fanzines.

Gustavo dos Santos Prado (doutorando – PUC/SP)

gspgustavo.historia@hotmail.com

RESUMO: Pretende-se nesse trabalho, que foi inscrito no Simpósio cuja temática centra-se na discussão sobre “Rock e comportamento”, problematizar a estética dos fanzines punks, que foram produzidos ao longo dos anos de 1980. Com esse intento, primeiramente, a pesquisa irá situar historicamente a fonte, que surgiu entre os punks paulistas no ano de 1982. Posteriormente, dedica-se atenção para algumas formas de trabalhar com esse tipo de impresso, a partir do conceito de “mídia radical”. Logo em seguida, a atividade desdobra-se em um diálogo intenso com filósofos da arte e estruturalistas, visando problematizar a “estética da colagem” – técnica que foi fundamental para a edição dos fanzines punks. Feito tal discussão, a exposição demonstrará que os “punkzines” produzidos na década citada, assumiram feições agressivas que resultaram em um plano estético caótico e poluído, que, de modo geral, são típicos não só da fonte analisada, uma vez que tais características estiveram presentes em outras formas de expressão dos punks (música, dança, moda). Espera-se que no

término desse trabalho, haja uma discussão profícua sobre a cultura punk, valendo-se dos fanzines como instrumento de análise e reflexão.

PALAVRAS-CHAVE: punks; fanzines; estética.

O movimento *paninaro* na Itália dos anos 80

Jocimar Bertelli (UNIOESTE)
jocimarbertelli@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho intenta apresentar ao público brasileiro o chamado movimento *paninaro*, fenômeno jovem originário da cidade italiana de Milão na primeira metade da década de 1980. Esse movimento caracterizava-se por um particular estilo de vida idealizado pelos jovens que nele embarcaram, da alimentação ao vestuário, do vocabulário à posição política. Nascida nos *fast foods* – grande novidade e tendência para o público jovem nos anos 80 – da capital lombarda, esse novo padrão de comportamento buscava uma total adesão às benesses da sociedade capitalista. A partir dos novos serviços alimentares, aos quais o movimento deve seu nome (*paninaro* vem de *pane*, pão, matéria prima dos lanches de consumo rápido), os quais propunham aos jovens hábitos de alimentação muito diversos da tradição culinária italiana, uma nova “cultura” surgiu. Além do hábito dos *fast foods*, os *paninari* se identificavam a partir de um determinado código vestuário, o qual se baseava basicamente na escolha de determinadas peças das melhores grifes, como Levis, Moncler, Timberland, Ray-Ban, entre outras. Para integrar o grupo, era também necessário dominar seu vocabulário próprio, composto por gírias em língua italiana e termos em inglês. Obviamente, a “cultura” *paninara* tinha sua trilha sonora, e essa estava nas canções de grupos como Duran Duran, Simple Minds e Pet Shop Boys, sendo que esta última dedicou uma canção ao movimento que, após breve período, já era sentido em toda a península. A essa altura, os padrões de comportamento desses jovens já eram codificados por revistas exclusivas, programas de TV e até mesmo por um cinema de inspiração *paninara*. Neste sentido, a presente comunicação pretende traçar um perfil desses jovens, além de debater as implicações de se optar, em um determinado período histórico, por uma fácil adesão à sociedade de consumo, baseada num hedonismo da autoimagem e alienada do mundo do trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Paninaro; Comportamento; Italianos.

Simpósio temático Rock e Contracultura

Trabalhos que contemplam o papel do rock na criação de um estilo de vida que se constitui em deliberada oposição ao establishment, forjando novos padrões de comportamento, moda, organização social e do trabalho. Além desta temática abrangente, nesta edição, o Congresso dedica uma atenção especial ao tema: “Grateful Dead: Meio século de uma longa e estranha viagem”. A principal banda da psicodelia de San Francisco encerra sua trajetória com um grande concerto em 2015. A mesa se propõe a discutir toda a subcultura deadhead que se formou em torno da banda de Jerry Garcia assim como seu legado estético.

Punk Rock y Contracultura en el Chile del los '80

Jorge Canales Cabrera (Universidad Alberto Hurtado)
jcanalesocio@gmail.com

RESUMEN: El desarrollo del punk en Chile comienza a manifestarse a mediados de la década de los '80, en un clima social de hostigamiento hacia la juventud, detenidos desaparecidos, altas cifras de desempleo, toque de queda, lo que ayudaba a que en el país hubiera una pobre escena artística. Mientras las voces disidentes de izquierda se desarrollaban en peñas y facultades de estudios, aparece una nueva camada de jóvenes que no se sienten representados por prácticas tradiciones de militancia política, quienes se posicionan en el centro de la capital, en espacios de contracultura, donde mezclaban diferentes manifestaciones artísticas, la performances, el teatro, la poesía, la pintura, fotografía, el comic y la música se mimetizan para enfrentar desde las artes y la contracultura a un régimen militar que ya estaba en el país hace más de una década. Las primeras manifestación sociales contra el régimen militar se realizaron a comienzos de la década de los '80, y es ahí donde los primeros punk's hijos de exiliados llegados desde Europa quienes comienzan a tener vínculos con organizaciones opositoras al régimen (1979), también traen los primeros casetes al país de bandas como *Ramones*, *The Clash* y *Sex Pistols*. Por otro lado en esta misma época se desarrolla el primer programa de música punk en Chile, “*Melodías Subterráneas*” en 1982, con el devenir de los años se logra organizar en 1986 el primer festival punk rock en Chile, contribuyendo a un hito fundacional para la escena musical, manifestándose de esta manera como una expresión política cultural de resistencia a la dictadura militar en diferentes espacios contraculturales de la capital santiaguina, desarrollando la autogestión artística-cultural a través del lema: “Hazlo tu mismo”. Problemática a ser abordada: Como se conforman los inicios del punk en Chile y cuales son las dificultades y conflictos en periodo de Dictadura Militar para las artes underground en la capital del país. Tema de investigación: Los inicios del Punk en Chile y los espacios de Contracultura en Dictadura Militar.

PALABRAS CLAVES: Punk; Contracultura; Dictadura Militar.

Battle of evermore: hedonismo, autonomia e institucionalização da contracultura

Ricardo Sinigaglia Arruda (graduado – UNESP/Franca)
ricardo_beatles@hotmail.com

RESUMO: O presente trabalho propõe dar uma interpretação histórica sobre o quarto álbum do Led Zeppelin, considerado por muitos a principal banda dos anos 1970. O álbum é conhecido como *Untitled*, *The Runes* ou, simplesmente, *Led Zeppelin IV*, por não possuir título e foi o que mais obteve sucesso comercial durante a carreira da banda, vendendo 25 milhões de cópias e alcançando o primeiro lugar das paradas de sucesso inglesas e o segundo das americanas, permanecendo entre os 40 primeiros durante três anos. O *Led Zeppelin IV* foi produzido no início da década de 1970, quando o rock e a contracultura passavam por transformações e/ou eram institucionalizados. O álbum também chama a atenção pelo uso de simbologias religiosas alternativas ao cristianismo ocidental e da literatura de J.R.R. Tolkien, que eram usadas pela contracultura dos anos 1960 como forma de negação do *establishment* britânico. Além disso, em termos musicais, o álbum também possui características do rock dos anos 1960, como o blues e o folk, além da tradição de destruição do padrão rock, como ocorria no rock da década anterior. Entendemos que existem partes de capítulos de livros que tentam apresentar alguma interpretação histórica sobre o *Led Zeppelin IV*, todavia não exploram como tais formas e conteúdos tiveram sobrevivência nos anos 1970, porém com uma outra conotação, ligada a contracultura hedonista, o que, provavelmente, deu à banda uma certa autonomia para além daquela dada a bandas vistas pela contracultura como estritamente comerciais e padronizadas pela indústria fonográfica, como era o caso de bandas como Aerosmith. Sendo assim, este trabalho tentará responder às questões que articulam o *Led Zeppelin IV* com o contexto sociocultural dos anos 1970.

PALAVRAS-CHAVE: *Led Zeppelin IV*; Hedonismo; Contracultura.

“Rock’n Roll como Bandeira”

Nathana Marina Diska (UFSM)
nathana-@hotmail.com
Clayton Hillig (UFSM)
hillig@smail.ufsm.br

RESUMO: Ouvindo a música “Ser governado” da porto-alegrense “La Digna Rabia”, que em suma é a releitura de um texto de Pierre-Joseph Prodhon, tem-se a noção do que se objetiva nesse trabalho: “Ser governado significa ser observado, inspecionado, espionado, dirigido, legislado, regulamentado, cercado, doutrinado, admoestado, controlado, avaliado, censurado, comandado; e por sujeitos que para isso não tem o direito, nem a sabedoria, nem a virtude” A obediência civil deriva-se do contrato social de Rousseau. Assim, a formação de uma sociedade baseia-se no princípio do “pacto de associação” entre o Estado e o sujeito, ou seja, delega-se o poder em virtude de uma ordem social, sendo esse, portanto, consciente e por conseguinte legítimo. Tal abnegação dos sujeitos em relação ao poder não é uma submissão propriamente dita, mas um ato consentido em razão do que chamamos de “terror à desordem”. Percebemos o pensamento crítico através da ideia da desobediência, da desordem, da Contracultura ligados intimamente ao rock’n roll, mas de uma forma transgressora e prática, através

de ações não organizadas. O rock, sendo visto como uma manifestação social independente de ideologias, é entendido então, como um signo, onde diversos pensamentos políticos, sociais e culturais encontram uma conexão: é diverso e atemporal, uma bandeira de inúmeras manifestações, é uma “expressão social” e não um movimento articulado e dependente de uma estrutura ideológica. Para tanto, a ideia da desordem provocada pela maioria das vertentes do rock, que se baseia no sentido da incerteza, é um dos pilares que nos utilizaremos para demonstrar a função política da música rock como expressão de múltiplas teorias políticas, além de demonstrar que o substrato de uma “desordem harmônica” é o sentimento de amor, demonstrando que essa bandeira, o rock’N’roll, é um ato político e revolucionário.

PALAVRAS-CHAVE: Contracultura; Anarquismo; Desordem.

A máquina de guerra em nossos ouvidos: uma leitura do movimento punk à luz das teorias de Gilles Deleuze e Félix Guattari

Victor Marques (PUC/SP)
victor.o.c.marques@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho visa uma aproximação do punk rock desenvolvido a partir da década de 1970 com as teorias de Félix Guattari e Gilles Deleuze desenvolvidas em *Mil platôs*, sobretudo no que tange o capítulo intitulado “Tratado de nomadologia: a máquina de guerra”, a fim de observar de que maneira o estilo musical se mune de estratégias para ser convertido em um dispositivo de poder (termo que tomamos emprestado de Agamben e Foucault, também utilizado no trabalho) com objetivo de se exteriorizar das dominâncias presentes nos pressupostos dos setores industriais responsáveis pelo alinhamento de seus artistas aos ideais estadistas (repetidos por uma indústria cultural). O artigo tem como objetivo provar a validade da colocação dos autores franceses de que determinadas instituições nômades (exteriores ao Estado) que vão de encontro ao seu interesse central: a ordem. Baseando-se em bandas que surgiram no seio das conhecidas “sociedades de controle”, postulado por Foucault em *Vigiar e punir*, buscamos nexos relacionais entre controle e resistência, e, ainda, de que maneira tais pontos de partida se realizam no punk rock através da observação gráfica e musical de cada um dos casos aqui analisados, bandas como Discharge e Doom (Inglaterra), Crude SS e Wolfbrigade (Suécia) nos servem de amostra. Nossa perspectiva de abordagem se dá de maneira diacrônica, que vem dos fins da década de 1970 até os dias de hoje, propondo, a partir disso, uma revisão dos conceitos explorados pelos filósofos franceses gerados no calor do já passado maio de 1968, provavelmente a maior manifestação contracultural massiva assistida pela França desde a queda da Bastilha, cruzando tais informações com fontes que beberam dessa mesma efervescência massiva, como Foucault e Pierre Clastres, e um de seus grandes sucessores contemporâneos; Giorgio Agamben.

PALAVRAS-CHAVE: Punk rock; pós-estruturalismo; dispositivos de poder.

Riot grrrls! Histórias nas américas: dos EUA ao BR, através de cabos de som e de rede

Natasha Aleksandra Bramorski (UDESC)
nbramorski@gmail.com

RESUMO: A comunicação aqui apresentada deriva da pesquisa que desenvolvi sobre o cenário musical ligado ao gênero *Riot grrrls* em Florianópolis (Santa Catarina) no período de 1999-2004. Neste projeto procuro mapear este Movimento, historicizando, a partir da História do Rock (focada em bandas com mulheres) e Feminismo, conectando grupos brasileiros e estrangeiros com o mesmo estilo musical e suas trajetórias. Procuro mostrar os sujeitos atores deste microcosmos, suas expressões como a música, buscando identificar a sociedade idealizada e, algumas práticas de caráter coletivo (e em comum) nas diferentes sociedades (Estados Unidos da América e Brasil), fomentando as redes de informações e sociabilidades (incluindo a internet). Durante o levantamento documental, percebi que as canções expressam muito do movimento como um todo, então analiso duas canções da banda Dominatrix (Brasil) de maior repercussão nacional-internacional e, que é referência para a maioria das bandas (*undergrounds*) com integrantes mulheres em nosso país. Inclusive estão “na atividade” até os dias de hoje (ano de 2015). As fontes eu adquiri através da banda “*Borboletas Acrobáticas e o Menino Isoladinho*” (1999-2004) de Florianópolis, seu público e/ou, amigos através de conversas informais e, seu acervo/memória disponível em fotologs, blogs e, pastas no HD dos computadores pessoais dos integrantes. Na busca de compreender o que a banda significava para aquele grupo de pessoas que se encontrava todo final de semana (durante cinco anos) no Underground Rock Bar do bairro Lagoa da Conceição, tive que localizar a existência das *Riot Grrrls* na História, e o que é/são esse movimento (apropriações e resignificações) e, essas garotas.

PALAVRAS-CHAVE: riot grrrls; bandas femininas; feminismo punk

“Born to be wild”: um velho lobo germânico na rota da contracultura.

Klara Maria Schenkel (PPGL/ UFPB)
klaramarias@gmail.com
Márcia Viana Pereira (METROCAMP)
marciavianapereira@yahoo.com.br

RESUMO: A canção *Born to be wild* (1968, de Mars Bonfire), interpretada pela banda Steppenwolf (Canadá/EUA), consagrou-se como trilha sonora do road movie *Easy Rider* (*Sem destino*, 1969), história do declínio de uma geração que tomou a estrada como recusa à ideologia belicista e capitalista da classe média americana. Na década de 60, a Route 66, rodovia preferida desses *outsiders*, representava sobretudo uma travessia simbólica. Percorrê-la significava buscar o sonho americano de liberdade. Aqueles jovens cabeludos, que abandonavam os costumes conservadores do Leste em direção ao sol libertário da Califórnia, são a referência do refrão “born to be wild”, o qual nos convoca para a aventura das estradas em detrimento de um estilo de vida domesticado pelas instituições burguesas. Se o filme revela o fim desse sonho, a trilha sonora de Steppenwolf, por sua vez, representa o ímpeto que colocou em movimento os adeptos da contracultura; hino dos motociclistas ao redor do mundo, a canção ainda hoje

é ícone do estilo ou atitude *biker*. Já o romance *Der Steppenwolf* (*O Lobo da Estepe*, de 1927), de Hermann Hesse, inspirou o nome da banda: uma homenagem à obra literária que mesmo relativamente distante no tempo e no espaço, era um dos itens obrigatórios nas mochilas dos hippies. É possível retratar o trajeto que conecta o contexto histórico de produção da obra de Hesse - isto é, do modo de vida alternativo preconizado pelo movimento germânico Lebens Reform do início do século XX - ao ideário expresso na composição de Bonfire? Para respondermos a esta questão, partiremos da análise dos versos de *Born to be wild* e de fragmentos de *Der Steppenwolf* em direção a uma estrada, sem dúvida, mais longa e tortuosa que a Route 66, mas que precisa ser percorrida para compreendermos um pouco melhor a gênese da contracultura americana.

PALAVRAS-CHAVE: Steppenwolf; Hermann Hesse; Lebens Reform.

Raul seixas e a filosofia: uma análise marcusiana do maluco beleza na construção do indivíduo contracultural

Larissa da Silva Souza (UEPA)
larissasouza219@gmail.com

Alana Lisboa da Silva (UEPA)
allana_lisboa@hotmail.com

RESUMO: Nos primórdios da década de 60, uma nova manifestação social denominada contracultura começava a ganhar força. Seu caráter fortemente libertário e por vezes tido como utópico proporcionou um grande impacto na cultura social dominante. Neste período se constituiu a escola de Frankfurt, estabelecendo críticas ao papel da ciência no campo social. Promovendo um diálogo mais aprofundado entre indivíduo e sociedade, encontramos Herbert Marcuse que faz uma releitura da teoria freudiana da psicanálise para explicar o comportamento moral e psíquico do indivíduo diante de uma identidade social. Diante disso, propomos em nosso trabalho, elaborar uma análise filosófica deste movimento pela perspectiva de Herbert Marcuse, tentando conciliar uma investigação entre as dimensões psíquicas e sociais dos agentes que propagaram o fenômeno da contracultura partindo de uma problemática norteadora: O indivíduo contracultural conseguiu emancipar-se de um pensamento unidimensional que controla ideologias que a sociedade cria para sua própria preservação? A partir deste questionamento remontamos à época da eclosão do movimento da contracultura, para desenvolvermos um estudo de caso sobre um dos grandes nomes do movimento contracultural no Brasil, o cantor Raul Seixas, para dialogar com os principais elementos constitutivos de sua obra e para explorar a natureza de algumas de suas músicas, traçando uma análise filosófica dos elementos que o constituem dentro do movimento, promovendo o diálogo sobre quais implicações comportamentais que a contracultura trouxe para as gerações seguintes. Assim, esses argumentos serão respondidos sob a ótica de duas obras filosóficas base: A ideologia da sociedade industrial: O homem unidimensional e Eros e a civilização: uma interpretação filosófica do pensamento de Freud.

PALAVRAS-CHAVE: Raul Seixas; contracultura; filosofia.

A Cena Alternativa Norte Catarinense

Ricardo Neumann (UFSC)
ricardoneumann@hotmail.com

RESUMO: Neste trabalho estudo a Cena Alternativa Norte-Catarinense entre 1990-2010. Em cidades como Joinville, Guaramirim, Jaraguá do Sul, Schroeder e Blumenau, jovens criaram diversas bandas autorais independentes, sem apoio de gravadoras, e, conseqüentemente, muitos espaços de sociabilidade, nos quais os mesmos buscavam se expressar criativamente. Dentre estes espaços o mais conhecido certamente é o Curupira Rock Club, na cidade de Guaramirim. As bandas às quais me refiro faziam um som inspirado em diversos estilos pós-punks. E apesar da diversidade de estilos, as bandas formavam um único movimento, que tinha como base dessa unidade o fato de que as letras e as músicas eram de autoria das próprias bandas, que faziam seus shows e suas produções de forma independente. Nas letras, no estilo musical e nas atitudes de muitos destes jovens podemos observar muito do pensamento de uma juventude que não aceitava passivamente a violência policial, a hipocrisia da religião e da sociedade em geral, com seus preconceitos e tradições. Assim, abordarei neste artigo a relação entre a arte e a política através da história da cena alternativa norte catarinense.

PALAVRAS-CHAVE: Cena Alternativa Norte Catarinense; Independente; Curupira Rock Club.

Uma trajetória de sucesso em tempos de repressão: reflexos da censura nas letras de canções no período inicial da banda O Terço

Maria Fetzer Luca (Universidade de Passo Fundo)
mariafetzluca@gmail.com

RESUMO: O Brasil nos anos sessenta para setenta sofreu com a ditadura militar. Os artistas de todos os gêneros foram os mais afetados pelas leis da repressão. Muitas bandas de rock da época sofreram censura sobre seus trabalhos, muitas vezes desde o nome da banda até as letras das canções. O Terço surge no final da década de 60 no Rio de Janeiro, formada inicialmente por Sérgio Hinds na guitarra, César de Mercês no baixo e Vinícius Cantuária na bateria. Posteriormente, com diversas formações durante sua trajetória, trazem para suas músicas uma sonoridade mais próxima do rock progressivo. Gravaram diversos discos, sendo os mais conhecidos pelo público: *Criaturas da Noite* (1975), *Casa Encantada* (1976) e *Mudança de Tempo* (1978). O Terço é uma das bandas que compartilharam com vários outros grupos a vida durante um período de censura no país. O trabalho tem por objetivo buscar reflexos da repressão nas letras de canções da banda O Terço nos seus primeiros anos de atuação. Buscou-se ainda situar e contextualizar o início da trajetória da banda, da escolha do nome até a assinatura da gravadora para lançar o primeiro disco em 1970. Conclui-se que a banda, como muitas outras da mesma geração, sofreu com a repressão no país, mas mesmo com dificuldades conseguiu chegar a seu objetivo: fazer música criativa e que tem resistido ao crivo do tempo.

PALAVRAS-CHAVE: Banda O Terço; Repressão; Censura.

Influências do Terço entre as décadas de 1960 e 1970

Edemilson Antônio Brambilla (Universidade de Passo Fundo)
edemilson.brambilla@gmail.com
Gabriel Fantinelli
gabifantinelli@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste estudo é analisar a relação entre a banda O Terço e os acontecimentos sócio-históricos surgidos no período que compreende principalmente as décadas de 1960 e 1970, fase que engloba desde o surgimento da banda, no final da década de 60, até seus principais trabalhos na década seguinte. Fez-se um estudo detalhado sobre a ligação e posicionamento da banda perante acontecimentos como a ditadura militar, com seu comportamento repressivo a qualquer manifestação considerada subversiva e que afrontasse os ideais do governo, dificultando o trabalho dos artistas no período, forçando-os a buscar um meio de não serem alvo da censura imposta pelos militares, os quais faziam uso dos atos institucionais, dentre os quais destaca-se o AI-5 que trata especificamente da censura sobre qualquer produção cultural. Outro ponto abordado é a influência da contracultura sobre o Terço, considerando o contraste entre a enorme repressão exercida pelos militares durante o período ditatorial e a atitude de contestação e o anseio por liberdade, característica dos ideais contraculturais que surgiram no Brasil na década de setenta. Além de analisarmos a influência ditatorial e contracultural sobre a banda, é de suma importância perceber o reflexo disso no processo composicional d'O Terço, que assim como outros artistas retrataram essa influência em suas criações musicais. Para tanto são considerados como base para análise os primeiros álbuns da banda, compreendidos no período entre 1970 e 1973, sendo: O Terço (1970) e O Terço II (1973), embora com mais discrição que os álbuns seguintes da banda, retratam em algumas canções o desconforto com o regime militar e a identificação com alguns ideais do movimento contracultural.

PALAVRAS-CHAVE: O Terço; Ditadura Militar; Contracultura.

Entre a metralhadora, a queixada de burro e o lsd: o rock brasileiro dos anos 1970

Victor Henrique de Resende (UFMG)
vhrjedi@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho trata das relações dos seguintes grupos de rock com a contracultura brasileira dos anos 1970: *Casa das Máquinas*, *Matuskela*, *O Terço*, *Recordando o Vale das Maçãs*, o trio *Sá*, *Rodrix & Guarabyra*, a dupla *Sá & Guarabyra*, o grupo *Novos Baianos* e os músicos mineiros do *Clube da Esquina*. Pretende-se, a partir dos pontos de escuta das canções desses artistas, apontar suas características românticas e contraculturais, de crítica à sociedade capitalista, ao isolamento social na modernidade, de ênfase na vida em comunidade e de idealização e desejo de vida no meio natural. Desse modo, procura-se demonstrar que tais grupos e suas obras musicais se enquadram no conceito de *romantismo contracultural*. Entre os objetivos de pesquisa enumerados, está a verificação da construção de um rock brasileiro nos anos 1970, a partir das representações e apropriações que esses grupos fazem do gênero musical em estudo. Outro ponto a ser destacado refere-se à averiguação do posicionamento desses artistas: trabalha-se com a hipótese de que se

encontravam entre o engajamento da esquerda artística militante e a parcela da sociedade civil que aceitava a ditadura militar no país. Sendo assim, parte-se da hipótese de que os grupos acima constituíram-se como vozes dissonantes em meio ao contexto do regime civil-militar brasileiro, ou seja, não se tratavam de músicos engajados, mas também não endossavam em suas canções o consentimento ao regime autoritário em questão. Para além e apesar da ditadura e com diálogos com a contracultura, tais grupos produziram sua música trazendo certos posicionamentos e críticas à sociedade brasileira do período.

PALAVRAS-CHAVE: romantismo contracultural; modernidade, rock brasileiro.

Os cromáticos anos 60: contracultura, drogas e psicodelismo

Diogo Xavier Saes (mestrando UEL)
dxsaes@hotmail.com

RESUMO: Os anos sessenta foram o berço da contracultura *hippie* que teve forte representação, principalmente, na Califórnia, Estados Unidos. O movimento foi marcante tanto em solo americano como inglês, coincidindo com a invasão britânica nas terras *yankees*. O uso de psicoativos foi uma das características mais marcantes do período e era empregado na busca pela ativação de circuitos inacessíveis do cérebro, promovendo entendimento e compreensão dos detalhes até então despercebidos do mundo, valorizando a existência e importância de tudo ao redor do indivíduo que passa por tal experiência. Somados ao uso do LSD e outras substâncias psicotrópicas, os anos 1960 se destacam também pelo comportamento dos jovens que discordavam das condutas e diretrizes culturais patriarcais, impregnadas com um pensamento da geração anterior. Inquietos e em meio a um turbilhão de fatos que potencializavam os nervos destes jovens, eles saíram pelas ruas manifestando suas discordâncias e exigindo mudanças, utilizando suas próprias bandeiras e apoiando as causas que favoreciam uma minoria reprimida. Tais fatos podem ser representados pelo assassinato de John Kennedy durante um desfile aberto pelas ruas de Dallas, o discurso de Martin Luther King Jr. e, posteriormente, seu assassinato, a guerra do Vietnã, entre outros. O presente artigo propõe um resgate histórico deste período, apurando a relação entre drogas e a contracultura sessentista, além de estabelecer a ponte entre cultura e contracultura a partir da literatura, utilizando autores como Clifford Geertz, Aldous Huxley, Timothy Leary, Eric Hobsbawm, entre outros. O entendimento dos laços pontuados neste artigo promove uma melhor compreensão da importância histórica da contracultura e sua associação com o psicodelismo.

PALAVRAS-CHAVE: Contracultura; Anos 60; Psicodelismo.

Da fanzine à magazine – uma análise das representações do punk pela publicidade

Cláudia Pereira (PUC-Rio)

caupereira@gmail.com

Lívia Boeschstein (PUC-Rio)

liviabstein@gmail.com

RESUMO: O punk-rock surgiu na década de 1970 como um movimento social e musical e cultural altamente comprometido com um discurso de contestação e negação dos valores da sociedade de consumo e de desprezo pela cultura de massa. Sua insatisfação se manifestava por todos os meios de expressão de que dispunham: a música de ritmos barulhentos, desafinados e repetitivos; as letras, críticas e irônicas; a aparência com seus moicanos coloridos, correntes e pregos utilizados como adornos, botas industriais, personalização e descaracterização das vestes convencionais; no comportamento dos músicos e participantes do movimento, frequentemente debochado e desafiador; e nas suas declarações públicas, entrevistas, performances musicais e manifestos sempre irreverentes. O propósito do movimento e da música punk parecia ser o de afirmar o não pertencimento ao *mainstream* e à cultura de massa. Num primeiro momento, o antagonismo cultural permanecera; no entanto, alguns anos após o movimento perder sua popularidade enquanto ideologia política e estilo de vida, campanhas publicitárias e editoriais de moda se apropriaram, ainda que de maneiras nem sempre positivas, da estética punk para promover tudo aquilo que era contrário ao discurso de seus principais personagens e músicos: a anarquia absoluta e a independência do sistema político-econômico. O objetivo do presente artigo é desenvolver uma análise do fenômeno das representações sociais do punk na cultura de massa, mais especificamente na publicidade, recorrendo às teorias sociológicas do desvio (Howard Becker) e da impureza (Mary Douglas). Para isso, vamos tomar como objeto de estudo dois casos especialmente emblemáticos: João Gordo (Ratos de Porão) e Johnny Rotten (Sex Pistols).

PALAVRAS-CHAVE: Representações sociais; Contracultura; Publicidade.

São viajantes querendo chegar: Sons da contracultura presentes no disco *Criaturas da Noite* da banda O Terço

Alexandre Saggiorato (Universidade de Passo Fundo)

saggiorato@upf.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo principal descrever os aspectos contraculturais presentes no terceiro álbum de estúdio da banda de rock progressivo O Terço, lançado em 1975, chamado *Criaturas da Noite*. Será observada no trabalho a constituição e organização da contracultura no país e de que maneira a banda atuou nesse movimento. Sendo assim, refletiremos sobre a construção ideológica existente no disco e suas ideias musicais (harmônicas, melódicas, rítmicas, etc.) que agruparam a banda ao movimento rock da década de 1970 no Brasil.

Palavras-chave: O terço; *Criaturas da Noite*; Contracultura.

NOTAS SOBRE O MOVIMENTO PUNK NO BRASIL E A TRANSIÇÃO POLÍTICA (1979 – 1985).

Mateus Miotto dos Santos (UNIOESTE)
miotto_mateus@hotmail.com
Iris Cristina Soares Barbosa (UNIOESTE)
iris.cherubini@gmail.com

RESUMO: a década de 1980 no Brasil foi assinalada pela constante inflamação popular em prol da democracia fomentada entre outros fatores pela Lei de Anistia e a Reforma Partidária, ocorridas um ano antes e igualmente pela ruptura cultural e política com relação às instituições obsoletas da ditadura militar. O presente trabalho intenta apreciar quais fatores contribuíram no período para que o *rock* nacional e em especial o gênero *punk* se firmasse junto ao público jovem não só musicalmente, mas cultural e socialmente na qualidade de instrumento capaz de operar transformações na sociedade. Sob essas diretrizes, a pesquisa concorre para a reversão ainda que parcial da marginalização histórica de um movimento cultural e musical presente e relevante durante a transição política do país, assim como do *rock* nacional, pois há uma intermitência historiográfica entre a MPB denominada clássica e o *rock* produzido no início da década de 80. Após consulta e análise bibliográfica, documentários e em discos e canções referentes ao tema foi possível especificar que apesar das mudanças culturais operadas à época no Brasil e de ser parcialmente capitulado pela indústria cultural e pela mídia em geral o movimento *punk* no Brasil sustentou-se a despeito das condições econômicas pela parca iniciativa independente de alguns adeptos ao movimento e personifica os anseios e expectativas de uma parcela antes incapacitada de se expressar, ora pelos meandros da censura, ora pela compleição do que era considerada cultura, a juventude. Não obstante a análise de algumas canções *punk* revelam novas facetas e desdobramentos da conjuntura política e social do Brasil à época.

PALAVRAS-CHAVE: *Punk Rock*; Transição Política; Indústria Cultural.

Ska-punk: cultura, política e antifascismo

Ulisses Borges Magalhães (UNIOESTE/Marechal Candido Rondon)
Ulisses.b.magalhaes@gmail.com

RESUMO: Bandas de ska-punk como: Talco (Itália); Banda Bassotti (Itália); Ska-P (Espanha); e Streetlight Manifesto (Estados Unidos) têm características importantes em comum, letras politizadas e os sentimentos transcritos em letras que abordam sobre os ideais antifascista e antirracista, além de um forte posicionamento sobre o capitalismo. A partir da análise dos dados existentes nos websites das bandas anteriormente referidas, bem como letras das músicas e outras bibliografias, pretende-se fazer uma análise da razão pela qual essas e outras bandas adotam uma postura politizada em suas músicas, a fim de tentar entender se essa posição é uma questão cultural, antropológica ou simplesmente uma preferência. O gênero ska é um dos derivados da música jamaicana e foi muito apreciado em movimentos de contra cultura como os ‘punks’ e ‘skinheads’, o que fortalece o valor de estudo desse gênero em tais movimentos musicais, de forma a sempre salientar a postura politizada, tanto dentro da música

afluente do ska, como suas vertentes: ska-punk e ska-combat. A adoção do tema do simpósio temático sobressai na categoria de ‘Rock e Contracultura’, pois, mesmo que um dos âmbitos do estudo de interesse sejam as transformações e/ou influências culturais, os movimentos existentes no estudo fazem parte expressiva da contracultura na música. Graças a tal, é de suma importância que seja salientada a relação com o gênero ‘skinhead’ e as chagas que esse carrega, pois entre suas vertentes existem seguidores da ideologia neonazista, identificando e explanando as diferenças de vertentes dentro do movimento skinhead, assim como explicar de maneira mais sucinta sobre as vertentes e principais influências do ‘punk’ e suas relações com o ska.

PALAVRAS-CHAVE: Ska; Cultura; Antifascismo.

Muse: a possibilidade de um novo paradigma contracultural.

Rafael M. Couto Barretto (graduando - Instituto de Artes/UNESP)
RafaelTortola@gmail.com

RESUMO: O Muse, banda de rock britânica, é uma das maiores revelações na cena rock da atualidade. No entanto, antes de tomarmos a causa desse sucesso como uma série de “indexações” que suas músicas estabelecem com o que esteticamente poderíamos chamar de Kitsch, devemos observar seu valor estético por outro viés: apesar de pertencer ao universo do masscult, a música feita pelo Muse parece possuir uma série de elementos musicais (harmônicos, melódicos, rítmicos, entre outros) capazes de se igualarem a elementos do highcult. O que busco no artigo que apresento ao Simpósio temático Rock e Contracultura é fazer uma pequena análise sobre alguns trechos dos principais “hits” da banda e demonstrar como alguns elementos musicais da alta cultura, embora diluídos, encontram-se presentes em boa parte de suas composições e, de certa forma, são parte inexorável de sua identidade. A partir desse ponto seguirei a estrutura dos níveis de cultura proposta por Umberto Eco em *Apocalípticos e Integrados* e levantarei a discussão sobre uma possível via descendente da contracultura, que partiria do alto repertório para o baixo repertório. Sigo o critério de cultura estabelecido pelo antropólogo Roque de Barros Laraia em seu livro intitulado *Cultura: um conceito antropológico*. Longe de ser uma banda de rock comum, o Muse vem demonstrando que é possível levar ao grande público uma música de alta qualidade estética, divergindo do padrão estabelecido pelos meios midiáticos, sem que para isso os elementos constituintes desta caiam em redundância. De certo modo, a banda parece inverter o conceito da teoria da comunicação de quanto mais elevado o repertório menor a audiência, ou seja, se estabelece como um ponto de contracultura dentro da própria cultura de massa.

PALAVRAS-CHAVE: Muse; Contracultura; Rock.

Canções que preenchem o ar: a longa e estranha jornada do Grateful Dead na estrada dourada

Eduardo Henrique Martins Lopez de Scoville (FAE – Centro Universitário)
eduardoscoville@yahoo.com.br

RESUMO: O Grateful Dead, surgido da cena de San Francisco da década de 1960, tornou-se um dos grupos mais conhecidos nos EUA na segunda metade do século XX. Um fenômeno quase que tipicamente norte-americano, a banda simbolizou o espírito de comunidade surgido no bairro de Haight-Ashbury. Por três décadas angariou uma gigantesca legião de fãs, que se autodenominavam Deadheads. Este trabalho busca identificar como o Grateful Dead se inseriu nos contextos culturais, sociais e políticos do período. O grupo, por trinta anos, foi diretamente relacionado com a contracultura do Haight-Ashbury, e angariou imensa notoriedade entre as décadas de 1970 e 1990. Entre 1972 e 1995, ano da morte de Jerry Garcia, líder da banda, o Grateful Dead nunca tocou em um concerto que não estivesse com os ingressos esgotados. Os seus concertos tornaram-se lendários, pois neles eram reproduzidos a mesmas relações grupo/audiência e experiências relacionadas a contracultura de San Francisco da década de 1960. Um adesivo com a frase: “não há nada com um concerto do Grateful Dead” facilmente era visto em automóveis nos EUA. A notoriedade, com certeza, esteve intimamente ligada à sua relação com o movimento de contracultura e aos seus lendários concertos. Todavia, existia algo estupendo: a música. O Grateful Dead nunca desfrutou, até 1987, de vendas substanciais. Contudo, álbuns como “Aoxomoxoa” (1969), “Live Dead” (1969), “Workingman’s Dead” (1970), “American Beauty” (1970), “Europe 72” (1972), “Wake of The Food” (1973), “Blues for Allah” (1975) e “In The Dark” (1986), contém performances que os coloca como um dos mais líricos grupos da cena do rock. A parceria Jerry Garcia e Robert Hunter tornou-se uma das mais férteis da música norte-americana. O artigo também aborda alguns aspectos da produção musical exposta em seus álbuns, que hoje, são clássicos.

PALAVRAS CHAVE: Grateful Dead; Contracultura; Rock.

Cenários da contracultura: uma breve introdução sobre alguns aspectos do imaginário social

Marcelo Hansen Schlachta (Professor Mestre/IFPR)
marcelo.hansen@yahoo.com.br

RESUMO: Ao analisarmos o contexto histórico do surgimento dos movimentos contraculturais observa-se um conjunto de práticas sociais que denotam uma luta pela manutenção e continuidade de costumes e valores sociais, ligados a um modelo de família, trabalho, nacionalismo, sexualidade etc. Nesse sentido, movimentos como os beatniks, o rock n’ roll, os hippies, o punk, entre outros, acabam por desenvolver uma filosofia de vida, um conjunto de atitudes e uma interpretação do real que, (in)voluntariamente, fraturam com uma série de modelos sociais conservadores. Assim sendo, este trabalho objetiva perceber a cultura não enquanto um conceito hermeticamente fechado, mas como algo construído processualmente e fruto de uma relação de dialogia e hibridização a partir da ambiência de sua construção. Para realizar essa interpretação, buscou-se um diálogo teórico com autores como E. Hobsbawm, E. P.

Thompson, R. Willians e outros, procurando compreender história e cultura como noções em permanente transformação. Em outros termos, tecemos a análise das representações construídas a partir das práticas sociais, identificando o modo como uma realidade é construída e vivida pelos sujeitos, tendo como referência a música, o vestuário, a poesia, a noção de trabalho, enquanto um sistema de símbolos que cria disposições e motivações na consciência dos indivíduos.

PALAVRAS-CHAVE: contracultura; costumes; representações sociais.

Devir-menor, Devir-Lampião e Devir-caranguejo: Chico Science e a poética do agenciamento indócil da vida sensível

Ramon Guillermo Mendes (UEPG)
ramon_pesquisa@hotmail.com

RESUMO: A presente proposta de trabalho visa abordar a obra do compositor pernambucano Chico Science (1966-1997), aferindo a sua construção poética como movimento ético-estético de resistência política, social e produção de novas formas de se pensar o mangue, o corpo e a cidade. O estudo se debruça sobre três composições específicas: *Da Lama ao Caos* música que compõem o disco homônimo de 1994, *Corpo de Lama* e *Manguetown* que fazem parte do álbum *Afrociberdelia* de 1996. Aqui propomos uma reflexão das músicas elencadas a partir do quadro teórico exposto por Gilles Deleuze e Felix Guattari de *Linhas moleculares e devires-menores*, como: banditismo, animalidade e corpo. Tendo a música como virtualidade podendo ser atualizada nas práticas de resistência a dominação e exclusão dos grandes centros urbanos. Ainda a utilização do conceito de *vida nua* de Giorgio Agamben, para emprendermos o contexto que resulta da animalidade evocada nas letras por Chico Science, sempre partindo da premissa de que os homens se fazem um só com o mangue, escapam a captura civilizatória e negativa das cidades, a periferia e a multidão que ali subsistem elaboram um fazer *Maquínico-de-si*. Cabe a nós concebermos a poética de Chico Science como uma contra-antropologia, uma nova máquina antropológica que evoca o corpo errante do excluído que atravessa de forma estética a cultura hegemônica e cria uma nova ética, expressa por um novo corpo, o que ele mesmo denomina de “*Corpo de Lama*” e faz ressonância ou transmuta-se em vários outros corpos que não os majoritários e padronizados, mas aqueles que da exceção. O corpo é a multiplicidade da vida sensível o fluxo intenso do tornar-se *Máquina de guerra* contra a docilidade urbana, o caos criador da indocilidade política.

PALAVRAS-CHAVE: Mangubeat, Ética, Política

A “treta” nossa de cada dia: subjetivação juvenil e cultura punk no brasil

Lucas Cardoso dos Santos (mestrando – UNIOESTE)

lucascdos@gmail.com

Givanildo Guardiano de Souza

givaguardiano@hotmail.com

RESUMO: Em junho de 1978, a revista “Veja” trazia exposta em suas páginas a seguinte matéria: “Favelas, buracos nas ruas, miséria – e agora o punk”. A referência da reportagem recai sobre o movimento punk recém-chegado de terras estrangeiras ao Brasil. O visual agressivo, as atitudes socialmente reprováveis, a música não refinada e o constante envolvimento em brigas (comumente chamadas de “tretas” pelos adeptos do movimento) fizeram do punk um movimento bastante conhecido. O uso coloquial do termo “punk” denota possivelmente o século XVII onde seu significado é atribuído a mulheres que apresentam desvios morais de comportamento. Com o tempo, foi utilizado também para se referir a homossexuais e delinquentes, ou seja, referia-se a grupos que causavam incômodos sociais. Portanto, o movimento punk assume para si essa negatividade, tendo como objetivo expressar os problemas sociais de uma maneira ríspida disseminando sua forma de visualizar e interpretar o mundo. Seja por meio de atitudes como o “*Do it yourself*”, o “faça você mesmo”, pela própria distribuição de publicações alternativas conhecidas como fanzines, pela criação de bandas e a difusão de letras com conteúdo próprio, o movimento punk foi aos poucos sendo incorporado por setores da sociedade brasileira que viam neste uma maneira de demonstrar seu descontentamento. O presente estudo objetiva demonstrar o significado da subjetivação criada pelo punk, sobre os usos, costumes e as problemáticas que o envolviam. Apesar de seus membros estarem inseridos num conjunto de regras morais, políticas e econômicas representadas por instituições como a igreja, o Estado, a família, a escola, a indústria cultural, etc. – o punk vem a querer surgir como uma linha de escape aos poderes que objetivam a sociedade brasileira. Neste sentido, enfatiza o caráter político desta experiência subjetiva que vem a definir-se como luta e resistência ao que já está instituído.

PALAVRAS-CHAVE: Subjetivação juvenil; Treta; Cultura Punk.

O Anticristo Superstar: Um estudo dos estigmas sociais presentes na banda Marilyn Manson

Carlos de Almeida Campos

RESUMO: O presente trabalho tem como objetivo a investigação do estigma social adquirido ou herdado por indivíduos que tem como preferência musical o gênero do “rock”. Para tal, procuramos investigar as concepções sociológicas do que se entende por *estigma social*, e, após, analisar nosso estudo de caso, o músico Brian Hugh Warner, conhecido como Marilyn Manson. Desde o começo de sua carreira e, principalmente, após a tragédia de Columbine, o músico foi estigmatizado por produzir músicas satânicas que, segundo diversos veículos midiáticos e associações civis conservadoras, incitavam jovens a matarem, cometerem suicídio ou apenas se automutilarem. Após o lançamento de um de seus mais bem-sucedidos álbuns, “Antichrist Superstar”, Marilyn Manson foi considerado um dos inimigos públicos da América do Norte. Utilizando-se

de um visual andrógono, uma produção de palco grandiosa e simbologias poderosas como rasgar bíblias em palco, o músico foi impedido de tocar em várias cidade norte-americanas tanto pela força policial quanto por associações civis que dizem representar os interesses da “família americana cristã”. A problemática aqui abordada é a associação direta entre um gênero musical e seitas religiosas consideradas malignas pela doutrina religiosa cristã vigente no ocidente. Como esse estigma é construído? Por que os indivíduos que tenham esse gênero musical como preferência são “tachados” (estigmatizados) de satanistas ou loucos? Para tal, é preciso traçar um breve histórico de outros músicos, que datam inclusive do século XIX, que foram estigmatizados por sua aparência, por sua influência ou por sua simples rebeldia contra o imposto modelo social de comportamento. Essas são algumas das perguntas que esse trabalho tentará elucidar sob a luz da teoria sociológica.

PALAVRAS-CHAVE: Marilyn Manson; estigma social; rock and roll.

DIY: a cultura underground do “faça você mesmo” na sociedade em rede

Máira Nunes
mairanunes@gmail.com
Otacílio Vaz
tatavaz@hotmail.com

RESUMO: A cultura underground, entendida como a escolha de estilos de vida, expressões artísticas e formas de pensar e de ser, abarca o axioma de que a única verdade constante é a mudança em si. A marca de uma cultura encontra-se na efervescência de formas e estruturas, a rapidez com que aparecem, mudam e se transformam em outras e desaparecem. Pode-se afirmar que o underground se opõe à ordem social vigente ao apresentar críticas a uma cultura massiva e mercantil e colocar-se em franca oposição a essa cultura. Um aspecto fundamental para o entendimento das relações entre o rock e a cultura underground é o papel desempenhado pelas mídias, sendo estas responsáveis pela forma como interpretamos nossas próprias experiências. No processo de produção e reprodução de sentidos, o surgimento da cultura DIY – Do It Yourself –, nos anos 1990, foi fundamental para a estruturação de subculturas de maneira autônoma, pois possibilitou a criação de redes sociais independentes mesmo antes do advento da Internet. A presente pesquisa pretende analisar historicamente de que maneira o controle de produção e divulgação realizado pelos grandes conglomerados de comunicação foi enfrentado pela cultura *DIY* – faça você mesmo – permitindo o desenvolvimento de ferramentas coletivas e autônomas de produção de conteúdo. Atualmente, esse processo produtivo passou a ser determinado pelas novas tecnologias, criando a chamada cultura de nicho. Desta forma, não apenas os grandes hits produzidos pela mídia mainstream, mas também os trabalhos produzidos de maneira independente encontram espaço de circulação e comercialização.

PALAVRAS-CHAVE: cultura *underground*; *Do it yourself* – DIY; sociedade em rede.

Improvisos, rizomas e multiplicidades: uma análise estética das relações entre forma e conteúdo na musicalidade do grupo The Grateful Dead

Silvio Ricardo Demétrio (UEL)

RESUMO: Uma das características do som que garantiu a longevidade do grupo californiano The Grateful Dead foi sua capacidade de incorporar ao contexto da música popular longas linhas de improviso e a abertura para momentos de pura experimentação. Isso já se manifesta nas primeiras gravações de estúdio da banda, senão de forma tão evidente no primeiro disco de 1967, essa característica se torna explícita no segundo, *Anthem of the Sun*. A proposta dessa comunicação é demonstrar os agenciamentos entre a forma musical e os conteúdos expressivos manifestos na poética textual da letra que constituem essa estética em particular a partir da análise de um dos grandes clássicos da banda, Dark Star. Síntese da parceria entre o guitarrista Jerry Garcia e o compositor e poeta Robert Hunter, Dark Star é um portal que dá acesso a uma dimensão estética na qual a banda se pauta por uma linguagem que emparelha esteticamente as metáforas psicodélicas de Hunter com suas correlatas traduções musicais nos grandes improvisos que a banda tem como marca registrada. As figuras melódicas são desconstruídas de maneira a abrir a execução ao acaso à criação. Cada improviso pode levar a mesma música a outras dimensões expressivas. Daí a prática entre os fãs da banda de registrar esses improvisos e estabelecer um mercado de trocas dessas. Essas linhas de improviso se tornaram as “bridges”, “pontes”, que a banda estabelecia como seu estilo próprio de dar organicidade ao repertório de seus shows. Entre uma música e outra do set list o Grateful Dead passou a abrir espaço para esse momento de pura improvisação e experimentação. Dark Star marcou a explosão que deu origem a esse estilo da banda.

PALAVRAS-CHAVE: The Grateful Dead; forma e conteúdo; Dark Star.

A radicalização política de John Lennon em sua obra musical e na entrevista ao jornal trotskista *Red Mole* (1971)

Romulo Costa Mattos (PUC-RJ)
romulomattos@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho discute a guinada política à esquerda de John Lennon entre o fim da década de 1960 e o início da de 1970. Mostra como o artista colocou a sua obra a serviço de tarefas políticas e utilizou a sua inserção privilegiada na indústria cultural para militar em prol da transformação social, num período em que se aproximou da Nova Esquerda inglesa. Apesar de certas divergências, em 1969, os agentes de tal movimento político já nutriam simpatia pela figura de Lennon, uma vez que o protesto desse artista contra a Guerra do Vietnã ia ao encontro dos objetivos daqueles ativistas. Em 1970, as entrevistas concedidas por Lennon à grande imprensa, assim como as suas composições, passaram a entusiasmar os partidários da Nova Esquerda britânica. As ideias do artista estavam mais radicais e engajadas, e as discordâncias entre as duas partes desapareciam. Ao mesmo tempo, o intelectual Tariq Ali começou a ser procurado por Lennon, interessado em conversar sobre temas contemporâneos. O documento que conduz este trabalho é a entrevista concedida pelo cantor ao *Red Mole*, jornal editado por Ali e outros trotskistas. Os argumentos expostos por Lennon em 1971 serão exemplificados com trechos de letras de músicas compostas desde os tempos dos

Beatles, o que possibilitará a recuperação de sua trajetória artística até aquele ano e a compreensão da extensão de seu aprendizado político.

PALAVRAS-CHAVES: John Lennon; Rock; Nova Esquerda.

Saravá Metal e a Gangrena Gasosa: o metal brasileiro na encruzilhada

Shirlei da Costa Borges
(Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO)
borges-shirley@hotmail.com

RESUMO: A proposta desse trabalho é analisar em que consiste o “Saravá Metal”, estilo musical criado pela Gangrena Gasosa, banda formada no subúrbio do Rio de Janeiro no início dos anos 1990. O pressuposto central que orienta o “Saravá Metal” é a crítica aos padrões instituídos na cena musical do metal brasileiro que tem como influência as bandas norte-americanas e europeias, utilizando a língua inglesa em suas composições, os mesmos elementos estéticos e visuais, e temáticas parecidas, muitas vezes recheadas de referências que nada tem a ver com a realidade do nosso país. A partir da constatação da existência de um distanciamento entre esses elementos e as nossas práticas sócio-culturais, o “Saravá Metal” vai apresentar uma inversão desses padrões ao se apropriar dos elementos estéticos, sonoros, temáticos e performáticos das religiões de matriz africana, mais especificamente do Candomblé, da Umbanda e da Quimbanda. Essa apresentação consistirá, então, na análise da produção da banda Gangrena Gasosa, verificando como os cultos afro-brasileiros vão servir de matéria prima para as suas músicas e estética visual, através do exame dos elementos que compõem a performance da banda, como o uso de instrumentos de percussão que remetem aos batusques e tambores dos terreiros; as letras que fazem referência ao universo do que popularmente conhecemos como macumba; os elementos cenográficos utilizados no palco; e o figurino usado pelos integrantes da banda, que imita as entidades e orixás das manifestações religiosas afro-brasileiras. Através dessa análise pretendo discutir o “Saravá Metal” como uma reorientação crítica do metal brasileiro contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Metal; religiões afro-brasileiras; performance.

Contracultura e música popular brasileira (1969-1974)

Sheyla Castro Diniz (UNICAMP)
sheyladiniz@yahoo.com.br

RESUMO: A partir de uma contextualização sobre o surgimento da *contracultura* – fenômeno juvenil, de matriz californiana e potencialmente transnacional –, este trabalho propõe discutir a experiência contracultural brasileira do início dos anos 1970 (1969-1974), tendo como foco central a música popular produzida no período. Findado o Tropicalismo em 1968, artistas que transitavam entre o rock e a MPB – tais como os integrantes do Clube da Esquina, os grupos Secos & Molhados e Novos Baianos, os músicos Jards Macalé, Gal Costa, Caetano Veloso, Gilberto Gil, Sérgio Sampaio; e, outros que pendiam mais para o rock que para a MPB, como Os Mutantes e Raul

Seixas, dentre outros –, imprimiram em suas obras, performances, atitudes e/ou declarações, elementos que ainda ecoavam a efervescência contracultural vivenciada por milhares de jovens, sobretudo estadunidenses, em meados da década de 1960: misticismo oriental, esoterismo, modos de vida comunitários, vestuário hippie, uso de drogas como a maconha e o ácido lisérgico, aversão à racionalização da vida social, valorização da psique individual e da sexualidade. Análises um tanto quanto reducionistas compreenderam a contracultura brasileira, incluindo a produção musical, como expressão da alienação e do escapismo face ao autoritarismo de Estado. Ao dialogar com a crítica da época, busco avaliar em que medida os músicos ligados à contracultura desafiaram a moral conservadora propagada pela ditadura militar; e em que medida eles confrontaram padrões estéticos e mercadológicos estabelecidos pela indústria cultural em expansão. Outro aspecto a ser considerado aponta para a contribuição desses artistas no que diz respeito ao alargamento da noção de MPB, uma vez que o rock passou a ser admitido como partícipe da ideia renovada que se desenvolvia em torno da referida sigla.

PALAVRAS-CHAVE: Música Popular Brasileira, Contracultura, 1969-1974.

Plebe Rude e sua representatividade no cenário pós ditadura militar no Brasil

Tiago Fernando Buzzi (UNIOESTE)

tiago.buzzi@hotmail.com

Luana Caroline Sossmeier (UNIOESTE)

luana.sossmeier@hotmail.com

RESUMO: Este trabalho tem como objeto de estudo realizar uma análise do primeiro álbum da banda de punk rock Plebe Rude formada em 1981. A banda teve como cenário o período final da ditadura militar brasileira (1984) juntamente com a formação de outras bandas de Brasília, como Legião Urbana, Aborto Elétrico e Capital Inicial. Tais bandas, influenciadas pelo rock inglês do final da década de 1970, tiveram grande representatividade e significância com suas canções retratando através de suas letras o período histórico e a repressão do sistema ditatorial do qual viviam. O álbum em questão, intitulado “O concreto já Rachou” (1985), foi considerado pela Revista Rolling Stones como um dos 100 melhores álbuns da música brasileira, ocupando o 57º lugar. Devido à importância da banda Plebe Rude em um período de marco do rock nacional, buscamos através do álbum abordar e analisar canções de acordo com o momento histórico da ditadura militar levando em consideração suas implicações políticas, ideológicas e sociais. Verificamos ainda se as canções realmente tinham cunho político de protesto ao sistema vigente, que expressava através da censura uma forte repressão aos meios de comunicação. De acordo com a biografia da banda o álbum lançado ao final da ditadura surgiu em um momento de forte representação política no país, temos como exemplo, as Diretas Já e a redemocratização brasileira apoiada fortemente pela juventude roqueira, que no seio dos acontecimentos sócio-político dos anos 1990, se fortaleceu ainda mais juntamente com as bandas de rock que iam se formando nesta década. Dessa forma, este trabalho busca através da temática Rock e Contracultura estabelecer relações entre as canções da banda e os acontecimentos antes e pós-ditadura militar.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Ditadura; Plebe Rude.

O Movimento Queercore no Brasil

Heitor Benjamim Campos (Universidade Estadual do Norte Fluminense)
heitor.benjamim@gmail.com

RESUMO: O queercore é considerado um movimento social e cultural que teve início em meados da década de 80 e caracterizado pelo forte engajamento contra o preconceito sexual e a padronização da comunidade gay. O queercore é um movimento com raízes no punk rock e no hardcore, atendendo a demanda de pessoas que curtiam esse estilo musical mas não se enquadravam nas normas da heterossexualidade do mundo hardcore. Mas a influência do punk é nitidamente sentida, com a caracterização de músicas mais curtas e muito rápidas; sempre uma feroz crítica aos padrões comportamentais impostos pela sociedade; e a idealização pela liberdade, que neste contexto assume contornos mais voltados para a liberdade sexual. A banda norte-americana de hardcore que primeiro veio a público com canções de temática homossexual foi a The Dicks, seguida da MDC e 7 Seconds. As letras das músicas dessas bandas mostravam claramente uma feroz crítica aos padrões da sociedade e também contra políticas internacionais do governo norte-americano, como a Guerra do Vietnã. Atualmente, bandas também se engajam nessa proposta, como a Limp Wrist e a Pansy Division. No Brasil, esse movimento chegou muito mais tarde e de forma muito discreta no cenário underground. Bandas como Nerds Attack!, Dominatrix, Textículos de Mary e a Teu Pai Já Sabe? são os maiores destaques desse movimento. É pois, objetivo desta pesquisa, analisar o impacto do movimento cultural queercore no cenário musical brasileiro.

PALAVRAS-CHAVE: rock; queercore; Brasil.

Rock progressivo e modernidade na música ocidental: aproximações e encontros

Anna Cristina Cardozo da Fonseca
(Universidade Federal do Rio de Janeiro/ Colégio Pedro II)
annacrisfonseca@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho pretende identificar possíveis aproximações e encontros entre o *rock* progressivo e os gêneros da música dita de concerto da primeira metade do século XX sob os títulos de música concreta, música eletrônica e música eletroacústica, ocorridos contemporaneamente entre si e em localizações geográficas coincidentes. Para tanto, visitou-se o contexto histórico-social de surgimento e desenvolvimento do *rock*, período no qual se deram também as demais manifestações musicais citadas, considerando as dificuldades econômicas de países marcados por profundos abalos políticos e econômicos do pós-guerra, o espírito revolucionário da contracultura e o desenvolvimento tecnológico da ocasião. Foram também reflexões fundamentais para esse estudo os conceitos de modernidade e de pós-modernidade. Realizou-se, ainda, uma revisão da definição e das características musicais do *rock* progressivo e de cada um dos gêneros da moderna música de concerto no tocante às técnicas, práticas e estratégias por elas utilizadas e à concepção e abordagem de questões fundamentais, desembocando na maciça utilização de instrumentos eletrônicos; na descoberta e exploração do 'som puro' somente proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico; na transgressão comportamental e no inconformismo como desdobramento da luta pela

justiça social; e na temática lírica e mística das músicas. Um primeiro encontro se verificou entre os integrantes de bandas de *rock* progressivo e aqueles que praticavam a música experimental daquele momento. Em sua extensa maioria, eram músicos oriundos de conservatórios e de escolas de música, mormente na Europa, onde aquele estilo de *rock* mais se fortaleceu. Eram músicos formados na tradição da música tonal ocidental, tendo tido contato com as práticas teóricas e instrumentais da música erudita, da música moderna e da música pós-moderna ou de vanguarda. Daí para os próximos encontros, foi um caminho natural. Dadas as características desse trabalho, indico o simpósio temático denominado *Rock* e Contracultura para sua apresentação.

PALAVRAS-CHAVE: História; Modernismo; Música.

Kcor do Rock

Marcelo Cordeiro do Nascimento (mestrado – UFBA)
cordeiro2000@gmail.com

RESUMO: O artigo Kcor do Rock discute, a partir de uma declaração recente do músico Seu Jorge, a relação do Rock com a questão étnica, em especial aquela relativa ao contexto dos Estados Unidos nos anos 50 e 60 do século passado. Através de um recorte diacrônico, buscamos discutir a participação e importância do elemento negro na criação e divulgação do estilo que é o mais democrático de todos os da música moderna. Através da análise de artistas e obras e situações emblemáticas na criação do estilo, tratamos de identificar a real importância dos negros no processo de desenvolvimento do Rock, e suas relações com os elementos brancos, contrapondo principalmente as posturas oficiais diametralmente opostas de dois polos do estilo: Estados Unidos e Inglaterra. A partir dessas análises, buscamos discutir criticamente a relação dialógica existente entre o que se definiu como música branca e música negra e a necessidade de utilizar o Rock como exemplo de hibridismo que, no final das contas, é a base de todos os elementos tidos como puros. Tudo que é “criado” em uma cultura é fruto da junção de, pelo menos, duas outras coisas que já existem. O Rock é um terreno fertilíssimo para discutir essas questões pois foi, e ainda é, um dos elementos que mais integra pessoas em todo mundo.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Negro; origem.

Simpósio temático Rock e Educação

Pesquisas e experiências pedagógicas que discutam os fenômenos educativos relacionados, direta e indiretamente, ao rock e ao consumo e fruição deste; à utilização do rock como fonte e opção metodológica no processo de ensino–aprendizagem; à análise de letras que se detenham sobre a Educação; entre outros temas similares.

Vestígios da história do Brasil no álbum “Que país é este 1978/1987” da Legião Urbana

Antonio Manuel da Silva Junior (UFPB)
profantoniojr@live.com

RESUMO: Esse trabalho procura fazer de forma sucinta, analisando três músicas e o contexto em que foi produzido o Álbum da Legião Urbana “Que País É Este”, a busca de vestígios da história do Brasil nessas letras e músicas. O título do álbum já se mostra sugestivo e temporal. “Que País É Este 1978/1987” traz um recorte temporal de 9 anos e seu questionamento do título é expressivamente apresentado na faixa título. A organização do presente trabalho se dá em três seção. A primeira seção discorreremos sobre a relação entre História & Música abordando como teóricos principais Marcos Napolitano, Diogo Silva Manoel e Miriam Hermeto, que abordarão a relação da História com a Música, a canção como documento histórico e como fonte didática. A segunda seção apresenta um pequeno histórico da trajetória da banda Legião Urbana e sua discografia até o seu terceiro Álbum “Que País É Este”. Nela ancoramos o debate nos seguintes autores: Carlos Marcelo, Paulo Marchetti contribui com sua obra sobre a “Turma” que se formara em Brasília, traçando a trajetória das bandas do Planalto Central. Arthur Dapieve contribui com seu livro sobre o BRock, expressão criada por ele mesmo para explicar o rock nos anos 1980 no Brasil. A terceira seção é sobre as músicas do álbum “Que País É Este”. Utilizaremos três canções desse álbum onde serão analisadas os vestígios da história do Brasil. Para auxiliar essas discussões utilizaremos novamente Dapieve e Carlos Eduardo Calvani, que em sua obra Teologia e MPB, traz algumas considerações sobre as canções da Legião Urbana. Nessa seção, as letras das músicas de Que País é Este, Mais do Mesmo e Faroeste Caboclo serão confrontadas com situações que ocorriam e ocorrem no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História; Música; Legião Urbana.

Rock em sala de aula: apropriações no campo da educação

Michele Metelski (UDESC)
profissionalmichele@hotmail.com

RESUMO: Este estudo insere-se no campo educacional pois entende-se que a música é um elemento imprescindível para a aprendizagem, levando em consideração seu poder artístico, cognitivo, estético e emocional. A música e sua aplicação na sala de aula traz benefícios no desenvolvimento do indivíduo pois desperta emoções e sensações de acordo com a capacidade que cada sujeito tem de apropriar-se e assimilar a mesma. O texto articula as músicas de bandas de rock nacionais no contexto político atual. O objetivo geral é problematizar questões atuais que estão sendo discutidas e que envolvem a corrupção no Brasil, analisando letras de bandas que já abordaram a temática nos anos anteriores. Nesse contexto, utilizaremos bandas como Legião Urbana:

Que país é este?, Titãs: *Vossa Excelência*, Raul Seixas: *Aluga-se*, Cazuza: *Brasil*, Detonautas: *Ladrão de Gravata* entre outras. A problemática da corrupção no Brasil traz à tona uma discussão que já circula há vários anos no cenário do rock nacional, sem deixar de ser atual pois músicas da década de 1980 trazem a realidade que estamos ainda vivenciando. O foco desse estudo é propiciar uma discussão entre os alunos utilizando a ideologia presente nas letras das músicas analisadas e discutir a influência das mesmas na sociedade, como chega a mensagem disseminada pelas músicas aos ouvintes e como as pessoas se apropriam delas através da leitura musical que transmite um discurso. Para tal feito, serão realizados questionários com alunos de diversas turmas para analisar tais apropriações. O estudo gira em torno do conceito de apropriação de Roger Chartier para iluminar o campo de investigação e contribuir para a discussão.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Educação; Corrupção.

**R.I.T.A – Rock n’ Roll na Investigação da Tecnociência para Adolescentes:
Possíveis Interfaces entre as canções de Rock e a Educação em Ciências em Escolas
de Tempo Integral**

Vitor Martins Menezes (EACH/USP)
vitor.menezes@usp.br

Olga Maria Aldana Nora (EACH/USP)
olga.nora@usp.br

RESUMO: Diversas canções de Rock produzidas no período de 1967 e 1977 apresentam em suas composições questões referentes à Ciência. Podemos notar a abordagem de diversos temas científicos em tais canções, como por exemplo: viagens no tempo, missões espaciais, imagem do cientista e da ciência, tecnologia e sociedade, entre outros. Durante esse mesmo período a sociedade presenciava a corrida espacial. Decorrente da Guerra Fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, a corrida espacial proporcionou ao homem a tão sonhada, e ao mesmo tempo temida, exploração espacial. Os eventos decorrentes dessa “disputa” trouxeram avanços para o campo científico, mas também passaram a influenciar os produtos culturais como os filmes, a televisão e a música. O presente trabalho tem por objetivo realizar uma reflexão histórica a cerca da corrida espacial e das questões sobre ciências abordadas em algumas canções de Rock desse período; e apresentar possíveis interfaces e atividades sobre o uso dessas canções, a partir do projeto R.I.T.A., em escolas de tempo integral. No Brasil, propostas de ampliação da jornada escolar têm ganhado espaço. Uma questão a partir disso é o tipo de atividade a ser realizada com os estudantes nesse tempo adicional. O R.I.T.A. tem como uma de suas prioridades construir no ambiente escolar um espaço que possibilite a construção de diálogos, debates, reflexões e projetos a cerca da ciência, possibilitando também uma interdisciplinaridade na educação. E, como apresentaremos, as canções podem trabalhar como uma excelente ferramenta para tais procedimentos. Alguns autores, como Georges Snyders, defendem o uso da música na educação. Snyders diz que os produtos culturais podem ser uma excelente mediação entre a cultura primeira do aluno e a cultura elaborada. Teremos também como base as recentes pesquisas de Gomes (2012, 2013, 2014), que vem defendendo e propondo o uso do Rock na educação em Ciências.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Educação em Ciências; Escola de Tempo Integral.

Desarticulando tradiciones escolares: las potencialidades del rock en la educación formal a través de una experiencia en cinco centros educativos de contextos de pobreza de la ciudad de Montevideo

Leonel Rivero Cancela
Nilia Viscardi (Universidad de la República - Montevideo)
niliaviscardi@gmail.com

RESUMEN: El presente texto analiza el proceso de trabajo realizado en el marco de un trabajo de extensión universitaria en cinco liceos de contexto crítico de la ciudad de Montevideo, capital de Uruguay. Aquí, el rock y otras expresiones artísticas fueron utilizadas como dispositivos para potenciar la expresión y la participación estudiantil, orientados a incorporar la voz de los estudiantes en la lógicas organizativas, políticas y pedagógicas de los liceos. Contando con más de un año de desarrollo, el programa muestra el potencial del rock para generar *espacios horizontales de aprendizaje* en los que es posible deconstruir el rol del docente como portador exclusivo del “saber” y el del estudiante como “alumno sin luz”, como sujeto carente de saberes (visión que se acentúa en los contextos de pobreza en que hemos trabajado). El trabajo tendió puentes hacia un espacio de objetivos co-construidos y el proceso se fortaleció con las iniciativas y saberes de todos los involucrados. De este modo, el rock así entendido, permite desarrollar nuevas prácticas pedagógicas en el seno de las instituciones tradicionales, que permiten complementar y discutir las prácticas y dispositivos de poder allí insertos. Asimismo, la posibilidad de cambiar el formato curricular, permite la creación de *nuevas grupalidades para aprender*, rompiendo con la distribución administrativa de las personas y su separación en años según una *escalera meritocrática*, fomentando que los adolescentes aprendan de sus pares mas allá de las edades. Por otra parte, esto permite la *apertura hacia la comunidad barrial*, que puede participar de dichos procesos como creador o espectador, permitiendo así que el centro educativo se transforme en un nodo dentro de una red interinstitucional barrial.

PALABRAS CLAVE: expresión artística; formatos escolares; pedagogía política.

Por outros textos na sala de aula: *Me lembra muito Pink Floyd* de João Leopoldo

Gustavo Nishida (UTFPR/Curitiba)
nishida.utfpr@gmail.com

RESUMO: O objetivo deste trabalho é argumentar em favor da inclusão de outros textos na sala de aula de língua portuguesa. Faz-se necessária essa inclusão devido a hegemonia de textos de natureza estritamente escrita e vinculados ao cânone, quase sempre, literário. Nossa argumentação decorre das discussões sugeridas por Coraccini (2003), que apontam para uma expansão no conceito de leitura na pós-modernidade e para a utilização de outros gêneros discursivos para a formação de leitores. Soma-se a isso o trabalho de Costa (2007), no qual a autora comenta que a inserção da canção popular em sala de aula não consegue se valer de todas as características da linguagem musical e acaba se fechando unicamente em suas letras. Essa prática não permite a adequação com uma concepção de leitura mais atual que se interessa não só pela materialidade linguística do texto, como também pelos elementos musicais (como harmonia e melodia) que são fundamentais para a produção de sentido. Diante disso,

assumimos que, para que o letramento multimodal (Rojo, 2009) chegue à sala de aula, é preciso que outros textos (multimodais e vernaculares) sejam analisados e inseridos no meio educacional. Para tanto, utilizaremos a canção *Me lembra muito Pink Floyd* do compositor paulistano João Leopoldo (faixa do disco *Cabeça Madura* de 2010) para exemplificar como a multimodalidade pode figurar na aula de língua materna. Basicamente, a produção de sentido da canção se faz com elementos metalinguísticos da letra que sugerem que essa canção pode parecer com alguma canção do Pink Floyd. Contudo, tanto as citações da harmonia como da melodia não são de alguma música da banda britânica, são de *Imagine* de John Lennon. Em suma, trata-se de uma outra canção (ou texto) que para ser lida é preciso considerar elementos tanto de natureza linguística quanto musical.

PALAVRAS-CHAVE: multimodalidade; canção popular; letramento vernacular.

Trilogia punk hardcore: a produção musical da M.H.C (Marabá – PA) como resistência à estética do consumo

Patrick Oliveira Costa (pós-graduando - UNIFESSPA)
patrickx@live.de

Orientador: Alexandre Silva dos Santos Filho (UNIFESSPA)
alixandresantos@gmail.com

RESUMO: O presente trabalho analisa a problemática das consequências socioculturais da inserção do grande capital na Amazônia. Tal processo é marcado pelo esfacelamento das culturas locais e sua substituição por formações culturais típicas do modo de produção capitalista, sobretudo na transformação dos objetos artísticos em bem de consumo, a exemplo do que ocorre com a música. A música estandardizada e fetichizada, característica do mundo administrado, busca eliminar tanto o potencial crítico quanto criativo dos sujeitos, transformando o espectador em consumidor. Elimina-se a tensão entre a obra de arte e o todo social, mediante as mercadorias culturais, que, no caso da música, promovem nos indivíduos a regressão da audição. Elegemos como objeto de estudo a produção estética da banda de punk rock M.H.C. da cidade de Marabá-PA, com o objetivo de examinar o processo de produção musical da referida banda em suas relações de crítica à transformação dos produtos artísticos em elementos de entretenimento e consumo, a fim de identificar aspectos de resistência aos elementos culturais provenientes da presença do capitalismo no território amazônico, sobretudo na região sul e sudeste do estado do Pará. A M.H.C. é uma banda de Punk Hardcore com uma identidade fortemente amazônica, presente nas suas letras, nos seus arranjos e em suas apresentações ao vivo. O estudo orientou-se metodologicamente a partir de uma abordagem qualitativa, através de entrevistas com os integrantes da referida banda e análise das canções *Diário de um preguiçoso*, *Perdi o sotaque* e *O Patriota*. Detectamos, em tais análises, fortes críticas à desvalorização da Região Norte do Brasil, bem como das formações sociais oriundas do modo capitalista de produção e da conseqüente exploração do trabalho humano.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo; Resistência; Arte.

“O homem cinza”: uma possibilidade para a educação ambiental

Juliana Alves da Silva Ubinski (mestranda – UNIOESTE – CAPES)
juliana_ubinski@hotmail.com

Fernanda Aparecida Meglhioratti (prof. Dra. UNIOESTE)
meglhioratti@gmail.com

RESUMO: O vínculo entre Educação e Ambiente foi destacado na Conferência Nacional das Nações Unidas em 1972, sendo a partir de então, iniciada a elaboração do Programa Internacional de Educação Ambiental. No Brasil, a inclusão da Educação Ambiental na Constituição Federal de 1988 contribuiu para sua relevância pública. É dentro deste contexto, de amplos debates em relação à responsabilidade ambiental, que Nando Reis compôs a música *O homem cinza*, sendo lançada no segundo álbum de estúdio dos Titãs em 1985. Embora não tenha tido o sucesso de outras músicas do Álbum, tais como *Televisão* e *Insensível*, a música *O homem cinza* se destaca por propiciar importantes reflexões acerca dos prejuízos que os venenos utilizados nas lavouras e a poluição dos grandes centros urbanos podem trazer ao ambiente e a saúde. A música vem ao encontro da necessidade da problematização de questões socioambientais com os alunos de diferentes níveis de ensino perante a “crise civilizatória” que se presencia. Vale ressaltar que escola tem o papel de propor estratégias que auxiliem uma sensibilização e conscientização ambiental, o que é facilitado pela utilização de uma ampla diversidade de recursos e estratégias metodológicas. Assim, este trabalho propõe a música *O homem cinza* como forma de reflexão sobre as seguintes problemáticas socioambientais: o uso de agrotóxicos e a saúde do trabalhador do campo; a poluição nos grandes centros urbanos e as doenças associadas. A música proposta, juntamente com outros recursos didáticos e no contexto de metodologias específicas, pode ser trabalhada no Ensino Fundamental e Médio de forma interdisciplinar envolvendo as disciplinas de História, Geografia, Ciências e Arte.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Ambiental; Interdisciplinaridade; Homem Cinza.

O Potencial Clínico do Rock em Musicoterapia

Igor Ortega Rodrigues (UFRS)
igorortega@msn.com

Gustavo Schulz Gattino (UFSC)
gustavogattino@yahoo.com.br

RESUMO: Este trabalho aborda o uso do Rock na musicoterapia que é a ciência que emprega elementos sonoros musicais para o desenvolvimento do indivíduo. O objetivo é verificar como o Rock pode ser utilizado e analisado pelo paciente e pelo terapeuta em questão. O musicoterapeuta deve conhecer e entender esse estilo, tanto no âmbito musical, como nas questões culturais que o Rock proporciona. O uso marcante de componentes musicais e expressivos no Rock como diferentes timbres, massa sonora, tempo, intensidade e dinâmicas são de grande importância para a construção de vínculo, comunicação, interação e expressão dentro de um processo musicoterapêutico, principalmente quando o paciente em questão se identifica com esse estilo musical, pois nesse caso, esse estilo se torna o principal meio da relação entre o paciente e o musicoterapeuta. Isso também vale para a relação entre aluno, professor e escola,

quando se trata de educação musical. No do setting musicoterapêutico, é muito importante o musicoterapeuta possuir instrumentos comumente usados dentro do Rock (guitarra com efeitos/distorção, baixo, bateria, teclado/sintetizadores, microfones e outros), dessa maneira, é possível executar, recriar, improvisar, compor e ouvir a(s) música(s) que o paciente trás para a sessão e que são tocadas e ouvidas pelo paciente e musicoterapeuta. É de extrema importância ressaltar que o Rock pode e deve ser um estilo usado e respeitado dentro da musicoterapia, pois ele identifica um estilo e cultura de pensamentos únicos dentro da atual sociedade, trazendo um sentido singular de ser e se portar das pessoas que gostam e vivem esse movimento musical. O musicoterapeuta que usa o Rock e/ou seus elementos em suas sessões de atendimentos deve saber não somente as questões musicais e técnicas que envolvem o Rock, mas também a história do Rock para poder realizar leituras musicoterapêuticas pertinentes do fazer musical do seu paciente.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Musicoterapia; Educação.

O Cosmos e o Rock n' Roll: Reflexões sobre a Ciência e a Sociedade em Canções do Rock Progressivo e suas Possibilidades na Educação em Ciências

Emerson Ferreira Gomes (Universidade de Sorocaba)
emerson.gomes@prof.uniso.br
Luís Paulo de Carvalho Piassi (EACH/USP)
lppiassi@usp.br

RESUMO: A presença de temas científicos e ambientais em canções de conjuntos de rock já vem sendo notada por alguns pesquisadores. No que concerne à aplicação dessas canções para além da temática científica, devem ser levadas em consideração as questões sociais, históricas e epistemológicas. Neste trabalho, selecionamos algumas canções que relacionam temas científicos e ambientais, analisamos o discurso e suas possibilidades didáticas a partir de referenciais socioculturais. O objeto de estudo neste trabalho são canções desse gênero, que possuem representações sobre a física, astronomia e sua relação com sociedade, tecnologia e meio ambiente. Segundo Edward Macan (1997, p. 81) a temática relacionada à ciência na obra dos artistas de rock progressivo se deve, principalmente, à popularidade da exploração espacial, especialmente quando ocorreu a chegada do homem à Lua, e à literatura de ficção científica, que havia atingido o auge de ressonância cultural, tanto na contracultura quanto na cultura de massa. Para análise das canções utilizamos o referencial de Van Djick (2003) e nas atividades de ensino, articulamos as teorias socioculturais de Vigotski (2001), Snyders (1988) e Freire (1974), que refletem sobre os aspectos discursivos e ideológicos no texto. As canções analisadas são: “Pioneers over c”, do *Van der Graaf Generator* (1970), que utiliza sobre os paradoxos previstos pela teoria relatividade, “Starship Trooper”, do *Yes* (1971) e “Watcher of the Skies”, do *Genesis* (1972), que debatem questões sociais e ambientais quanto à exploração espacial; canções dos álbuns da trilogia “Radio Gnome Invisible” do *Gong* (1973), que trazem concepções sobre exploração do espaço e ocupação de exoplanetas; “Cygnus X-1” do *Rush* (1977), que analisa uma expedição à luz de conceitos de astronomia e cosmologia; “Solstício”, do *Violeta de Outono* (2012), que descreve movimento de corpos celestes e “The Second Law”, do *Muse* (2012), que traz relaciona com o meio ambiente.

PALAVRAS-CHAVE: Rock Progressivo, Educação em Ciências, Rock e Ciência.

As representações sociais identitárias no rock brasileiro dos anos de 1980 como documento para estudar história em sala de aula. Uma análise da música “Nunca fomos tão brasileiros”, da banda Plebe Rude

Marília Luana Pinheiro de Paiva (UEPG)
marilia-lua1@hotmail.com

RESUMO: Este artigo evidencia a importância da relação entre as letras musicais e os aspectos sociais e políticos da música selecionada. Estabelece-se um paralelo entre a música e o contexto social e histórico do Brasil no ano de 1987, durante o período de redemocratização do Brasil. A música pode ser utilizada como documento em sala de aula, sendo ela uma fonte de interpretação e representação social desse período histórico. A metodologia de análise de discurso permite compreender que cada discurso, através de uma linguagem, possui uma ideologia e está atrelada a uma história, perpassa elementos do nosso cotidiano e de nossas experiências subjetivas. A utilização da música em sala de aula faz com que o aluno compreenda que esta tem uma questão política e social; e alguma delas, no caso o rock brasileiro, especificamente dos anos 1980, possui uma dimensão política contemporânea. Assim, através da música, constata-se elementos identitários de uma geração, elementos do imaginário coletivo de uma época. Dessa maneira venho abordar na música “Nunca fomos tão Brasileiros” da banda Plebe Rude, a realidade vivida, época da ditadura militar, retratada na letra desta música, sua crítica e seus apontamentos refletem uma época vivida, e assim utiliza-la como instrumento em sala de aula, para se discutir elementos centrais desse período bem como apontar a questão da identidade de uma geração dos anos de 1980. A música em análise possibilita um debate bem como uma interpretação, permitindo utiliza-la como fonte de estudo. A música atua como elemento para se construir um conhecimento, dialogando diretamente com o documento, nesse sentido compreendendo o rock como fonte de estudo e aprendizagem.

PALAVRAS CHAVES: Rock Brasileiro; Educação; Identidade.

E se perguntarem por mim, diga que estou ótima

Kaoana Sopelsa (UNIOESTE)
kaoanasopelsa@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa refere-se à sociedade brasileira no início do século XXI, analisada através da educação informal midiática, apreendida fora das escolas, como parcialmente fundamentadora de comportamentos e valores aceitos ou rejeitados pela sociedade, recuperando a pluralidade de interpretações. O contexto didático e histórico refere-se à categoria gênero, na edificação de sujeitos históricos, com a finalidade de decifrar as construções sociais em um fundo comum que demonstra os anseios femininos no período e local, através da portavoza Mallu Magalhães e da música Me Sinto Ótima. A Intérprete é integrante da Banda do Mar, composta também por seu namorado Marcelo Camelo e pelo amigo Fred Pinto, que costumam compor de forma conjunta, levando em consideração suas experiências cotidianas. O momento histórico brasileiro e seus conceitos sociais são tratados pela historiadora Mary del Priore como de indivíduos de muitas caras, ora permissivos, ora autoritários. Afirma a pesquisadora, no livro Histórias Íntimas, que na intimidade os seres sociais miram suas contradições.

A letra da música aborda a independência, na tentativa de conquistar autonomia, felicidade e imparcialidade em relação às críticas sociais. Ser independente aparece como uma vontade de defender os próprios valores, descobrindo um sentido para a vida, através da razão e da luz, no encontro com a realização pessoal. Entretanto, permanece uma ligação com a perspectiva tradicional de alcançar o amor e, conseqüentemente, se descobrir e/ou completar. Neste momento, a voz feminina apresenta, num tom melancólico, um aparente estado de confusão, porque a liberdade, felicidade e autonomia procuradas tendem a trazer a solidão e o medo da tristeza, resultando na busca pelo amor. Todavia, quando o amor é encontrado, a liberdade escorre pelos dedos, impossibilitando o investimento na autenticidade, que poderia ter sido peça fundamental de sua criatividade e construção pessoal, que não são vistas, então, como prioridades e parecem estar distantes. A revolução das comunicações, segundo Mary del Priore em seu livro *Histórias e Conversas de Mulher*, auxiliada pela cultura urbana, adaptaram-se aos indivíduos autônomos, deixando uma pergunta sem resposta: as mulheres ainda querem ser protegidas, assistidas e apoiadas por alguém?

PALAVRAS-CHAVE: Educação informal, história do gênero, Mallu Magalhães.

Fontes e novas tecnologias: a música no ensino de História

Anderson Szeuczuk (mestrando – UNIOESTE/Cascavel)
ander1957@yahoo.com.br.

Dulce Alves da Silva Nakamura (mestranda – UNIOESTE/Cascavel)
djornal@hotmail.com

RESUMO: Este artigo apresenta uma análise na perspectiva do ensino da história e a contribuição da música com como possibilidade de incorporar dentro de seu conteúdo acadêmico, diferentes abordagens que podem contribuir para inserir um aluno mais crítico na sociedade. Nos últimos anos o ensino de história passou por profundas mudanças, novas fontes e abordagens metodológicas possibilitaram uma ampliação no conceito de história e documento. Diante disso, o professor tem alternativas de utilizar diferentes fontes em sua disciplina. Nesta perspectiva as Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC's) trazem novas possibilidades ao docente, com a análise de letras de músicas que pode auxiliar para a compreensão de um assunto ou conteúdo. As TIC's já fazem parte do cotidiano dos estudantes e utilizar-se delas para a compreensão de um tema torna mais atrativo o ato de aprender. Temos como objetivo abordar neste estudo, a utilização da música "Pra não dizer que não falei das flores", composta por Geraldo Vandré (1968), cuja contribuição para o ensino de história é singular, uma vez que se tornou um hino para cidadãos que lutavam contra o regime ditatorial. Canção que nos dias de hoje ainda se reflete em uma população que insatisfeita, busca novas possibilidades. A metodologia consiste em pesquisa bibliográfica baseada em autores que trabalham com a questão, a partir de NAPOLITANO (2002), BITENCOURT (2005), PINSKY (2008), SCHIMIDT (2009), e KENSKI (2012). Espera-se com o trabalho apresentar a importância do uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) no ensino de história, como também a contribuição da utilização da música para se compreender o contexto da ditadura militar no Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: História; Tecnologias da informação e comunicação; Rock

Críticas metafóricas socialistas presentes nas músicas The Trees do Rush e Ninguém=Ninguém dos Engenheiros do Hawaii: uma proposta de reflexão entre música, história e sociologia

José Aparício da Silva (IFPR)
aparicio.silva@ifpr.edu.br
Nicolle Marra Ivanoski
nicolle.ivanoski@ifpr.edu.br

RESUMO: A absorção de conteúdos históricos por estudantes de Ensino Médio nem sempre é agradável, sobretudo os mais teóricos. Para tanto desenvolvemos uma atividade denominada de Músicas-sócio-históricas, nas qual as músicas tentam ilustrar, pelas letras ou melodia, determinados contextos, teorias ou acontecimentos sociológicos e/ou históricos. A produção musical nas aulas de história e sociologia pode ser vez ou outra, pensada de forma integrada para que o estudante possa perceber que a cultura é indissociável dos processos sócio, político, econômico, entre outros. Sendo assim, e afim de didatizar essa relação, propusemos a execução e análise de algumas músicas, com grupos de alunos do Ensino Médio em oficinas de música, sociologia e história. O emprego de obras musicais como recurso didático auxilia na compreensão de conteúdos, permitindo ao aluno descobrir novas formas de interpretar os acontecimentos. A música aparece como alternativa atraente e motivadora, porém para isso, não pode ser apenas ilustrativa ao professor, mas sim, essas oficinas auditivas, acompanhadas das leituras de letras musicais devem proporcionar um momento de construção crítica e reflexiva e de apropriação da sociologia e da história que pensam sobre um dado conteúdo, tempo ou teoria histórico-social. Numa proposta de interação ente rock e história e como exemplo dessa atividade, este artigo trata de uma análise das composições The Trees da banda de rock canadense Rush e Ninguém=Ninguém da Banda Engenheiros do Hawaii, na qual é possível elencar as seguintes reflexões sócio-históricas: a luta de classes, a busca pela diminuição da desigualdade social e uma crítica à equiparação sócio-econômica pelo socialismo em algumas de suas práticas. As análises são resultantes da utilização das referidas obras como recurso didático nas aulas conjuntas das disciplinas de História e Sociologia. Através das metáforas presentes nas letras das músicas pudemos refletir com os estudantes sobre a ascensão das teorias socialistas e de suas várias interpretações, desde o senso comum a uma possível crítica contundente.

PALAVRAS- CHAVE: música; história; sociologia

O que é miséria?

Sonia Ribeiro de Lima
(UNIOESTE)
soniardl@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem a intenção de apresentar uma análise das concepções da palavra miséria, tendo como base a música “Miséria” da banda Titãs. Relacionado com simpósio temático “Rock e Educação”, questiona a natureza das condições de miséria, tanto no seu aspecto material, relacionado à falta de bens considerados essenciais a vida digna, quanto no aspecto subjetivo, ou seja, as sensações de vazio presente mesmo naqueles em situação econômica privilegiada. Vivemos hoje numa

sociedade globalizada onde os meios de comunicações nos permitem ter o conhecimento dos fatos em tempo real, e mesmo assim constata-se um alto índice de miséria social. Dessa forma, pretende-se discutir se a miséria vai além da falta de bens necessário a subsistência humana, uma vez que pode estar também contida no interior da pessoa, manifestando-se através da constante sensação de vazio que não consegue ser suprida com riquezas materiais. Interpretar ou conhecer a essência da palavra miséria extrapola as convenções ou as máximas conhecidas. Seria a miséria algo adquirido por responsabilidade do indivíduo ou em decorrência da falta de condições educacionais? Dados apontam que a falta de educação está diretamente relacionada às condições de pobreza, sendo assim como o sistema educacional brasileiro contribui para a erradicação das condições de miséria? Na sociedade capitalista vigente onde a sociedade é estimulada a competir, muitos são deixados para trás, esquecidos, marginalizados e nesse sistema naturalizou-se o sentimento da indiferença, se sobressaindo o individualismo. Com isso, a miséria faz parte do cotidiano e a mesma pode ser vista como forma de estímulo a acirrar a competitividade na disputa de ser cada vez melhor e não tropeçar na corrida consumista que cega e esvazia as relações humanas.

PALAVRAS-CHAVE: Miséria; educação; sociedade.

O Brasil na visão de Renato Russo

Karina Alves da Silva (graduada – UNIPAR)

karibevilaqua@hotmail.com

Vânia Aparecida da Silva (graduada – UNIPAR)

vaniavss@yahoo.com

RESUMO: Renato Manfredini Júnior com o pseudônimo de Renato Russo (1960-1996) foi um ícone do Rock Brasileiro cujo ápice de seu sucesso foi alcançado com a banda Legião Urbana entre anos de 1982 a 1996. Através de suas músicas, Renato Russo retratava a juventude através dos medos, dos conflitos, dos anseios e das revoltas que afloram neste período da vida. No entanto, as músicas que discutem os problemas sociais e políticos vividos pelos brasileiros se destacam entre as composições de Renato Russo, pois Renato ficava horrorizado com tantos problemas enfrentados pela população, tanto que não suportava assistir telejornais por ficar angustiado com tantas notícias ruins. A música “Que País é Esse?”, por exemplo, lançada em 1987, tornou-se um hino utilizado para demonstrar a insatisfação frente aos problemas políticos e sociais enfrentados pelos brasileiros, sendo lembrada até hoje quando o assunto é inconformismo com a situação do país. Vale ressaltar que a música demorou mais de oito anos para ser gravada pois Renato tinha esperança que a situação do país melhoraria com o fim da Ditadura Militar e a volta da democracia. Em suas letras tais como “Perfeição”, “Veraneio Vascaína”, “Fábrica”, “O Reggae”, “Índios”, “Música Urbana” é possível perceber críticas, análises sobre diversos problemas enfrentados pelos brasileiros, tais como exploração do trabalhador, desemprego, machismo, racismo, ditadura, tortura, sonegação de direitos dos cidadãos, abuso e violência policial, política e corrupção. Neste sentido, através de uma análise das músicas compostas por Renato Russo pretende-se verificar a visão que Renato Russo tinha sobre o Brasil, qual era a leitura que ele fazia do país através de suas letras.

PALAVRAS-CHAVE: Renato Russo; problemas sociais; Brasil.

Rosa de Hiroshima: Uma alternativa para a aprendizagem em Química

Iara Lucia Lazzarin (mestranda - UNIOESTE)
iaralazzarin2011@gmail.com

Vilmar Malacarne (prof. Dr. UNIOESTE)
vilmar.malacarne@unioeste.br

RESUMO: O ensino de Química muitas vezes se torna um desafio aos professores quando estes necessitam despertar o interesse dos alunos em conteúdos programáticos que aparentemente estão distantes do cotidiano, um exemplo é a Radioatividade. Como proposta pedagógica para auxiliar os professores, sugerimos a apresentação aos alunos da música Rosa de Hiroshima e a exibição de imagens decorrentes da detonação das bombas atômicas nas cidades japonesas de Hiroshima e Nagasaki em 1945, como uma alternativa para introduzir o tema Radioatividade em aulas para o Ensino Médio. A música Rosa de Hiroshima é um poema de autoria de Vinicius de Moraes e ficou conhecida do grande público na voz de Ney Matogrosso. Aborda questões importantes sobre as consequências da fissão nuclear, quando usadas para fins bélicos. Neste aspecto, além de abordar o tema central, o professor tem a oportunidade de convidar os alunos a repensar o papel da humanidade no uso da Ciência. Arroio et al (2006) afirmam que o uso de material audiovisual fornece pistas para organizar atividades em sala de aula que comecem pelo sensorial, pelo afetivo, pelo que toca o aluno, antes de falar de ideias, de conceitos, de teorias. Desse modo, os alunos, possivelmente estando sensibilizados com o fato histórico, permitirá ao professor contextualizar o momento político da 2ª Guerra Mundial e de como ocorreu o desenvolvimento da Ciência nessa área. Poderá. Este, também, apresentar as consequências biológicas que a detonação das bombas ocasionou para a população japonesa, para o meio ambiente local e para a humanidade em geral. Entretanto, o professor também deve apontar fatos benéficos que a Radioatividade trouxe para a população, como seu uso na medicina, na indústria alimentícia, além da produção da energia elétrica como fonte alternativa na produção de energia. Somente após esta atividade, o professor irá apresentar os conceitos, equações e exercícios necessários ao aprendizado do conteúdo da Radioatividade.

PALAVRAS-CHAVE: Química; Música; Radioatividade.

Educação Musical através da prática de banda de rock: um relato de experiência

Fabricio Hofman da Silva
(UFES - Centro Universitário Norte do Espírito Santo)
fabriciohoffmann@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade relatar minha experiência como oficina de música numa escola municipal de ensino fundamental em Vitória/ES. O projeto foi desenvolvido com alunos participantes do programa Mais Educação, faixa etária entre 13 e 14 anos, entre os anos de 2013 e 2014. Uma das maiores dificuldades da educação musical no ensino formal é chegar a uma uniformidade pedagógica, ou seja, um conteúdo programático que padronize, mas, ao mesmo tempo, respeite as diferenças culturais de cada região brasileira. Neste contexto, este trabalho traz uma opção de ensino de música que leva em consideração o conhecimento prévio dos alunos,

neste caso, o amor pelo rock. Quando cheguei a escola havia uma banda formada por baixo, guitarra e bateria, entretanto, os alunos estavam insatisfeitos com o repertório adotado pelo professor anterior. Em conversa com eles obtive a informação de que ele não trabalhava questões específicas da música, apenas se atinha ao repertório escolhido, sem se preocupar com as questões musicais. Os alunos não sabiam as notas e acordes que estavam executando. Depois dessa conversa inicial dei a eles a oportunidade de opinarem na escolha das músicas. Para minha grata surpresa foram citadas bandas de rock consagradas com décadas de estrada, e não bandas atuais. As escolhas variaram entre músicas das bandas Deep Purple, AC/DC, Black Sabbath entre outras. O repertório foi formado de acordo com a dificuldade técnica, sendo que as de menor dificuldade foram executadas primeiro seguindo um aumento gradual. Paralelamente fui incluindo conteúdos mais técnicos como rítmica, escalas, acordes e harmonia. As conquistas foram palpáveis no sentido de um maior conhecimento dos elementos musicais através da prática de banda de rock. Como fundamentação teórica utilizarei o método de Keith Swanwick que valoriza o ensino de música de forma musical e não nos parâmetros tecnicistas tradicionais.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Musical, banda de rock, prática musical.

Baixada Metal: Documentário sobre rock na periferia do Rio e formação de professores

Pedro Alvim Leite Lopes (Professor - FEBF – UERJ)
pedroleiteloopes@hotmail.com

Bernardo Simbalista (mestrando - FEBF – UERJ)

RESUMO: O projeto de extensão da FEBF – UERJ “Baixada Metal: registro audiovisual de culturas jovens periféricas” visa realizar um documentário sobre a cena metal e hardcore de Duque de Caxias, onde se localiza a Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. Em parceria com outros projetos da unidade - a Radio Comunitária Kaxinawá e o Laborav (Laboratório de Recursos Audiovisuais) - o processo de produção do documentário, envolvendo docentes e discentes da graduação e do mestrado, é um experimento pedagógico para capacitar docentes na utilização de tecnologias audiovisuais e virtuais e visa a formação seguindo o tripé universitário docência, pesquisa e extensão, dentro e fora de sala de aula. O teaser – trailer, a ser exibido na comunicação, alterna cenas de Duque de Caxias com entrevistas dos produtores locais, como o do festival Tomarock, com mais de dez anos de existência, de lojistas dos mais de cinco estabelecimentos especializados em rock no município, músicos e fãs, ao som de show da banda de metalcore Confronto, da cidade vizinha São João de Meriti, com letras em português críticas aos problemas sociais da periferia da cidade do Rio de Janeiro. O documentário “Baixada Metal” é uma continuação da pesquisa de doutorado em antropologia que fiz sobre heavy metal no Rio entre 2003 e 2006, com parte do trabalho de campo em Duque de Caxias e participantes ainda ativos na cultura rock local. A comunicação tem por objetivo cartografar a produção do documentário, ressaltar as inovações pedagógicas e descrever brevemente a cena rock, metal e hardcore da Baixada Fluminense, tradicional polo de roqueiro do estado do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE: Baixada Fluminense; *Heavy metal*; Documentário.

O Instituto do Rock – A possibilidade de musicalização através do Rock’n’roll

Rafael Arcanjo (IFPR - Campus Telêmaco Borba)
rafarcanjo0110@gmail.com

Rafael Augusto Michelato (IFPR - Campus Telêmaco Borba)
rafael.michelato@ifpr.edu.br

RESUMO: A partir de 2012 a música é, ou deveria ser, uma realidade nas escolas brasileiras, com a aprovação da lei 11.769/2008 que versa sobre a obrigatoriedade do ensino de música na escola os professores de música tem buscado ocupar espaços nos currículos escolares de maneira a devolver a música um status de disciplina e campo de conhecimento. É fato que dentre os estilos musicais, o Rock possui grande aceitação dentre os jovens, esta aceitação pode servir para a efetivação da educação musical, comprometida com a sistematização e ampliação dos conhecimentos musicais do educando inserido em sua realidade musical. Vários autores tratam das potencialidades de musicalizar com o rock dentre eles destacamos: Souza (et al.) (2003), França (2012), Azevedo (2009), Mosca (2010) Michelato e Silva (2013) entre outros. O educador musical deve conhecer a realidade musical de seus educandos, pois, munido destas informações poderá compreender quais são as formas com que eles se relacionam com a música, seus interesses, e dentro do possível contemplar suas vivências e práticas adquiridas fora da escola para favorecer o ensino, o interesse, e o aprendizado significativo (HENTSCHKE e DEL BEN, 2003). Buscar diferentes possibilidades para o ensino é uma constante no Instituto Federal do Paraná, esta pesquisa apresenta os projetos desenvolvidos no Campus Telêmaco Borba com estudantes do ensino médio em busca da musicalização dos mesmos. Apresentamos resultados alcançados com Projetos culturais, de pesquisa, extensão, inovação, criação de metodologias para o ensino de música, e formação de professores. Com foco especial na Banda estudantil Cabeças Voadoras, onde se executa a história do Rock desde os primórdios até a atualidade, e a criação de arranjos de clássicos do rock para o Orff Schulwerk. Tendo como foco a ampliação das possibilidades da presença do rock em escolas, com práticas contextualizadas, significativas e comprometidas com os educandos.

PALAVRAS-CHAVE: Rock Educação; Educação Musical; Ensino Médio.

***Tú por mí*, de Christina Rosenvigne: proposta de aula de e/le**

L. S. Del Pozo Gonzalez. (UNIOESTE)
leilashai@hotmail.com

Greice Da Silva Castela (UNIOESTE)
greicecastela@yahoo.com.br

RESUMO: Christina Rosenvigne, cantora/autora/compositora de origem espanhol-dinamarquesa, fez sucesso no início da década de 1990 com sua banda *Christina y los subterráneos*. A sua doce voz, e sua atitude canalha que ao mesmo tempo era lida como de menina-mulher-vestida-de-couro, encantaria seus seguidores. Em 1991 grava o disco *Que me parta un rayo*, do qual a música *Tú por mí* faz parte. Com essa banda, Rosenvigne produziu um conjunto de músicas que viraram sucessos do rock espanhol e que inclusive ainda hoje são cantarolados por muitos. A música analisada nesta proposta

abre a possibilidade de tratar, na sala de aula de E/LE, de uma problemática universal que é o problema das drogas no mundo jovem e a prostituição para conseguir drogas. O tema não estereotipa os povos hispano-americanos e, ao mesmo tempo, parte de um problema social presente num país para o abordar a nível mundial, abrindo a possibilidade de discussão de temas considerados universais: o uso de drogas, a violência na sociedade, a prostituição decorrente da dependência. A presente comunicação visa apresentar, no Simpósio Temático Rock e Educação, do II Congresso Internacional de Estudos do Rock, uma proposta de plano de aula de Espanhol como Língua Estrangeira, que explore a cultura hispano-americana através do Rock, que além da música em questão apresenta um roteiro de trabalho com vídeos e notícias de jornais on-line que servirão de subsídio para a discussão dos temas universais propostos, trabalhando as quatro habilidades. As reflexões propostas consideram o contexto de ensino de leitura, tomando em conta que este o trabalho de análise em sala de aula não deve pautar-se apenas em textos canônicos, mas também em diferentes objetos de estudo (PARANÁ, 2008), no caso, uma música interpretada por uma banda de rock, já que o rock é uma manifestação cultural que deve ser estudada.

PALAVRAS-CHAVE: aula de E/LE; Tú por mi; Christina Rosenvigne.

Iron on Literature: um diálogo entre o heavy metal e a literatura

Fernanda Machado Brener (PG - UEM)

RESUMO: A circulação de textos literários através de mídias que extrapolam o tradicional meio impresso é uma característica comum das sociedades contemporâneas (JENKINS, 2009). Dentre as mídias sonoras, o *rock* é um estilo musical que vem se perpetuando desde a década de 1950 com crescente importância na cultura popular mundial dado seu caráter eclético. As canções de *rock* trazem, com frequência, releituras de textos literários populares e canônicos que, associadas à estética particular desse gênero musical, têm grande apelo entre os jovens. Assim sendo, é oportuno investigar as relações entre as canções de *rock* e os textos literários como forma de reconceitualização da prática de leitura da literatura popular e canônica bem como as possibilidades de aplicação no contexto escolar. Considerando o ensino de língua inglesa, tal investigação torna-se particularmente apropriada devido ao amplo alcance que canções de *rock* produzidas em língua inglesa têm no mercado fonográfico brasileiro e mundial. O objetivo deste trabalho é discutir a relação entre o poema *The Rime of the Ancient Mariner*, do poeta inglês Samuel Taylor Coleridge (1798 - 1834) e a canção homônima do grupo de rock pesado (*heavy metal*) *Iron Maiden* (1984) através de uma perspectiva multimodal. Esta análise se baseia no conceito de multimodalidades definido por Kress (2000) e Kalantziz & Cope (2000) e no estudo da estética e do movimento cultural do *heavy metal* desenvolvido por Walser (1993). Ao final, o artigo propõe possibilidades de uso de textos literários e multimodais em sala de aula com vistas à construção de leituras multimodais e participativas.

PALAVRAS-CHAVE: literatura; cultura pop; *Iron Maiden*

Saindo do tradicional: a utilização do rock como ferramenta de ensino e aprendizagem

Deyvid Alan Da Silva De Oliveira (UNIOESTE)
deyvid_alan@hotmail.com

RESUMO: Muito se discute sobre a importância do ensino de música nas escolas de educação básica. Conforme prevê a Lei 11769/2008 que o torna obrigatório, algumas escolas não apenas cumpriram as exigências da legislação como também implementaram projetos que visam melhorar e dinamizar a aprendizagem dos alunos. Muito além de formar músicos profissionais, o ensino de música pode ser trabalhado de forma multidisciplinar para auxiliar no desenvolvimento cultural, estimular o contato do aluno com diferentes linguagens e contribuir para a sociabilidade e interação entre os alunos. Neste sentido, essa pesquisa tem por objetivo identificar e apresentar de que forma uma escola de educação básica da cidade de Cascavel utiliza a música, mais especificamente o Rock nacional, para desenvolver atividades em sala de aula. A análise terá como base o cotidiano de um professor da disciplina de música que desenvolve atividades em parceria com outras disciplinas e incentiva a utilização desse gênero musical para falar sobre história, política e outros temas atuais, além de estabelecer uma ligação entre o passado e a realidade dos estudantes. Neste trabalho, a proposta de investigação enquadra-se na perspectiva qualitativa e terá como instrumento de pesquisa a pesquisa-ação, por ter um caráter participativo. O trabalho se justifica pela necessidade de criar alternativas para dinamizar as aulas e contribuir para que os alunos tenham mais interesse em disciplinas que normalmente são taxadas de chatas e cansativas. Desta forma, a pesquisa proposta também poderá contribuir para a implantação equipes multidisciplinar nas escolas que, juntamente com os alunos desenvolverão atividades diferenciadas através do Rock.

PALAVRAS-CHAVE: rock e educação; rock em sala de aula; ensinando com rock.

Raul Seixas e Zé Ramalho: uma análise filosófica do feminino enquanto elemento de inspiração artística

Julio Cezar Ramos (UNIOESTE)
julioraulfilosofia@yahoo.com.br

RESUMO: O presente trabalho trata-se de uma abordagem filosófica do elemento feminino enquanto fonte de inspiração artística em composições de Raul Seixas e Zé Ramalho. Desde os primórdios da filosofia, a figura da mulher vem sendo constantemente enfatizada sob diversos aspectos, se tornando inclusive, um dos elementos fundamentais para a inspiração artística. No ramo musical, tanto Raul Seixas, quanto Zé Ramalho, tratam filosoficamente deste tema em algumas das mais importantes de suas composições musicais, tais como Nuit, Lua Cheia, Entre a Serpente e a Estrela. Elementos da mitologia grega, egípcia e da cultura Bíblica representadas de forma simbólica nas letras de ambos os músicos, às tornam ainda mais envolventes, capazes de nos levar à uma profunda reflexão filosófica e histórica sobre a importância e o papel da mulher no decorrer dos tempos. Desta forma, a música se apresenta como um elemento que vai muito além do simples entretenimento, podendo servir de apoio para se pensar criticamente a sociedade, a cultura, a política, a religião, a ciência e tudo

aquilo que abrange a capacidade humana do conhecimento. Sob este prisma, será possível, por meio do presente trabalho, a percepção de como se faz necessário entender a música como um instrumento que, além de entreter, pode também proporcionar novas ideias e modificar valores, principalmente aquelas barreiras preconceituosas com relação à mulher ainda presentes na sociedade atual. Ademais, este trabalho se resume na incumbência de desenvolver filosoficamente por meio de Zé Ramalho e Raul Seixas, uma reflexão musical sobre a importância da figura do feminino nos domínios da história e da arte.

PALAVRAS-CHAVE: Filosofia; Raul Seixas; Zé Ramalho;

Os poderes constituídos e a fuga da alienação

Marcos Douglas Pereira (UNIOESTE)
marcosdougaspereira@hotmail.com
Jakeline Goldoni Pereira (UNIOESTE)
jakepedagoga@hotmail.com

RESUMO: O presente artigo busca apresentar formas de análise de músicas como reflexão da prática pedagógica, aliando o fascínio provocado pelo Rock ao poder da Educação, direcionada para o ensino da Filosofia no Ensino Médio. O *corpus* da presente pesquisa serão três músicas do grupo de Rock Engenheiros do Hawaii: “Toda Forma de Poder”, “Guardas da Fronteira” e “A Promessa”. O viés metodológico utilizado foi a pesquisa qualitativa, levando em consideração a recepção do texto que compõem as letras das músicas, de acordo com a análise proposta por Iser (1976) – voltada para o texto literário – e sua teoria sobre o efeito estético. Consideramos que, como forma artística, as letras das músicas apresentam semelhante efeito estético em seu receptor, o que justifica a aplicação do referido aporte teórico. Nos apoiamos também em Jauss (1994) e em sua teoria de análise do horizonte de expectativa do leitor. O método visou ampliar a compreensão, por meio de um texto de reconhecida qualidade estética, e a reflexão filosófica acerca de teorias como as de Karl Marx e Antonio Gramsci. Complementamos e aperfeiçoamos o processo de análise por meio da recepção dos textos musicais que compõem o *corpus* desta pesquisa, partindo do pressuposto do reconhecimento do efeito estético das letras das músicas, alcançando, a partir do horizonte de expectativas do aluno de Ensino Médio da Escola Pública, as respostas para a aplicabilidade ou não do referido método. Os resultados apontam para a ampliação da compreensão dos conteúdos trabalhados em classe devido ao efeito enriquecedor do Rock de boa qualidade, aliado ao ensino de Filosofia.

PALAVRAS-CHAVE: Alienação; Engenheiros do Hawaii; recepção lírica.

Dialogismo e discursividade nas resenhas da revista *Roadie Crew*

Igor Custódio Miranda (UFU)
igormiranda93@gmail.com

RESUMO: O trabalho “Dialogismo e discursividade nas resenhas da revista *Roadie Crew*” tem o objetivo de analisar a forma de construção das resenhas da revista *Roadie*

Crew a partir dos fatores de discursividade, opinião, cultura e especialização, dentro dos universos jornalístico, linguístico e antropológico. A publicação trata exclusivamente de trabalhos culturais lançados no âmbito dos gêneros musicais *classic rock* e *heavy metal*, bem como suas vertentes. De periodicidade mensal, a publicação surgiu em 1994 como fanzine e tem distribuição em bancas desde maio de 1998 em todo o Brasil e em Portugal. Os editores são Airton Diniz (também jornalista responsável pela publicação) e Claudio Vicentin e o redator-chefe atual é Ricardo Batalha. De acordo com dados obtidos em dezembro de 2012 (último fechamento de pesquisa feito pela administração), a tiragem tinha uma variação entre 22.000 a 30.000 exemplares e a revista tem 7.500 assinantes. Para realizar a análise, foram selecionadas duas resenhas de três edições da revista, correspondentes aos meses de maio, setembro e outubro de 2014. Para atingir o objetivo principal, foi preciso descrever a linguagem segmentada (jargões e termos técnicos) e investigar a dialogicidade, que é constitutiva de todos os discursos, inclusive das resenhas jornalísticas. São utilizados os conhecimentos da Análise do Discurso de linha francesa, especialmente conceitos como discurso, dialogismo e sentidos, associados às compreensões sobre jornalismo opinativo, especializado e cultural, em uma metodologia dividida em quatro momentos: gesto de leitura jornalística, análise da nota, análise discursiva e dialógica e análise de sentidos. O simpósio indicado para apresentação no II Congresso Internacional de Estudos do Rock é o de Rock e Educação.

PALAVRAS-CHAVE: dialogismo, Roadie Crew, jornalismo.

Rock e Filosofia: oficinas didáticas acerca do conceito de ideologia

Carine Ane Jung

(Professora mestre - supervisora do PIBID-Filosofia/UNIOESTE/CAPES)

carineane@hotmail.com

Bruna Cruz (graduanda /UNIOESTE/CAPES - PIBID)

RESUMO: A problematização acerca do conceito de ideologia se configura como um dos temas mais polêmicos da História da Filosofia e, neste mesmo decurso, é recorrente enquanto pano de fundo do universo musical. Neste sentido, destacamos a presença da temática ideológica no cenário do rock brasileiro, consubstanciadas nas bandas de rock que surgem a partir da década de 1980 no país. O texto apresenta o trabalho realizado por meio de oficinas didáticas de Rock e Filosofia direcionadas aos estudantes do Ensino Médio da rede pública estadual no município de Toledo-PR pelo PIBID-Filosofia da UNIOESTE, o qual tem o objetivo de discutir o conceito de ideologia a partir da abordagem que lhe é remetida nas composições interpretadas por bandas de rock nacional, tais como: Legião Urbana, Engenheiros do Hawaí, Paralamas do Sucesso e Plebe Rude. Além de um relato de experiências, objetivamos explicitar em nosso texto a fundamentação teórica a qual tem pautado a realização de nossas atividades pedagógicas. Partimos do pressuposto de que o sistema ideológico estabelecido e dominante na sociedade vigente tem determinado as relações existentes entre os homens e, que essa ideologia tem fetichizado as diferenças, negado a luta de classes e a construção de um projeto político de superação do capitalismo. Nesse contexto, nosso trabalho apoia a discussão filosófica acerca do conceito de ideologia nos escritos dos pensadores Marx, Lukács e Mészáros.

PALAVRAS-CHAVE: Rock; Filosofia; Ideologia.

Análise Psicológica e Educacional da Música como Instrumento Educativo Informal

Francielle Sthefane Bruschi Cordeiro Gonçalves
(mestranda – UNIOESTE)

franciellecordeiro15@hotmail.com

Larissa Zarth

(UNIPAR)

larissazarth@yahoo.com.br

RESUMO: São muitos os estudos que abordam a música como agente educativo e transformador social no processo de desenvolvimento psicossocial dos indivíduos. Como produção cultural a música também aborda características sociais que se modificam ao longo do contexto histórico e socioeducativo, desde os povos da antiguidade até hoje, se constituiu como agente ativo na construção da história da humanidade. Refletindo nas ações do homem, principalmente no imaginário social, no relacionamento interpessoal e na formação da subjetividade do indivíduo. Diante do contexto e papel social da música pode-se vislumbrar com a questão relacionando-a também a questão psicossocial dos movimentos de contracultura. O gênero musical *Rock* está fortemente ligado a esse contexto, pois propaga mensagens, estilos e concepções que fazem parte dos movimentos da sociedade e ainda se configurando como estilo musical que mais se difunde entre os jovens. Este trabalho busca relacionar a temática do Rock com a Educação, analisando o fator psicológico e de educação informal, neste contexto específico voltado a determinado grupo musical compreendendo todas as especificidades dos sujeitos envolvidos no contexto, para tanto, reforçaremos a análise com trechos de músicas e depoimentos de cantores e compositores. Como referencial teórico abordaremos Bronislaw Baczko (1985), e a questão do imaginário social, Brécia (2009) e a questão do uso da música como um recurso psicoterapêutico, Medeiros (2010), Gomes (2009), entre outros autores que trabalham a música na perspectiva psicológica, Wille (2005), Arroyo (2013), e outros teóricos que abordam a questão educativa informal relacionado ao contexto musical.

PALAVRAS-CHAVE: música; educação informal; contexto psicossocial.

***O Rock and Roll* como tema gerador para discutir o *mal-estar* e o hedonismo na contemporaneidade**

Sidney N. de Oliveira (Prof. Dr. UFPR)
sidney@ufpr.br

RESUMO: Este trabalho tem por objetivo relatar a síntese de uma experiência pedagógica que fez parte de um longo projeto de pesquisa sobre violência na escola. Ancorado na psicanálise e nas contribuições de Paulo Freire este projeto se desenvolve há mais de uma década oferecendo como campo de estágio em psicologia escolar e educacional, intervenções direcionadas a promoção dos direitos humanos e da cidadania a partir da escola. A experiência a ser discutida neste congresso fez parte de uma modalidade de estágio de formação profissional dos graduados em psicologia da UFPR e foi desenvolvido em escolas de ensino médio por meio de grupos de discussão com os alunos, coordenados pelos estudantes de psicologia sob a nossa orientação. Partimos de

canções dos Beatles, Rolling Stones, Raul Seixas e Bob Dylan, entre outros, que tivessem o mal-estar, o hedonismo ou ambos como conteúdo. As discussões grupais se desenvolviam a partir das interpretações das canções e dos vínculos que pudessem ser estabelecidos com inclusão da experiência pessoal e do cotidiano escolar como produtos e reprodutores do universo hedonista e consumista. A interpretação freudiana da cultura é um valioso instrumento para interpretar as novas formas de subjetivação a partir da falência do bem-estar e da felicidade absolutos. Paulo Freire nos permite alcançar a dimensão histórica e política desse sujeito para compreender os efeitos das condições políticas e econômicas presentes ou derivadas das práticas escolares. É na modernidade neoliberal da sociedade do espetáculo que o hedonismo é cooptado para negar ou atenuar o mal-estar, por meio da construção ilusória, possível em uma cultura narcisista na qual subsistem determinadas formas de subjetivação e de regulação dos objetos de desejo privilegiados no modo de produção capitalista. Essa condição reforça uma estética e uma ética do consumismo e, portanto, a internalização das condições privilegiadas.

PALAVRAS-CHAVE: rock; mal-estar; hedonismo.

Novas formas de aprender e ensinar: o rock na sala de aula

Patrícia Simone Grando (pós-grad. - URI/Frederico Westphalen)
paty_grando@yahoo.com.br.

Vanderléia Skorek (mestranda – URI/Frederico Westphalen)
vanderleiascorek@gmail.com.

RESUMO: O ensino de música nas escolas passou a ser obrigatório após a aprovação da Lei 11769/2008. Embora presente em atividades de recreação, datas comemorativas, intervalos, cotidiano de alunos e professores, enquanto disciplina está ausente. Sabemos que a música é uma facilitadora no ensino-aprendizagem de uma disciplina em sala de aula e de sua influência sobre o comportamento dos jovens. Como forma de ensinar pelo viés do aluno, voltamos este estudo para o rock, gênero musical nascido na década de 1950 que se tornou um dos maiores representantes da contracultura do século passado agora. Buscamos olhá-lo como aliado na sala de aula para todos os tipos de debate. É através de músicas de rock que queremos traçar novas formas de ensinar, partindo daquilo que é comum ao discente para trazê-lo a um novo mundo de ensino-aprendizagem. O uso da cultura do rock transforma-se em uma ponte entre esse saber prévio e o conhecimento formal adquirido em sala de aula. Como a língua portuguesa é uma disciplina que deve se preocupar com o significado, que ao manipular a linguagem cria sentidos específicos, como metáforas, antíteses, além de levar em consideração o contexto de produção e a intencionalidade do autor, pretendemos, através da análise das letras das canções de rock, identificar os recursos afetivos, expressivos, temporais e estilísticos destas, criando novas formas de ensino para a língua portuguesa, formando, assim, cidadãos capacitados a pensar e a ler o mundo, mais atentos aos fatores da língua, que sejam capazes de utilizar a língua de modo variado para produzir diferentes efeitos de sentido e adequar o texto a diferentes situações de interlocução oral e escrita.

PALAVRAS-CHAVES: cultura do rock; ensino-aprendizagem; sala de aula.

Simpósio Temático Rock e outras Artes

Relações de proximidade, influência, pressupostos artístico-ideológicos e estéticos entre o rock e as mais diversas manifestações artísticas, tais como as artes plásticas, o teatro, a dança, a fotografia, dentre outras.

O pôster psicodélico como signo ideológico

Rafael Hoffmann (Faculdade Satc)
contato@rafaelhoffmann.com

RESUMO: O artigo tem como objetivo apresentar a arte gráfica psicodélica, através de seus pôsteres, não só como uma ferramenta de divulgação de concertos de música. Através das concepções de signo peirceanas e bakhtinianas tenta-se mostrar que o pôster passa a ser um signo ideológico, um elemento importante da cultura psicodélica que, junto com a música, a dança e as roupas, representa as ideologias defendidas pelo movimento, enquadrando-se, assim, no simpósio temático “rock e outras artes”. Eles seriam signos de um período em que música e arte ajudaram a escrever a história de uma década e de uma geração, passando a ser uma extensão visual da música, ajudando a exprimir o que às vezes a canção não conseguia e servindo de apoio para narrar o contexto social e cultural no qual estava inserido. Dessa forma os pôsteres do movimento psicodélico ajudariam a compreender não apenas a música ou a arte, mas principalmente as pessoas que os produziam, seus ideais e experiências. Por outro lado, o pôster psicodélico, como um produto gráfico, também promoveria uma pequena insurreição contra o *establishment* do design funcionalista da época onde ordem e clareza imperavam. Sob essa perspectiva, segundo Bakhtin, os pôsteres psicodélicos tornariam-se signos ideológicos plenos, pois, na medida em que refletem a realidade psicodélica, eles passam também a refratar os preceitos funcionalistas do design gráfico. Com isso, esses pedaços de papel ilustrado deixariam de ser apenas um material publicitário e ganhariam status de peça chave para a compreensão completa de toda a experiência estética vivida pelas pessoas daqueles tempos de paz, amor e música.

PALAVRAS-CHAVE: Rock psicodélico; signo ideológico; artes gráficas.

“Aqua Dementia”: a fúria de Moby Dick

Lauro Iglesias Quadrado (doutorando - UFRGS)
lauroi@gmail.com

RESUMO: O rock historicamente apresenta fortes vínculos atrelados à literatura desde seus primórdios, com sua presença ambivalente na contracultura dos anos 1960, fortemente moldada e construída junto ao imaginário da prosa e da poesia *beat* e de seus autores. A partir daí está estabelecida clara e evidente conversa entre a música popular e o texto de ficção. O rock pesado e seus derivados (incluindo aqui aqueles encontrados sob o grande guarda-chuva do metal) também apresentam significativa expressão literária, que pode ser diretamente ligada a sua própria origem como subgênero. Bandas pioneiras do estilo sustentam na literatura de horror uma fonte primordial para suas manifestações tanto em termos de letras como em visualidade. A partir da abertura para

novas possibilidades sonoras, bem como para distintas abordagens na poética das composições de rock pesado, temos um grande número de bandas que beberam na fonte dos textos ficcionais para construir músicas que tratam de temas caros a estilos como a literatura policial ou a literatura de ficção científica – exemplos podem ser facilmente encontrados em bandas clássicas e de conhecimento geral. A partir daí, no entanto, o rock pesado, principalmente no final da década de 1980, amplia sua temática e passa a abordar também como essencial a suas preocupações temas introspectivos e subjetivos. É justamente essa a tradição na qual a banda estadunidense Mastodon se insere. Eles têm em seu segundo álbum, *Leviathan* (2004), um trabalho conceitual inteiramente dedicado ao romance *Moby Dick* (1851), de autoria de Herman Melville. O livro, cânone da literatura ocidental, é tematizado em forma e conteúdo pelos músicos, e a análise transtextual dessa tradução intersemiótica será desenvolvida nesta comunicação, levando em conta as escolhas da banda, bem como a conversa desenvolvida pelo álbum com elementos pertinentes aos gêneros, tanto musicais quanto literários, aos quais se vincula.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada; Herman Melville; Mastodon.

